



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES – DOUTORADO EM ARTES

ADRIANA TOBIAS SILVA

DIVINA CASA: Arte, ancestralidade e pertencimento nos espaços sagrados da Festa do Divino de Dona Benedita no Quilombo Urbano Liberdade





UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES – DOUTORADO EM
ARTES

ADRIANA TOBIAS SILVA

DIVINA CASA: Arte, ancestralidade e pertencimento nos espaços sagrados da Festa do Divino de Dona Benedita no Quilombo Urbano Liberdade

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará - PPGARTES, como requisito para qualificação da pesquisa para obtenção do título de Doutora em Artes.

Orientadora: Professora Doutora Ana Cláudia do Amaral Leão.
Linha de Pesquisa 2: Teorias e Interfaces Epistêmicas em Artes. Área de concentração: Artes Visuais

Belém
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

S586d Silva, Adriana Tobias.
Divina casa : arte, ancestralidade e pertencimento nos
espaços sagrados da Festa do Divino de Dona Benedita no
Quilombo Urbano Liberdade / Adriana Tobias Silva. — 2025.
xvi, 157 f. : il. color.

Orientador(a): Profª. Dra. Ana Claudia do Amaral Leão
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Ciências da Arte, Programa de Pós-Graduação
em Artes, Belém, 2025.

1. Casa. 2. Ancestralidade. 3. Festa do Divino
Espírito Santo. 4. Artes Visuais . 5. Decolonial. I. Título.

CDD 299.6098121



INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

**ATA DE DEFESA PÚBLICA DE TESE DE DOUTORADO DO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ.**

Aos quatro (04) dias do mês de abril do ano de dois mil e vinte e cinco (2025), às quinze (15) horas, a Banca Examinadora instituída pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, reuniu-se sob a presidência da orientadora professora doutora Ana Cláudia do Amaral Leão, conforme o disposto nos artigos 73 ao 77 do Regimento do Programa de Pós-Graduação em Artes, para presenciar a defesa oral de Tese de Adriana Tobias Silva, intitulada: **DIVINA CASA: Arte, ancestralidade e pertencimento nos espaços sagrados da Festa do Divino de Dona Benedita no Quilombo Urbano Liberdade**. Perante a Banca Examinadora, composta por: Ana Cláudia do Amaral Leão (Presidente); Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida (Examinador Interno); Luzia Gomes Ferreira (Examinador Interno); Luís Felix de Barros Vieira Rocha (Examinador Externo à Instituição); Rosane da Silva Borges (Examinador Externo à Instituição); Zélia Amador de Deus (Examinador Externo à Instituição). Dando início aos trabalhos, a professora Ana Cláudia do Amaral Leão, passou a palavra à doutoranda, que apresentou a Tese, com duração de quarenta e cinco minutos, seguido pelas arguições dos membros da Banca Examinadora e as respectivas defesas pela doutoranda, após o que a sessão foi interrompida para que a Banca procedesse à análise e elaborasse os pareceres e conclusões. Reiniciada a sessão, foi lido o parecer, resultando em **reprovação () aprovação (X) com Indicação para Publicação**. A aprovação do trabalho final pelos membros será homologada pelo Colegiado após a apresentação, pela doutoranda, da versão definitiva do trabalho. E nada mais havendo a tratar, a professora Ana Cláudia do Amaral Leão agradeceu aos presentes, dando por encerrada a sessão. A presente ata que foi lavrada, após lida e aprovada, vai assinada pelos membros da Banca e pela doutoranda.

Belém-Pa, 04 de abril de 2025.

Ana Claudia do Amaral Leão (Presidente)

Documento assinado digitalmente
gov.br ANA CLAUDIA DO AMARAL LEAO
Data: 30/07/2025 13:20:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida (Examinadora Interna)

Documento assinado digitalmente
gov.br IVONE MARIA XAVIER DE AMORIM ALMEIDA
Data: 15/05/2025 15:59:53-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Luzia Gomes Ferreira (Examinadora Interna)

Documento assinado digitalmente
gov.br LUZIA GOMES FERREIRA
Data: 15/05/2025 19:33:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Luís Felix de Barros Vieira Rocha (Examinador Externo)



Documento assinado digitalmente

LUIS FELIX DE BARROS VIEIRA ROCHA

Data: 29/04/2025 15:09:33-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Rosane da Silva Borges (Examinadora Externa)



Documento assinado digitalmente

ROSANE DA SILVA BORGES

Data: 05/05/2025 10:08:20-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Zélia Amador de Deus (Examinadora Externa)



Documento assinado digitalmente

ZELIA AMADOR DE DEUS

Data: 19/05/2025 10:37:14-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Adriana Tobias Silva (discente)



Documento assinado digitalmente

ADRIANA TOBIAS SILVA

Data: 21/05/2025 14:20:33-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Às minhas avós Dionésia, Laura Rosa e Mamãe Rosa. À minha mãe Barbara e todas as conversas sensíveis sobre sua vida, seu passado e a delicadeza ao retratar sobre as sensações vividas em sua terra chamada Cedral-MA

AGRADECIMENTOS

Ao findar este ciclo e pesquisa, vivência e retorno, agradeço primeiramente a Deus e aos meus ancestrais que seguraram minhas mãos em todos os momentos que precisei.

Agradeço especialmente à minha tia avó Dionésia (*in memoriam*) Caixeira, da Mina e festeira que sempre nos acolheu com seu abraço/casa cheios de cuidado, amor e espiritualidade. Às minhas avós Laura Rosa Santos (vó materna - *in memoriam*), Rosa Penha (vó paterna *in memoriam*) que têm seus nomes impressos em minh'alma para além da minha escrita.

Agradeço de todo meu coração ao meu amor maior, minha mãe Maria Barbara Santos Tobias, que me acolhe todos os dias com seus abraços, orações e conselhos. Aquela que sempre apoia meus trabalhos e movimenta uma torcida única por mim.

Ao meu porto seguro, minhas irmãs Léa, Sheyla e Eliane que sempre me ajudaram a seguir minha vida acadêmica e profissional com incentivos diários para que eu não desistisse.

Agradeço, em especial, à minha irmã Eliane e ao meu cunhado Marcos que não mediram esforços para que eu tivesse um conforto em Belém quando tive que me mudar para cursar o doutorado, por me acolherem de volta quando tive que retornar devido a Pandemia.

Aos meus sobrinhos Isabele, João Vitor e minha princesinha Mayane Vitória dos olhos castanhos! Agora teremos muito tempo para aproveitar a vida juntinhos, viajar e aprontar muito!

Agradeço à minha prima Keiliane e minha tia Mercês, por me acompanharem durante pesquisa de campo nos espaços sagrados da Festa do Divino. A presença de vocês foi fundamental em todas essas idas e vindas nos momentos ritualísticos da Festa.

À dona Benedita (*in memoriam*), Seu Bedeu, que hoje segue cumprindo com a promessa de realizar a festa juto aos seus familiares, em especial, à sua esposa Albina e sua neta Leticia, que me ajudaram solucionando algumas dúvidas e facilitando minha aproximação junto aos participantes da Festa. Sou muito grata por vocês!

Agradeço imensamente à minha orientadora Ana Cláudia Leão, pela amizade, pela escuta pelo incentivo e por ser essa pessoa tão humana e acolhedora! Por me apresentar escritores e escritoras negras que ainda não tinha contato. Foi fundamental!

À professora Ivone Xavier com toda sua bravura ao ministrar as disciplinas que veio iluminando meu caminho nesta pesquisa e que trouxe contribuições riquíssimas ao meu trabalho.

Às professoras Rosane Borges e a Zélia Amador que tenho a honra de tê-las em minha banca e que me orientaram com preciosas falas para que eu desse continuidade ao meu trabalho. Ouvi-las tecendo elogios sobre minha pesquisa foi de me encher de orgulho.

À professora Luzia, LuZ, amiga querida e inspiradora, sempre presente com suas palavras doces e ao mesmo tempo fortes! Apareça para curtir um reggae no espaço Cultural Novo Quilombo.

Ao professor Doutor e amigo Luiz Felix, grata por ter aceito o convite para participar da minha banca.

Ao Programa de Pós-Graduação em Artes/PPGARTES, da Universidade Federal do Pará, que mesmo por pouco tempo de forma presencial, pude sentir o acolhimento nesse período de uma política sombria e que, com a ajuda do colegiado, não permitiram minha desistência.

À Secretaria do PPGARTES/UFGA, em especial à secretária Jacqueline Estumano, sempre competente e aconselhadora.

À bibliotecária Larissa Lima, por sempre nos atualizar com as orientações e normas acadêmicas.

Aos colegas da turma de doutorado do 2o semestre do ano de 2019 do PPGARTES/UFGA: Alberto, Andreza, Diego, Lucian, Paulo, Renata, Roberta, Yuri, Saulo, Nélia, Lúcia, Rita em especial aos amigos Andreza, Waléria, Renan e Juan, pelo apoio, escuta, mãos dadas nos momentos mais difíceis. Saudades de todos.

Aos meus amigos que estiveram sempre ao meu lado compreendendo cada falta, não, ausência física neste período de doutoramento: Laura Rosane, Anacris, Wilka, Diogo e Diego.

À minha amiga de infância Leiliane Barbosa, pelo braço dado desde sempre e, em especial, no início da jornada quando participei do processo seletivo para o doutorado, ao me acompanhar para fazer a prova em Belém. O processo foi mais leve ao seu lado. Pela amizade para toda hora.

À Murilo Santos, pela capacidade de sempre ser essa pessoa que contribui com aqueles que têm interesse em saber mais e mais sobre suas vivências e estudos. Por sempre trocar ideias que também iluminaram minha pesquisa.

À minha preta Jozenilma, por sempre perguntar como estou e se estou conseguindo segurar as pontas.

Às minhas arianas preferidas, Andrea Frazão e Monica Rodrigues que sempre me incentivaram a dar seguimento na vida acadêmica.

À Lucas, ex-aluno e amigo querido que sempre me acompanha nas Festas do Divino sem fazer desfeita aos meus convites.

Às minhas amigas Angela e Gabi, irmãs que me deram luz, trouxeram inúmeras reflexões para minha pesquisa com nossas vivências e trocas de experiências.

À minha terapeuta Ana Luísa, uma querida que, lá no início de 2024 me apresentou, no olho do furacão no qual me encontrava, uma proposta de autocuidado e de uma possível vida acadêmica/profissional mais leve e menos dolorosa. Obrigada por ajudar a me enxergar, me ouvir e me sentir.

Aos meus alunos, em especial, aos alunos que passaram por minha vida nesses últimos seis anos e que foram compreensíveis com esta professora que se dividia entre a sala de aula e o doutorado. Pelas trocas sobre nossas vivências em nosso universo de professora/pesquisadora e aluno/pesquisador.

Aos meus colegas de trabalho da Rede de São Luís e Paço do Lumiar respectivamente, em nome das professoras Fiana, em quem me inspiro a cada dia e a Fabiola (in memóriam) que sempre acreditou no meu potencial. Fabiola, brilha minha estrelinha!

RESUMO

“DIVINA CASA: arte, ancestralidade e pertencimento nos espaços sagrados da Festa do Divino de Dona Benedita no Quilombo Urbano Liberdade” é uma pesquisa realizada a partir das possibilidades de interpretar e imagens da Festa do Divino Espírito Santo em análise dos espaços e de suas hierarquias de acordo com os rituais que ali acontecem. Neste sentido tento o que seja além de mera análise de imagens, mas uma autoescrita, do meu eu, minha tia-avó a partir do lugar que fazem esse rito. É uma escrita que parte de uma ausência que venho preenchendo com imagens não vividas enquanto minha avó estava viva e que, agora, as vivencio por meio do meu olhar atravessado por uma pandemia. Escrevo pelas minhas ancestrais, em especial minha tia-avó, caixeira da Festa, por mim e por outras mulheres que não puderam dar continuidade em seus ofícios para uma nova geração, por conta do racismo religioso. Neste trabalho, parto da escrevivência da escritora Conceição Evaristo e faço das minhas fotografias um diálogo entre minha tia-avó e eu dos espaços imaginários, físicos e aqueles que são redesenhados com propósitos ritualísticos. É uma tese sobre ancestralidade e pertencimento de exaltação da história de uma mulher negra, mineira e avó de todos. Reescrevo vozes que não puderam se expressar a partir de um ensaio fotográfico, com base em meu olhar e falas dos participantes e realizadores da Festa do Divino no Bairro da Liberdade, o maior Quilombo urbano do Brasil.

Palavras-Chave: Casa; Ancestralidade; Festa do Divino Espírito Santo; Artes Visuais; Decolonial.

ABSTRACT

“DIVINE HOUSE: Art, Ancestry, and Belonging in the Sacred Spaces of Dona Benedita’s Festa do Divino in the Quilombo Urbano Liberdade”, this research explores the possibilities of interpreting the images of the Festa do Divino Espírito Santo by analyzing its spaces and their hierarchies according to the rituals performed there. In this sense, I seek to go beyond a mere analysis of images; this is an act of self-writing—of myself and my great-aunt—from the place where these rites take place. It is a writing that emerges from an absence, one that I have been filling with images I did not experience while my grandmother was alive, and that I now live through my gaze, shaped by the experience of a pandemic. I write for my ancestors, especially for my great-aunt, a *caixeira* of the Festa, for myself, and for other women who could not continue their crafts and traditions due to religious racism. In this work, I draw from the concept of *escrevivência* developed by writer Conceição Evaristo and establish a dialogue between my great-aunt and me through my photographs—capturing imaginary and physical spaces, as well as those reshaped with ritualistic purposes. This dissertation is a study of ancestry and belonging, exalting the history of a Black woman, a *mineira*, and a grandmother to all. Through a photographic essay, I rewrite voices that were silenced, based on my own perspective and the testimonies of participants and organizers of the Festa do Divino in the Liberdade neighborhood, the largest urban quilombo in Brazil.

Keywords: House; Ancestry; Festa do Divino Espírito Santo; Visual Arts; Decolonial.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1: Uma das Salas dos Altares no Festejo ao Divino de Alcântara de 200	19
Fotografia 2: Elementos plásticos da Festa do Divino de Alcântara: Luminárias e lanternas. 2009	19
Fotografia 3: Momentos durante pesquisa de Mestrado em Festa de Sant'Ana no bairro da Alemanha, com meus alunos da Escola UEB Vicente Maia em São Luís – MA - 2017	21
Fotografia 4 – Montagem com fotos da finalização do projeto sobre Intolerância Religiosa, resultado da pesquisa do Mestrado Profissional em Artes – UFMA. 2017	21
Fotografia 5 – Ao lado da minha madrinha Francimar durante Festejo Do Divino em 2022	24
Fotografia 6Fotografia 6: Caixeiras do Divino de Alcântara	25
Fotografia 7: 1994 - Da esquerda para a direita: Vassalo da espada Ovenilson. Keyla, aia da coroa, Dora de Coló Imp. e Regina Moraes, Aia do leque	25
Fotografia 8 - Carroças com as chamadas <i>esmol</i> as.	42
Fotografia 9: Esquina Bob Marley, no bairro Quilombo Liberdade	46
Fotografia 10: LuZ Gomes em frente ao Espaço cultural Novo Quilombo no Bairro da Liberdade.	46
Fotografia 11: tentativa de ser fotografada ao lado dessa pintura que representa personagens importantes do cenário cultural do Quilombo Liberdade.	47
Fotografia 12: Vó Dionésia ao lado do seu pai de Santo Geraldo.	54
Fotografia 13: Louça de Cerâmica com a letra “L” de Laura ao fundo.	55
Fotografia 14: Porcelana da Vó Laura Rosa. Presente de sua patroa.	55
Fotografia 15: Rosa, minha Vó paterna.	56
Foto 16: Vó Dionésia e seu Pai de Santo Geraldo	63
Fotografiaa 17 – Vó Dionésia e minha mãe na cozinha da casa no Bairro da Liberdade (1991)	64
Fotografia 18: Caixeira do Divino. Fundação Pierre Verger	66
Fotografia 19 - Maranhão, Caixeiras da Festa do Divino Alcântara, 1972 – Walter Firmo	67
Fotografia 20: Dona Oscarina Pinheiro	67

Fotografia 21 – Casa e o mastro: casa de Festa do Divino Espírito Santo realizada no Bairro da Liberdade.	76
Fotografia 22: Cortejo do Divino	77
Fotografia 23 – Altar do Divino durante o período da pandemia	79
Fotografia 24 - Mastro da Festa em repouso. Bairro da Liberdade, São Luís – MA Bairro da Liberdade, São Luís-MA	79
Foto 25 – pronta para filmar os preparativos da Salva para o Domingo de Pentecoste de 2022	82
Foto 26 – Adelson e ajudantes preparando o almoço para a Salva do Divino de 2022.	83
Fotografia 27: Cortejo de Domingo Pentecoste	84
Fotografia 28 – Salva das caixeiros ao Divino (2022)	85
Fotografia 29 – Salva das caixeiros ao Divino (2022)	86
Foto 30– Almoço do Império (2022)	87
Foto 31 Sequência: Buscamento do mastro	88
Foto 32 Sequência: Buscamento do mastro	89
Foto 33 Sequência: Buscamento do mastro	89
Foto 34 – Sequência do levantamento do mastro	91
Foto 35 – Sequência do levantamento do mastro	91
Foto 36 – Sequência do levantamento do mastro	92
Foto 37 – Sequência do levantamento do mastro	92
Foto 38: Seu Bedeu e o Santo	93
Foto 39: Seu Bedeu e o Santo	93
Foto 40 – Sala da Tribuna e a corte à espera do jantar	94
Foto 41: Hora do jantar	94
Foto 42: Missa de Domingo de Pentecostes	95
Fotografia 43: fachada da Casa de Festa com indicação de local de Festejo e endereço	100
Fotografias 44, 45, 46, 47 e 48 – Sequência fotográfica do pequeno Ravy de 2018 a 2024	102
Fotografia 49: Ravy ao centro da foto como mordomo da festa de 2023	103
Fotografia 50: Cortejo do Divino no qual Ravy participa como imperador da Festa de 2024	103
Foto 51: Cortejo de Domingo de Pentecostes	104

Fotografia 52: Parede da Memória, 1994-2015. Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Doação da Associação Pinacoteca Arte e Cultura – APAC, 2016.	109
Fotografia 53: Cortejo após a Missa de Domingo de Pentecoste. A rua é o palco.	111
Fotografia 54: O Mastro, seu Bedel, a Casa e o Cortejo.	111
Fotografia 55: Grande Festa do Domingo de Pentecoste.	112
Fotografia 56: Levantamento do mastro.	113
Fotografia 57: Sala da Tribuna	114
Fotografia 58: Sala da Tribuna	115
Fotografia 59: Sala da Tribuna	116
Fotografia 60: Sala da Tribuna	117
Fotografia 61: Sala da Tribuna	118
Fotografia 62: Imperador Ravy e sua tia Marly	119
Fotografia 63: família do Imperador Ravy	120
Fotografia 64: Sala do bolo	120
Fotografia 65: Sala da Refeição.	121
Fotografia 66: Sala da Refeição sendo organizada pelas madrinhas da mesa do café da manhã.	122
Fotografia 67: A Corte em seu momento de refeição.	123
Fotografia 68: A Cozinha em detalhes	124
Fotografia 69 e 70: A Cozinha	125
Fotografia 71: Fim de Festa, Salão vazio.	129

LISTA DE FIGUAS

Figura 1 : Maria Firmina dos Reis recriada por João Gabriel dos Santos Araújo em concurso realizado pela Flup	69
Figura 2: Busto de Maria Firmina dos Reis instalado na Praça do Pantheon, em São Luís (MA)	69
Figura 3: Mapa indicando distância entre bairro da Liberdade e o conjunto Habitacional Maiobão	71

LISTA DE GRAFICOS

Gráfico 1. Evolução dos casos de infecção por COVID - 19 no quilombo urbano da Liberdade (2020 - 2021)	80
--	----

SUMÁRIO

O ADENTRAR: é preciso pedir permissão (considerações iniciais)	17
1. CASAS – memórias entre cheiros, sabores e histórias.	39
1.1 Quilombo Urbano Liberdade – Cultura e diversidade	44
1.2 Minha Casa, tia-avó e alguns “agrados”	47
1.3 – Casa corpo/casa espírito – entre Festas	54
1.3.1 - Fotografias: Escassez da imagem revelada	59
2. Abertura da Tribuna – Casa de Festa no bairro da Liberdade e as Caixeiros do Divino	72
2.1 2020/2021 – Não haverá Festa! Como fica a tradição?	75
2.2 2023 – Festa do Divino do Bairro da Liberdade: vem que vou te mostrar!	81
3. CASA – arquitetura dos sentidos e os significados das coisas	96
3.1. Arquitetura dos sentidos	99
3.2 Os espaços que vemos e que, por vezes, não olhamos	100
3.3 Experiência Estética e estésica: demarcação dos espaços	108
3.3.1. Tecendo memórias: imagens e ancestralidade	110
3.3.2. O Mastro e a Rua: raiz fincada no tempo	110
3.3.3. Sala da Tribuna – O Portal para o Sagrado	114
3.3.4. Sala dos Bolos – O Esplendor e a Celebração	119
3.3.5. Sala da Refeição – partilha e abundância	121
3.3.6. A Cozinha – onde o tempo ferve nas panelas	124
Considerações finais: O choro do encerramento (ou continuação)	125
Álbum de fotografias - Licença poética de imagens	129
REFERÊNCIAS	169
ANEXOS: A FESTA CONTINUA	171

O ADENTRAR: é preciso pedir permissão.

“DIVINA CASA: arte, ancestralidade e pertencimento nos espaços sagrados da Festa do Divino de Dona Benedita no Quilombo Urbano Liberdade” foi pensado a fim de subsidiar a interpretação dos espaços que compõem o cenário visual e imaginário da Festa do Divino Espírito Santo, no Bairro da Liberdade, na capital maranhense, a partir do repertório visual existentes na ambientação desse festejo. No decorrer da minha escrita, comecei a perceber que esta tese deveria estar para além da análise de espaços da referida festa. É uma autoescrita, trata-se do meu eu, minha digital numa estrada retornada, escrevivência que passa por minhas avós, pelos espaços imaginários, físicos e aqueles que são redesenhados com propósitos ritualísticos. É uma tese sobre ancestralidade e de exaltação da história de uma mulher negra, mineira e avó de todos, minha tia avó que faleceu em 2011 aos 97 anos.

Antes de tudo, preciso trazer à luz, um pouco dessa minha caminhada que acabou me levando ao que hoje faço surgir em forma de tese. Enfrentar um doutorado em Belém-PA, me tocou no sentido de poder mesclar meu corpo a um espaço que também pertence a mim, embora seja eu nordestina, mas de uma terra vizinha chamada Maranhão mesclada geograficamente ao Pará pela grandiosa Amazônia e suas histórias. Um dos lugares mais próximos que possui uma pós-graduação em Artes, que já formou outros colegas conterrâneos, o Programa de Pós-graduação em Artes. Belém, cidade na qual pretendia morar até o fim do meu doutorado, planos estes, interrompido por uma pandemia, fazendo com que ali eu habitasse, apenas por 8 meses. Pouco tempo, mas de uma dimensão grandiosa nesta caminhada.

A motivação para cursar este doutorado não partiu apenas do princípio de uma obrigatoriedade legal, pelo fato de eu atuar como docente de Arte na Rede Pública e ter que cumprir com a Lei de nº 10.639/03, que contempla o ensino da História e cultura afro-brasileira, mas pelo vínculo com esse universo da cultura popular no contato com alunas e alunos e também por minhas raízes familiares, com proximidade a esses festejos religiosos que mesclam o fazer e a devoção. O fato de descender de uma *caixeira*¹ que tocava para a Festa do Divino Espírito de Dona Benedita, no bairro da Liberdade – hoje considerado um dos bairros que concentra uma grande variedade de práticas

¹ Mulher que toca um instrumento de percussão denominado de *caixa*.

relacionadas à cultura popular – maximiza o entendimento do quanto é necessário aproximar-me dessa prática social, que frequentemente, em São Luís, também é a prática social dos e das discentes a fim de ampliar nossas vias de diálogo.

A partir de várias experiências em diversos festejos que me levaram a perceber que a arte percorre o universo da minha cultura, de um povo preto, que possui uma marca da tradição e reconhecer que a postura dos que produzem esses festejos é invariavelmente a postura de alguém que lida com os elementos artísticos da contemporaneidade e que hoje veem nessa valorização uma forma de projeção dessa cultura material e imaterial.

Esse reconhecimento advém do engajamento com a própria Festa em Alcântara – MA quando da realização de pesquisa preliminar em que pude perceber que nos adornos produzidos para as diferentes etapas do ritual encontram-se não apenas elementos da linguagem visual tais como cores, formas, texturas, dentre outros, como também expressões do ambiente cultural e histórico em forma de reproduções em escalas decorativas de edificações religiosas e civis, neste caso, ainda que o elemento contemplativo ocorra, há, certamente, uma apropriação da forma estética, porém com conteúdo próprio. Os adereços da Festa do Divino exibem cores, formas, proporção, texturas, bidimensionalidades e tridimensionalidades, constituindo-se em vasto campo propiciatório de experiências de apreciação artística, para fora, porém para dentro os significados são imensuráveis e afeto à devoção.

Tive a oportunidade de fazer vários registros fotográficos das Festas do divino de Alcântara o que me gerou uma grande quantidade de arquivos fotográficos de 2008 até então. Os Altares e adornos eram alvo das minhas pesquisas, encantavam meus olhos pelas cores, brilhos e espaços preenchidos desses ornamentos. Espaços sagrados, assim definia esses espaços que pareciam ganhar essa característica por apresentarem uma ornamentação própria. Fotografias 1 e 2.

Fotografia 1: Uma das Salas dos Altares no Festejo ao Divino de Alcântara de 2009



Fonte: Adriana Tobias, 2009.

Fotografia 2: Elementos plásticos da Festa do Divino de Alcântara: Luminárias e lanternas. 2009



Fonte: Adriana Tobias 2008

Naquela oportunidade, busquei identificar tais elementos com vistas a uma futura experiência de ensino da Arte, por meio da aplicabilidade da proposta, visto que os elementos observados em Alcântara se repetem em São Luís nas dezenas de Festas do Divino espalhadas por toda a Ilha. Utilizá-los, também, como objeto empírico de estudo as manifestações da religiosidade popular é uma iniciativa que contribui para a valorização da cultura popular, acatando a demandas hoje também atendidas por ações de salvaguarda, por parte de órgãos públicos ligados à preservação do patrimônio cultural material e imaterial brasileiro, como o Inventário Nacional de Referências Culturais (**INRC**), instrumento oficial da política federal de patrimônio imaterial para a produção de conhecimento sobre bens culturais de natureza imaterial. Essas manifestações expressam seus significados por meio de um sincretismo de linguagens: a dança, o canto, a música e as expressões plásticas.

Percebendo que a aplicabilidade da experiência sugerida naquela investigação, que é basilar para minha prática docente cotidiana, prescinde de maior aprofundamento teórico e metodológico em continuidade à experiência de pesquisa no Mestrado finalizado em 2018, busquei neste programa o apoio para aprofundar as reflexões iniciadas sobre essa manifestação.

Em uma reflexão sobre uma abordagem teórico-metodológica, por meio da Festa do Divino Espírito Santo em São Luís, investiguei formas de estimular o olhar dos alunos do Ensino Fundamental/Séries iniciais em duas escolas da rede municipal na qual lecionava. Levei em consideração a necessidade de trabalhar conteúdos de Arte voltados para as diversidades étnico-raciais pautados nas *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* (LDB nº. 9.394/96), *Parâmetros Culturais Nacionais de Arte*, *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais*. Abordei ainda, as possibilidades de repertório visual para o ensino de Artes Visuais nos espaços sagrados da Festa do Divino e relatei ações pedagógicas por meio de Projeto de Arte com discentes, voltado para análises dos espaços e elementos visuais das Casas de Festas do Divino em pesquisa de campo, fotográfica e videográfica, com o intuito de incentivar a valorização do trabalho de apreciação estética, produção artística e o combate à intolerância religiosa. (Fotografia 3 e 4)

Fotografia 3: Momentos durante pesquisa de Mestrado em Festa de Sant'Ana no bairro da Alemanha, com meus alunos da Escola UEB Vicente Maia em São Luís – MA - 2017



Fonte: Adriana Tobias 2017

Fotografia 4 – Montagem com fotos da finalização do projeto sobre Intolerância Religiosa, resultado da pesquisa do Mestrado Profissional em Artes – UFMA. 2017



Fonte: Adriana Tobias 2017

Esse percurso me motivou a dar continuidade à problematização de tal manifestação cultural, desta vez em nível doutoral. Com a ajuda de professores e colegas, a ideia inicial é interpretar os espaços sagrados da Festa do Divino Espírito Santo a partir do repertório visual e das dimensões do imaginário existentes na ambientação feita ali, bem como o lugar das imagens de origem africana no espaço sagrado da devoção das festas realizadas aqui em São Luís. Isso posto, a pergunta norteadora desta proposta de pesquisa é: A partir de que momento os ambientes das casas, que servem como moradias comuns, tornam-se espaços sagrados e o que motiva a devoção diante desses espaços durante a Festa do Divino Espírito Santo, tendo em vista que os mesmos, antes e depois, configuram-se como cômodos de moradias comuns? Um quarto do casal, por exemplo, pode se transformar em um desses espaços?

Na Festa do bairro da Liberdade, assim como em outras festas do divino, leito de núpcias, guarda roupas e outros móveis são retirados dos quartos, uma vez que, além da cozinha, quintal e dispensa, espaços de produção do alimento são todos para as práticas e execução da festa. A casa de festa necessita de dois espaços considerados especiais, de acordo com a hierarquia dos espaços, em geral, a Sala de estar se torna sala da tribuna onde ficam o altar, tronos e cadeiras das caixeiros e um outro espaço com uma grande mesa para realização dos banquetes, além dos espaços para as mesas dos bolos. Porém não posso deixar de mencionar a Rua que acaba sendo uma extensão da Festa, cenário importante para parte dos rituais.

Falar de Festa do Divino Espírito Santo em São Luís também significa fazer uma abordagem relacionada às religiões de matriz africana, diferentemente de outras Festas do Divino realizadas em outros lugares do Brasil, pois tal manifestação cultural nos leva a questionar a maneira como os símbolos como a coroa, o pombo, o mastro, relativamente ligados ao mundo europeu, se relacionam com o mundo africano. Assim, mais uma vez reforço a importância em pesquisar aquilo que faz parte do universo da cultura popular na concepção do decolonialismo, além de fortalecer a necessidade de preservar e valorizar tal Patrimônio Cultural Imaterial.

Realizar análise desses espaços da Festa do Divino Espírito Santo é, assim, necessário pelo fato de que em todo o processo de criação, confecção e montagem das peças que compõem os adornos nesses ambientes são desenvolvidos conjuntos de procedimentos e formas construtivas que atribuem a tais elementos e ambientes um

estilo próprio. Tais construções, embora se mantenham ao longo dos anos, também se colocam na dinâmica das transformações estéticas permitidas dentro de limites socialmente aceitos. Para tanto, enfoco alguns conceitos de *espaço, sagrado e profano*.

O estudo do objeto em questão se faz necessário pelo fato de que em todo o processo de criação, confecção e montagem das peças que compõem os adornos da Festa observa-se um conjunto de procedimentos e formas construtivas que atribuem, a tais elementos e ambientes, um estilo próprio que, embora se mantenha ao longo dos anos, também se coloca na dinâmica das transformações permitidas dentro de limites socialmente aceitos. A ambientação dos espaços parece materializar-se em espaços sagrados o que pode implicar em uma “hierofania, ou seja, uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente” (ELIADE, 1992, p. 20).

A primeira vez que entrei em contato com a Festa do Divino Espírito Santo não foi no instante em que pisei num local de festa. Presenciei várias Festas, tanto em São Luís como em outras cidades do Maranhão. No entanto, esse primeiro contato se deu em minha infância, quando em vários pequenos momentos em que, Dona Dionésia, minha tia avó, em alguma das vezes que ia nos visitar no bairro do Maiobão, em Paço do Lumiar – MA (Falarei mais à frente sobre o bairro citado), levava consigo grandes pedaços de bolos confeitados com cobertura açucarada. Eram doces das Festas do Divino, dentre outros grandes festejos ligados às religiões de Matriz africana que ela participava. Além dos doces, carregava consigo, lembrancinhas e bonecas de plástico revestidas com lindos vestidos. As chamadas *lembrancinhas*, eram colocadas para decorar o móvel da sala e quase não se falava sobre a sua procedência, pois era “pecado comer ou brincar com objetos vindos de *terreiros*”

Ainda sem ter a noção de onde vinham, vê-los e senti-los, o bolo e seu sabor, as bonecas e *lembrancinhas* em suas belezas, me envolviam nessa mistura de estímulo dos sentidos até então, sem explicação. Tais sensações podem ser as mesmas de tantas outras crianças que vivenciaram momentos assim, e que faz com que se perceba a importância em investigar sobre esse sentir.

Passado o tempo, soube que uma das grandes Festas do Divino que acontecia no bairro Liberdade era organizada pela dona Benedita, mãe da minha madrinha Francimar, com quem tive contato mais frequente do período de minha infância.

Francimar, uma senhora calma que sempre me dava presentes em datas especiais. Voltamos a nos encontrar após a Salva do Divino de 2022, como é possível ver na Fotografia 5.

Fotografia 5 – Ao lado da minha madrinha Francimar durante Festejo Do Divino em 2022



Fonte: Adriana Tobias (2022)

Fui percebendo, já na universidade durante o período de estágio no Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, que toda exposição relacionada ao Divino Espírito Santo provocava a mesma mistura de sensações agradáveis. Além do ambiente organizado como *sala do império* nesse espaço cultural expositivo, algumas fotografias sobre a Festa me faziam viajar em universo que não conhecia de perto. As fotografias que faziam um recorte da Festa do Divino, eram de Murilo Santos, arte/educador, cineasta e fotógrafo maranhense. Eram imagens capturadas em 1992 na Festa de Alcântara. Fotografias que expressavam o olhar daquele fotógrafo sobre o festejo, mas que na ocasião, fez com que eu me remetesse a um lugar que sequer conhecia. (Fotografias 6 e 7)

Fotografia 6: Caixeiras do Divino de Alcântara



Fotografia 7: 1994 - Da esquerda para a direita: Vassalo da espada Ovenilson. Keyla, aia da coroa, Dora de Coló Imp. e Regina Moraes, Aia do leque.



Fonte: Acervo de Murilo Santos, 1994.

Nesse período só havia assistido vídeos e presenciado apresentações de *caixeiras* no espaço museal do Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, a Casa da Festa, localizado no Centro Histórico de São Luís, Rua do Giz nº 22, momentos que se retirava alguns ritos de seus lugares comuns a um local de apresentação para visitantes, que muitas vezes, assim como eu, ainda não tinham presenciado tal festejo. Apenas em 2008, no auge dos meus 28 anos que pude conhecer de perto a Festa do Divino Espírito Santo, onde a mistura de sabores, sons, brilho, movimento vieram fazer sentido para mim, como quem monta um grande quebra-cabeça dos sentidos.

Comecei essa experiência como estesia (OLIVEIRA, 1995), a partir da Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara. Aquela Festa me deixou tão extasiada que me tomou por completo. Muito raramente deixo de acompanhar algum festejo ao divino. Não existe festejos iguais, sempre haverá algo diferente do ano anterior, como cores, modelos das salas de altares, mas os rituais sempre serão os mesmos em determinados festejos. Essa paixão pelo festejo cresceu ainda mais quando soube das participações da minha avó no Festejo da Liberdade como caixeira.

O termo estesia, aqui, é utilizado com base nas pesquisas de Ana Claudia Mei Alves de Oliveira que é resultado das confrontações possibilitadas a partir da obra do linguista lituano Algirdas Julien Greimas. Utilizo esse termo por entender que as experiências entorno da Festa do Divino me remetem ao que a autora conceitua essa experiência estética, no sentido de estesia que é a:

[...] percepção, através dos sentidos, do mundo exterior, faculdade que possibilita a experiência do prazer (ou do seu contrário), assim como de todas as “paixões” – aquelas da “alma” e também aquelas, físicas, do corpo, da “sensualidade” (OLIVEIRA, 1995, p. 231).

A Festa do Divino e todo seu repertório visual, sonoro e espacial é capaz de conduzir seus participantes a uma espécie de encontro de sensações capaz de levá-los à embriaguez ao adentrar nesses *espaços sagrados*: o conjunto de cores e símbolos, o caimento do cetim, a sobreposição de tecidos, a ornamentação dos espaços, a textura tátil e visual, o brilho das roupas. Neste trabalho, tomo os ambientes físicos devocionais, como espaços expressivos e pretendo realizar análise desse imaginário topográfico que preenche as casas de Festa. Para Certeau, a noção de *espaço* e *lugar* se distinguem um

do outro. “Um lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade” (CERTEAU, 2014, p. 184), segundo o historiador, *espaço*:

[...] *é um lugar praticado*. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em um espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos – um escrito (CERTEAU, 2014, p. 184).

Retrato então, estes ambientes, como os *espaços sagrados*, assim como os veem, aqueles que produzem a Festa e que são devotos do Divino Espírito Santo, pois são locais onde acontecem os ritos de devoção ao Divino e às entidades sincretizadas nas figuras de santos do catolicismo popular.

Tendo em vista tais reflexões, percebi a relevância, tanto social quanto acadêmica de interpretar os espaços sagrados da Festa do Divino Espírito Santo e as complexas relações de significados naqueles espaços culturais, e o quanto ela é uma festa de negros para negros, em que a religião de matriz africana, juntamente com a iconografia presente, podem traduzir tais espaços. Busquei aprofundar as reflexões relacionadas ao sagrado que ficaram pendentes durante minha trajetória em que realizei a pesquisa de mestrado, com o intuito de elaborar um material que sirva de apoio para a comunidade pesquisada, e para pesquisadores de tal manifestação cultural, o bairro da Liberdade, que hoje é considerado o maior Quilombo Urbano das Américas, autenticado pela Fundação Cultural Palmares em 2019, cujo território envolve os bairros Camboa, Fé em Deus e Liberdade, e cuja população ultrapassa os 160 mil habitantes.

Aproveito este espaço entre minhas falas sobre a Festa e minha paixão por tal Festejo, para falar um pouco dessa Adriana que se encontrou perdida no meio da pesquisa por conta de vários acontecimentos: convocações em concursos que resultou em idas e vindas semanais entre São Luís e Belém e o desastroso e trágico período da Pandemia causado pelo Vírus Covid 19².

É importante destacar que a Festas do Divino, costuma atrair um número muito grande de pessoas e que minha pesquisa requer uma participação intensa no campo, e,

² O diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom, declarou hoje (11/03/2020) que a organização elevou o estado da contaminação pelo novo coronavírus como pandemia. O anúncio surge quando há mais de 115 países com casos declarados de infecção. A mudança de classificação não se deve à gravidade da doença, e sim à disseminação geográfica rápida que o Covid-19 tem apresentado. Disponível em: encurtador.com.br/eyPSV. Acesso em 07 ab. 2021

nestes quase 3 anos de pandemia do Covid19, a Festa não pôde acontecer devido aos decretos voltadas para a segurança da população. Ou seja, foram três anos sem a Festa do Divino do Bairro da Liberdade. Paralelo à pandemia e ao não acontecimento da Festa do Divino no bairro da Liberdade, assumi no final de 2019, em São Luís, cargo de professora com carga horária de 20h e no começo de 2021, em Paço do Lumiar, carga horária de 40h, somando um total de 60 horas.

É importante enfatizar, que, quando entrei para o Programa de Pós-graduação em Artes, ainda não estava com o tempo comprometido. Meu objetivo era me dedicar totalmente ao doutorado em Artes. Era uma aluna sem bolsa de estudos, desempregada e com o mínimo de condições financeiras vivendo em Belém, apenas com ajuda de alguns amigos e familiares. Fui agraciada com estas convocações quando menos esperava, no momento que mais precisava, desta forma, não tinha como abrir mão dessas duas nomeações. Até então, minha intenção era de total dedicação ao PPGARTES, mas não pude, devido à ausência de bolsas no então governo (2019-2023). Quando as bolsas começaram a serem liberadas, no então DESGOVERNO, eu já estava como professora efetiva das redes de São Luís e Paço do Lumiar.

Em 2022, com retorno das aulas presenciais nas 3 escolas que trabalho, fiquei com meu tempo completamente comprometido e não pude concluir o material para qualificação, mas o principal motivo pela não qualificação em tempo hábil, se deu pelos praticamente três anos, sem uma grande Festa em si. Encontrei-me sem chão e sem estrutura emocional para driblar todos esses acontecimentos dentro do tempo previsto para o término do doutorado.

Em 2020, assim que as aulas da UFPA foram suspensas, voltei para o Maranhão, em Paço do Lumiar, para casa da minha mãe, a quem me vi na obrigação de protegê-la do vírus. Passei a morar com minha mãe, duas irmãs, cunhado e sobrinha. Ao mesmo tempo que eu concluía as disciplinas online do doutorado, lecionava Arte para crianças da rede municipal de São Luís e Paço do Lumiar, além de fazer todo controle de proteção para que minha mãe não contraísse Covid19. Esse era meu maior pavor. Trancada em um quarto, escrevi, assisti aulas, ministrei aulas e contraí Covid um pouco após tomar a primeira dose da vacina **AstraZeneca**, por ser professora. Minha concunhada não chegou a tomar a primeira dose, contraiu o Vírus e faleceu em pouco tempo. Ficamos abalados.

Todos fomos atravessados pela pandemia. Todos temos dores, todos vimos o planeta perder e perder pessoas durante todos os dias. Não tinha como a tradição atravessar o bom senso e cuidados com seus devotos. Assim, 2020 não houve Festa do Divino no Bairro da Liberdade. Em maio 2021, o dono da Festa, seu Bedel, fez apenas uma reza de ladainhas com distribuição de alimentos em marmitas, por conta dos protocolos de segurança. Infelizmente, não pude participar, pois havia contraído Covid19, como dito logo acima (exame em anexo). Em 2022, também não tivemos a Festa do Divino, apenas um momento no Domingo de Pentecoste, o que costuma-se chamar de Salva ao Divino, onde tive a oportunidade de filmar, coletar entrevistas que estou usando para minha escrita.

Em 2023 tudo aconteceu como um sonho. Chorei, choramos, sorrimos, cantamos por um retorno dos rituais desse festejo ao Divino. Era notório a emoção estampada nos participantes da festa. A Festa foi realizada com todos os passos dos rituais: Abertura da Tribuna, Decoração dos espaços sagrados, Buscamento do Mastro, Levantamento do Mastro, cortejos, missas, ladainhas, derrubamento do Mastro, fechamento da Tribuna e Carimbó das Caixeiros. Rua fechada para o Festejo com música, muita comida e bebida. Nossa!

Esse misto da Adriana pesquisadora, neta de Caixeira, professora fez com que eu não desistisse, além da força dos meus ancestrais.

Sou professora de Arte há mais de 14 anos e sempre busquei inserir meus alunos nesse meio cultural que faz parte do universo deles, mesmo que alguns ainda enxerguem essas manifestações de forma preconceituosa. Esse incentivo à valorização da cultura do aluno é muito marcante em minha trajetória, pois isso se dá, com o intuito de que repita com meus alunos, o que aconteceu comigo: essa não aproximação ao universo da minha própria cultura. Penso nessa batalha diária de sala de aula uma forma de cumprir a missão de fazer com que meus alunos entendam que eles são alunos/pesquisadores e que não deixem passar despercebidos uma manifestação cultural tão próxima a eles.

A relação discentes/professor, ou melhor, Adriana/discentes, faz com que eu recorde dessa jornada que foi o meu ensino fundamental, ensino médio e todas as transições recorrentes neste período. Uma grande quantidade de professores que apenas se importam em passar conteúdos, sem ao menos se preocupar com a cultura vivida pelo aluno. Faz com que eu recorde a Adriana que encerrou seu ensino médio em

2000 e que passou por 4 vestibulares tradicionais sem perspectiva de passar tão cedo para uma faculdade. Recordo-me das críticas por já estar com 24 anos e ainda não ter conseguido ouvir meu nome na Rádio Universidade 106,9 nos resultados das listas de aprovados, mas ciente de que queria cursar Educação Artística e, talvez virar uma artista, mas jamais professora. Entrei na universidade um pouco antes de implementarem as Ações Afirmativas. Não teria perdido 4 anos com vestibular tradicional que não entendia a diversidade de seus candidatos, mas enfim, foi um processo que acabou me trazendo para o universo da educação, fazendo com que eu me tornasse uma Arte/educadora, que olha para o aluno de forma individual, não os invisibilizando e atenta às questões culturais dos alunos.

Quando meus alunos são levados para fazer pesquisa de campo ou até mesmo realizar entrevistas com seus familiares ou pessoas do entorno da comunidade escolar, os oriento para olharem os espaços com todos os detalhes de quando realizamos uma leitura de imagem. Orio- os a se questionarem, a olharem tudo de forma minuciosa e assim vamos seguindo com um trabalho de muito respeito ao adentrar em tais espaços sagrados.

Esta tese, não é mais sobre meus alunos, indico a parte que falo sobre eles em minha dissertação de Mestrado. Esta tese é sobre mim, sobre minha avó, sobre a Casa, sobre ancestralidade, sobre recuperação da memória/linhagem/ancestralidade, é sobre não deixar essa história tão linda se apagar, é sobre a indignidade por ter visto minha história e da minha avó terem sido sufocadas pelo racismo, sobre o que me impulsiona a voltar ao jardim de nossas mães/avós.

O que leva um espaço comum de uma casa, como uma sala de estar, copa, quartos, cozinha passarem a ser denominados de espaços sagrados? Como esses espaços vão ganhando uma reconfiguração diferente do que era considerado apenas uma casa de morada? O despertar de manhã cedinho, ao som das alvoradas, das rezas, ladainhas. Casa cheia, boca da noite, gente para lá e para cá. Criança de colo chorando, conversas e gargalhadas antes dos momentos ritualísticos. Conversas até tarde da noite, para acordar bem cedo, no dia seguinte, dando início a mais um dia de Festa. Tudo muda! É outra casa! Esses momentos prévios e pós Festa, também me despertam uma sensação de curiosidade que me induz a transcender, num voo de reconhecimento do espaço, assim como o voo de um pombo, que segue pousando aqui e ali, como quem

analisa o espaço, sentindo em suas asas a vibração do lugar. Ora sobrevoa, ora repousa, absorvendo os detalhes de cada espaço.

A Festa do Divino Espírito Santo, esse festejo que faz despertar todos os sentidos daqueles que estão dispostos a se permitirem, é realizada em quase todo o Brasil, em devoção ao Divino Espírito Santo, representado de forma iconográfica pela imagem de um pombo. É uma Festa de origem europeia, porém, ao refletir sobre a festa, partirei de um olhar decolonizador, abraçando as características da festa, a partir de sua ligação com o Tambor de Mina.

Escolhi três verbos para traduzir minha pesquisa, no decorrer de minha escrita, *transcender, adentrar e festejar*. É assim que sigo, tentando esquecer minhas funções de pesquisadora, por alguns instantes, buscando fazer esse mergulho como se fizesse parte do espaço e que, ao mesmo tempo, como quem olha com a delicadeza de quem está de fora. Será que não sou de dentro?

Já foram tantas as Festas do Divino que, com todo respeito e reverência adentrei, sempre tomando todo o cuidado, para não fazer nada de errado. Minha timidez e o medo de quebrar alguma regra, diante das pessoas presentes na Festa, redobrava aquela tensão nos primeiros momentos da visita, o medo de dar um passo errado e atravessar a frente dos que estavam ali apenas para apreciar. Na época, não tinha muitas pessoas com celular na mão ou filmadoras para registrar. Os registros, em sua maioria, eram feitos apenas pelas retinas e eu ali com uma câmera fotográfica emprestada por meu então companheiro. Não era tão fácil para uma estudante que dependia de uma bolsa de estudos, ter uma câmera fotográfica ou até mesmo um celular com uma boa qualidade.

Olá! Licença! Posso fotografar? Posso filmar? Me chamo Adriana! Juntamente com meu então companheiro, que já era conhecido de todos ali, na maioria das festas. Entrava e observava, tentava entender os acontecimentos ali, juntar como quebra cabeça tudo que via, ouvia, sentia com todo meu corpo. Quando me ofereciam algo, como comida, bebida, lembrancinha, aceitava prontamente, pois não é de bom tom fazer desfeita aos *festeiros* do Divino, não tinha como negar atitudes tão carinhosas. Notava, nesses anfitriões, um certo prazer, felicidade quando aceitamos qualquer tipo de agrado.

Quando vou em festas das quais já sou conhecida, costumo sair com uma sacola cheia de bolos e lembrancinhas de quase todas as mesas das festas. É muito

gratificante!

Ainda sobre o chamado *agrado*, vale ressaltar um aspecto importante na Festa do Divino, que é a seriedade em dar, receber e retribuir. É, justamente, por estas características que se recorre à referência nos estudos do antropólogo Marcel Mauss (1974), onde o autor descreve, em estudos realizados em sociedades da Polinésia, situações análogas às festas que acontecem no Maranhão. Essas sociedades possuem uma relação intensa entre os objetos, que para elas, possuem espírito.

É hábito comum os visitantes de tais festas e em especial, as chamadas *caixeiras*, serem presenteadas com cortes de tecidos, comidas e lembranças com a iconografia da Festa. Essas lembranças são chamadas de *agrado* o que, na atualidade, pode vir em forma de um cachê também acompanhado de alimento e lembrancinhas da Festa. Uma forma de retribuir as *caixeiras*, por passarem muitas horas cumprindo com as suas obrigações ao Divino.

Em São Luís, é possível deparar-se com esse paralelismo, em vários momentos da festa, em que ocorre a doação e retribuição, pois a festa gira em torno da devoção, desses atos que geram certa satisfação para quem o faz. Os chamados *festeiros* fazem questão de realizar uma Festa farta, com bastante comida e bebida, mesmo em momentos pouco solenes, pois para eles, é muito prazeroso ouvir que sua festa foi farta e que todos saíram falando bem.

Quando faço esse relato, não me refiro a uma Festa do Divino específica, faço sim, um leve relato/apanhado de uma vivência enfeitada por vários momentos de Festas, que me fazem parar, fechar os olhos e imaginar cada cor de tecidos de cetim presentes nesses espaços, cada brilho dos bordados nos vestidos das crianças que representavam o império. Imagino o som das vozes das caixeiras, inclusive, enquanto escrevo, aproveito para ouvir um dos CD das caixeiras do Divino que copiei para meu computador.

Costumo filmar ou fotografar tais festejos com muito carinho. A princípio, eram registros simples, tímidos, escondidos, carregados de respeito e que, com o tempo fui ganhando espaços e entendendo uma forma de fotografar ou filmar, sem atrapalhar as cenas ou me parecer invasiva aos visitantes que ali estavam. Tentava, de algum modo me camuflar, ser invisível, mergulhando de leve nesses espaços sagrados.

Mas, bem lá no fundo do meu íntimo, algo tentava dizer que aquilo tudo era

muito familiar, fazia parte de mim. Sabe aquela sensação de descobrir um parentesco distante com alguém que se é muito querido, que nos deixa a sensação de conforto e prazer? Assim me sentia, quando apreciava fotografias que retratavam a Festa do Divino ou presenciava algum dos festejos, que acontecem em São Luís, Itapecuru, Itamatatua ou Alcântara. Esses acontecimentos festivos fazem parte de mim e vice-versa, foi buscando em minhas memórias e longas conversas com minha mãe, que obtive respostas para tais questionamentos. A proximidade a todo esse universo da Festa do Divino se deu por meio de minha tia-avó, Dionésia, irmã da minha avó materna, que, me permitiu vivência com a Festa do Divino, a começar pelos doces, bolos confeitados, lembrancinhas que ela levava até nossa casa: bonecas vestidas como imperatrizes, taças redecoradas, minis embarcações enfeitadas. Era como a iconografia das Festas de terreiros chegava até mim. Agarro-me nessas memórias como uma espécie de reencontro com estas sensações que são construídas, como uma espécie de quebra-cabeça autoral, com significados e imagens que fazem parte de mim. Significados esses, emaranhados às minhas vivências como pesquisadora, foram criando um novo corpo fundamental para o desenvolver da minha pesquisa. Como afirma a professora da UFPA, Bene Martins (2011) “Ao falar de memória, portanto, não se pode pensar em algo guardado na íntegra, ao contrário, em se tratando de memória, parece que quanto mais tempo ela fica aninhada, mais ela absorve elementos que a enriquecem, enquanto guardadas.” (MARTINS, 2011, p. 174) Tais memórias, com o passar do tempo, vêm sendo enriquecidas com outras capturas realizadas por meio do toque, da apreciação, fruição, degustação em tantos espaços frequentados da Festa do Divino.

Assim, surge minha pesquisa ***DIVINA CASA: arte, ancestralidade e pertencimento nos espaços sagrados da Festa do Divino de Dona Benedita no Quilombo Urbano Liberdade***. Uma pesquisa sobre Casa/afeto, Casa/Orum, com o fim de auxiliar na interpretação dos espaços que compõem o cenário visual e imaginário da Festa do Divino Espírito Santo, no Bairro da Liberdade, na Capital maranhense, a partir do repertório visual arroladas numa estética própria, arquitetura própria, arquitetura dos sentidos existentes na ambientação desse festejo. Uma Festa que fez parte da vida da minha tia-avó, como *caixeira* do Divino Espírito Santo, e mulher que participava efetivamente de tal festejo.

A presença de mulheres, nos espaços da Festa do Divino, como parte daquelas que conduzem os rituais, ganha destaque com a presença dessas mulheres denominadas de *caixeiras*, em sua maioria, de mulheres negras. São essas mulheres, comandadas pela *caixeira régia* consideradas elo, com seus cantos e toques de caixa, entre o divino e o terreno. Uma espécie de mensageiras do Divino. São as caixeiras que abrem e fecham a *tribuna*, que é, justamente, esse espaço sagrado que habita o divino.

Minha tese perpassa entre os espaços físicos, espaços constituídos em minha memória e os espaços imaginários, recriados por conta dessa falta de vivência/convivência com minha avó e os ritos dos quais não pude acompanhar segurando em suas mãos. Nomeio os capítulos de forma a trazer meu leitor para esses espaços que os denomino de sagados. A palavra “Casa” sempre se fará presente pois a considero rica em significados, inclusive alguns significados dados por mim. Casa envolve simbologias, sentimentos, cheiros, histórias, marcas daqueles que por ali passaram. Casa tem espírito, casa tem alma.

No primeiro capítulo Casas – memórias entre cheiros, sabores e histórias realizo um valsear com significados de casas para alguns autores, comunidades negras, para mim e a importância desses espaços e seus cômodos em Festas de Santo em que a casa de um morador é reconfigurada e transformada em *espaço sagrado ritualístico*, palco para rituais a determinadas entidades. As três casas que me refiro são minha antiga residência no Maiobão, onde hoje reside minha mãe; *Casa corpo* de minha avó e a *Casa da Festa do Divino*. O capítulo dialoga com as escritas de Gaston Bachelard, *A poética do espaço*, Marcel Mauss (Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas) e Marise Barbosa (*Umas mulheres que dão no couro*). Apresento relatos meus e de familiares sobre as visitas ao nosso lar, que, em alguma delas, minha avó trazia consigo bolos e lembrancinhas de várias Festas de Santo. Minha tia-avó atravessava a Ilha até chegar em nosso bairro, Maiobão, cerca de 1h de viagem de ônibus coletivo. A estética própria da festa, ainda desconhecida por mim, se fazia presente por meio dessas lembrancinhas, levados até nossa casa: Bonecas vestidas como imperatrizes, taças redecoradas, mini-embarcações. Era como a iconografia das Festas de terreiros chegavam até mim.

É um aspecto importante na Festa do Divino, a seriedade em dar, receber e

retribuir. É justamente nestas características que se recorre à referência nos estudos do antropólogo da Escola Francesa de Sociologia, Marcel Mauss (1974), onde o autor descreve, em estudos realizados em sociedades da Polinésia, situações análogas às festas que acontecem no Maranhão. Essas sociedades possuem uma relação intensa entre os objetos, que para elas, possuem espírito.

Em São Luís é possível deparar-se com esse paralelismo em vários momentos da festa, em que ocorre a doação e retribuição, pois a festa gira em torno da devoção. Os chamados *festeiros* fazem questão de realizarem uma festa farta, com bastante comida e bebida, mesmo em momentos pouco solenes. O “agrado” é nesse sentido de retribuir um presente, no caso das caixeiras, o canto, o toque das caixas é retribuído com um agrado que, na atualidade pode ser presente em dinheiro.

A gentileza na receptividade, a fartura de comida, a oferta de *lembranças* e o maior número de pessoas na casa, colocam-se ao lado da beleza artística expressa nos *altares*, nos alimentos, bolos, doces, *lembrancinhas* e ainda na ambientação dos espaços, elaborados por pessoas que, acima de tudo, possuem um motivo maior para tais produções: a *devoção*.

Trata-se de um capítulo em que faço uma louvação em memória de minha tia-avó, mulher negra que sofreu vários abortos espontâneos, funcionária da Companhia Fabril Maranhense³ (fábrica de tecidos), brigava pelos seus com unhas e dentes, mulher *da mina*, *benzedeira* e, ainda, caixeira de Festas ao Divino portadora de saberes, “cuidadosa guardiã de palavras” (BARBOSA, 2006). Falarei um pouco da função da minha tia-avó nesses espaços.

As roupas e fotografias de minha avó são personagens dessa pesquisa, pois acredito que a memória impressa em tais objetos simboliza a presença dela em minha escrita. Roupas tem memórias, carregam consigo parte de alguém que a deixou ou partiu para outro plano.

³ A Companhia Fabril Maranhense foi criada em 1893, localizada na Rua Senador João Pedro, onde hoje existe a Unidade Escolar João Francisco Lisboa, o templo Central da Igreja Universal do Reino de Deus, o prédio do Ministério da Economia (Receita Federal), prédio onde funcionou o depósito central do grupo Lusitana e Federação dos Trabalhadores nas Indústrias do Maranhão- Fetiema. Funcionava com 450 teares e 600 operários produzindo 3 milhões de metros dos tecidos “riscado” e domésticos de algodão. Faliu em 1971. Disponível em: <https://oimparcial.com.br/cidades/2020/07/registros-da-historia-relembre-os-tempos-aureos-das-fabricas-do-maranhao/> (acesso em 15/08/22023)

Ressaltarei ainda, o histórico da Festa do Bairro da Liberdade até os dias atuais, momento em que a Festa é atravessada por uma pandemia. Com o objetivo de subsidiar a interpretação dos espaços que compõem o cenário visual e imaginário da Festa do Divino, Festa de pretos, no Bairro da Liberdade em São Luís, por meio do repertório visual existente na ambientação desse festejo, que, por sua vez, apresenta uma iconografia das religiões de Matriz africana e do catolicismo popular. Atento para a valorização da cultura popular, acatando a demandas hoje também atendidas por ações de salvaguarda por parte de órgãos oficiais ligados à preservação do patrimônio cultural material e imaterial brasileiro. (Sergio Ferretti, Mundicarmo Ferretti, Mircea Eliade).

No Capítulo 2 **ABERTURA DA TRIBUNA – Casa de Festa no bairro da Liberdade e as Caixeiras do Divino**, abordo a presença das mulheres nestes espaços e suas funções, sendo que uma delas é *abertura da tribuna*, momento ritualístico de início da Festa. Refletir sobre Festa do Divino Espírito Santo no bairro da Liberdade a partir da iconografia e das dimensões do imaginário presentes na relação de santificação e do sagrado, motivadores da devoção desses espaços. Será realizado um panorama geral dos espaços da Casa, pré-produção da Festa, momentos da Festa e o depois. Um capítulo construído a partir de entrevista com o então festeiro⁴, colaboradores e participantes da Festa. (Marise Barbosa, Sueli Carneiro, Regina Prado) Mulheres – poder imortal da Divindade (Marise Barbosa).

No capítulo 3 - CASA – arquitetura dos sentidos e os significados das coisas, busquei me aprofundar no significado dos objetos que compõem os *espaços sacralizados*, assim relacionadas às religiões de matriz africana e ao catolicismo popular, que estão para além do espaço físico implementado. A partir de relatos, conversas com as *sacerdotisas* do Divino e observações, realizarei um desenho da casa sobre o que vemos superficialmente e o que está para além do alcance dos nossos olhos. (Didi-Huberman)

Pretendo apresentar neste capítulo um ensaio visual que contemple o repertório visual da Festa que preenche os espaços sagrados da casa, internos e externos. É quando a artista/pesquisadora traça esse diálogo entre seu corpo e a Festa, ainda que

⁴ Sr. Carlos Alberto Mendes Araújo, mais conhecido como seu Bedel. O festeiro deu continuidade ao festejo do Divino no bairro da liberdade, após o falecimento de sua mãe, promesseira e realizadora da Festa durante décadas.

nesse contexto pandêmico, pois a Casa ela é viva com ou sem seus revestimentos em cores ao sagrado.

Ao recordar essas sensações, essas experiências únicas de vivências nas Festas do Divino Espírito Santo, me remete ao que Oliveira (1995) afirma ao referir-se a essa experiência extraordinária, “apreensão estésica, vivenciada pelos sentidos, sendo refeita em linguagem estética como palavras ou de forma visual que venha garantir um acesso maior a outras pessoas” (OLIVEIRA, 1995, p. 230). Uma festa que brinca com nossos sentidos, com o que o real e o imaginário, o lugar, o espaço. Ana Claudia de Oliveira (***A estesia como condição do estético***).

A Festa do Divino e todo seu repertório visual, sonoro e espacial é capaz de conduzir seus participantes a uma espécie de encontro de sensações capaz de levá-los à embriaguez ao adentrar nesses *espaços sagrados*: o conjunto de cores e símbolos, o caimento do cetim, a sobreposição de tecidos, a ornamentação dos espaços, a textura visual, o brilho das roupas sob a luz do sol, o som dos batuques nas caixas e dos tambores, os cantos das caixeiras, as vozes ecoando as ladainha, o perfume do *defumador, do chocolate, dos doces, da comida*, a acidez da bebida, o doce dos bolos e licores, o sabor peculiar da comida, a textura do alimento em nossas bocas, a maciez das sedas, dos objetos de decoração.

Será enfatizado as possíveis hierarquias dos espaços de uma Casa de Festa. O que torna esses espaços sagrados ritualísticos carregarem esse peso e importância para *festeiros*, demais participantes da Festa e visitantes?

A sala do altar, antes de ser o espaço que acontecem os principais rituais da festa como a *Abertura e fechamento da Tribuna, troca de postos da Corte*, funcionava como sala de estar, a sala em que o dono do imóvel, recebe seus amigos e familiares. Era o local onde fica a tv e a radiola de reggae (como são chamadas as grandes caixas de som amplificadas). O local é redesenhado e decorado para ser palco do festejo, espaço que desperta a curiosidade dos visitantes. É onde pretendo falar da minha avó e de sua crença que era vista com pavor por alguns familiares, em que ela era chamada de forma pejorativa de *macumbeira* e ao mesmo tempo ela era sempre solicitada para benzer crianças a adultos. Um capítulo sobre a relação profano e sagrado sem abismos entre eles.

Traçar as dificuldades encontradas nas pesquisas que abordam as questões étnico raciais e o quanto ainda precisamos lutar por espaços. O quintal, assim como a cozinha, são espaços onde mora a leveza e ao mesmo tempo o peso. Onde são mortos os animais, sangra-se o porco, galinhas, patos e ao mesmo tempo é o local da conversa, da descontração, da comunhão, da divisão da comida e do trabalho.

Por fim, o encerro este momento de Tese com **Considerações Finais: o choro do encerramento**, que são minhas considerações finais, em que apresento esse contato direto do festejo com o bairro da liberdade, bairro centenário que virou o maior conglomerado urbano de população negra. Segundo historiadores, a maioria dos moradores é descendente de africanos vindos da Baixada Maranhense e ainda, daqueles oriundos de comunidades quilombolas que migraram de Alcântara, devido a construção do centro de lançamento. Bairro da Liberdade considerado um quilombo urbano. (Regina Prado, Grada Kilomba, Conceição Evaristo).

Dona Dionésia, minha tia-avó atravessava a Ilha, nas décadas de 1980 e 1990, até chegar em nosso bairro, Maiobão. Cerca de 1h de viagem de ônibus coletivo. A estética própria da festa, ainda desconhecida por mim, se fazia presente por meio dessas lembrancinhas, levados até nossa casa: Bonecas vestidas como imperatrizes, taças redecoradas, mini-embarcações. Era como a iconografia das Festas de terreiros chegavam até mim, enchendo nossa casa de mimos e encantos.

O fato de descender de uma mulher, negra, tecelã e *caixeira*, que tocava para o Divino Espírito Santo, no bairro da Liberdade – bairro de São Luís, que concentra uma grande variedade de práticas relacionadas à cultura popular – maximiza o entendimento do quanto foi necessário aproximar-me desta prática que, mesmo de fora, ou não, também faz parte de mim. Dona Dionésia era irmã da minha avó materna Laura Rosa, falecida quando minha mãe ainda era adolescente. Crescemos chamando-a de vó, dessa forma, peço licença para fazer o mesmo, enquanto escrevo sobre você, vó Dionésia.

Refletir sobre a figura da mulher presente nesses espaços e sua importância para o desdobramento da Festa do Divino Espírito Santo desperta todos os cheiros e sabores que tive oportunidade de degustar quando criança, por meio da minha divina tia-avó. Então, seguro nas mãos da minha avó “mineira”⁹, para junto dela, percorrer os

cômodos desses espaços físicos e sagrados, bem como a iconografia de um Festejo, que atravessa minhas pesquisas desde 2008, a partir de um olhar decolonial.

1 CASAS – memórias entre cheiros, sabores e histórias.

Será possível começar uma escrita diferente da que tenho feito ultimamente, em relação à Festa do Divino Espírito Santo, a partir de um olhar que não é de dentro e nem de fora, mas que se sente pertencente de alma, sangue e força? É a partir deste lugar que começo esse mergulho, como quem chegou um pouco atrasado, mas que quer recuperar, exaltar uma memória que se faz muito presente em minhas vivências. O olhar que escolho, parte do que sei que foi vivenciado por minha avó (tia-avó) Dionésia, mulher preta, mineira e caixeira da Festa do Divino. É com ela que traçarei caminhos por esta escrita, desta praticante da religião afro-brasileira chamada Tambor de Mina⁵. Um mulher que sofreu muitos preconceitos por ser pertencente à Mina.

Deslizarei minha escrita, enaltecendo a história desta mulher e da Festa do Divino da qual ela era conhecida como caixeira e também, a que sempre estava a preparar a comida da festa.

Quisera eu ter sentado contigo, vó, para te ouvir falar sobre este lindo festejo sob sua ótica e suas experiências, mas venho aqui, com ajuda daqueles que viveram ao seu lado, que lhe conheceram e que lhe viram tocar esse instrumento divino de alfaia chamado caixa, instrumento este que faz parte de vários ritos de inúmeras festas ao Divino Espírito Santo. Aqueles que lhe viram rebolar até embaixo, quando as obrigações já não eram mais sobre as demandas ritualísticas ao Divino, mas num momento mais descontraído do Carimbó das Caixeiras, que sempre acontece um dia após o Fechamento da Tribuna. *Bença vó!*

Para começarmos esta conversa, precisamos entender sobre o Festejo e explicar para as pessoas que lerão esta tese. A Festa do Divino Espírito Santo é uma manifestação popular realizada em quase todo o Brasil, em devoção a esse que é representado de forma iconográfica por um pombo branco alado ou em repouso. Falar

⁵ O Tambor de Mina é uma religião “afro-brasileira” comum no Maranhão e em grande parte da região amazônica que se caracteriza pelo culto a entidades espirituais conhecidas como voduns, orixás, encantados e caboclos. Através dos toques de tambor, cabaças (chocalhos) e agogôs (ferros) e a entoação de cânticos e louvores, estas entidades são evocadas e incorporadas pelos seus filhos-de-santo (FERRETTI, 2000, p. xx).

de sua origem, já não cabe mais, pois os traços deixados pelo colonizador é o mínimo diante da grandeza que estas festas incorporaram pelo Brasil afora. Em São Luís, particularmente, podemos perceber que a maioria das festas são ligadas às religiões de matriz africana e muitas vezes realizadas nos chamados *terreiros*. Segundo Marise Barbosa, “no Maranhão, esses cultos têm grande popularidade e são realizados em um grande número de terreiros de cultos afro-brasileiro: Tambor de Mina, Umbanda e Candomblé (Barbosa, 2006, p.20).

Na esfera das expressões plásticas, encontram-se as indumentárias, ornamentações e os objetos que compõem as ambientações dos espaços ritualísticos e buscamos aprofundar nesta tese. Em relação à Festa do Divino Espírito Santo, bastante praticada pelas camadas populares no Maranhão, os *andores*, *altares*, *centros de mesa*, *abajur* e demais adereços presentes nos espaços ritualísticos compõem uma estética popular determinada por conceitos tradicionais próprios que, em geral, reinterpretem elementos da arte erudita tais como o Barroco, o rococó e o neoclássico, mas que ressignificar esses elementos na contemporaneidade, atribuindo às peças formas e estéticas populares próprias que coadunam com visões dos artistas e artesãos, com as preferências dos devotos, especialmente os festeiros ou promesseiros, que são os devotos responsáveis pela festa do Divino.

Tais experiências nesses festejos levaram-me a perceber que a arte percorre o universo da minha cultura, de um povo preto, que possui uma marca da tradição e reconhecer que a postura dos que produzem esses festejos é invariavelmente a postura de alguém que lida com os elementos artísticos da contemporaneidade e que hoje veem nessa valorização uma forma de projeção dessa cultura material e imaterial.

Existe no decorrer de todas as Festas do Divino o ato de dar e receber por prazer e devoção ao Divino, assim como nas comunidades estudadas por Marcel Mauss onde destaca esse caráter obrigatório dos atos de dar, receber e retribuir, que caracterizam amplos sistemas de troca em sociedades da Polinésia, da Melanésia, do Noroeste da América do Norte e outras. Esses sistemas de reciprocidade unem coletividades que se envolvem em rituais em que são trocados banquetes, gentilezas, objetos, rituais. Assim comenta Mauss:

Eles tinham uma espécie de sistema de troca, ou antes, de dar os presentes que devem ser ulteriormente trocados ou retribuídos. Por exemplo, trocam-se peixe

seco, pássaros em conserva, esteiras. Tudo isso é trocado entre tribos ou famílias amigas sem nenhuma espécie de estipulação (MAUSS, 1974, p. 53)

Em seus estudos sobre as sociedades da Polinésia, Mauss (Marcel Mauss, 1974) aponta ações semelhantes às observadas nas festas populares no Maranhão, ainda que os atos de troca naquelas sociedades se deem aparentemente entre as pessoas. Mauss relata que nessas sociedades existe uma ligação muito forte com objetos, mais precisamente com o espírito das *coisas*. Não se doa e não se retribui alguma coisa simplesmente com a intenção de agradar alguém, mas pelo fato de que cada *coisa* possui um espírito, uma alma, como diz Mauss:

(...) por enquanto, porém, fica claro que, no direito maori, o vínculo de direito, vínculo pelas coisas, é um vínculo de almas, pois a própria coisa tem uma alma, é alma. Disso segue que presentear alguma coisa a alguém é presentear alguma coisa de si. (MAUSS, 1974, P 56)

Um aspecto de doar, receber e retribuir é muito marcante na Festa do Divino. É justamente nestas características que é feita uma referência aos estudos de Mauss (Marcel Mauss, 1974), onde o autor descreve, situações análogas às festas que acontecem no Maranhão. Essas sociedades possuem uma relação intensa entre a os objetos, que para elas, possuem espírito.

Nas Festas do Divino de Alcântara e em São Luís é possível deparar-se com esse paralelismo em vários momentos da festa, em que ocorre a doação e retribuição, pois a festa gira em torno da devoção. Os chamados *festeiros* fazem questão de realizarem uma festa farta, com bastante comida e bebida, mesmo em momentos pouco solenes. As chamadas *joias*, que são uma espécie de doação que pode ser ofertada em dinheiro, em alimentação (animais), dentre outros, encaixam-se no aspecto das dádivas trocadas e na obrigação de retribuí-las, que ocorrem antes e durante a festa. Em Alcântara – MA, as joias doadas são restituídas por meio da alimentação e bebida para a população (fotografia 6). As esmolas são dadas a idosos, a carentes e a doentes, e a comida é oferecida aos visitantes no momento dos rituais, pode-se dizer também, que a plasticidade recorrente durante toda a festa, na ornamentação e na escolha dos enfeites, pode ser entendida como uma retribuição estética.

Fotografia 8 - Carroças com as chamadas *escolas*.



Fonte: Adriana Tobias (2008)

Voltando a observar os estudos do antropólogo da Escola Francesa de Sociologia, é importante frisar a disputa “quanto a quem poderia dar objetos de maior valor”, além de que, nessas sociedades estudadas por ele, ninguém tinha “a liberdade de recusar um presente ofertado. Todos, homens e mulheres, tratam de ultrapassar uns aos outros em generosidade”. (MAUSS, 1974, p. 70), o que é possível perceber na Festa do Divino de Alcântara. As pessoas além de dar por prazer e devoção, fazem o mesmo também com o intuito de fazer o melhor tanto entre si quanto ao Divino.

No plano da criação, a confecção e a montagem dos elementos escultóricos e demais adereços, são realizadas por artistas e artesãos especializados, sob encomenda de quem promove a festa, como também por criança, jovens e adultos ligados à casa. O requinte e as preferências estéticas peculiares do grupo, quando alcançados, contribuem para o reconhecimento público daquele que promove a festa, que passa a ser considerado “um bom festeiro”, ou seja, aquele que demonstra possuir competência, tanto para agradar ao santo, como para recepcionar bem os participantes e visitantes das casas de festas. E isto também se consolida na qualidade e no valor estético dos adereços e demais peças rituais. A presença de um maior número de visitantes na casa

de festa denota o reconhecimento social do bom anfitrião, como afirma Regina Prado, referindo-se a outra festa religiosa - Festa de Santa Teresa, em Itamatatuiua – Alcântara:

(...) o momento das festas institui, porém, um alargamento das fronteiras sociais, pois a festa só é considerada boa se consegue reunir “povo em quantidade”, ou o que é o mesmo, “gente de fora”. (PRADO, 2007, p. 53)

Na festa do Divino, portanto, a gentileza na receptividade, a fartura de comida, a oferta de *lembranças* e o maior número de pessoas na casa, se colocam ao lado da beleza artística expressa nos *altares*, nas vestes, bandeiras, bolos, alimentos em geral, *centros de mesa* e ambientação dos espaços, elaborados por pessoas que, acima de tudo, possuem um motivo maior para tais produções: a devoção

Recuperando esse tempo perdido em apreciar as passadas da Festa do Divino em sua completude, me aproprio do método da Afrografias, da qual escreve a professora Dra. Leda Maria Martins, que traz em seus escritos, detalhes sobre o Reinado do Rosário em Jatobá. A autora mostra que a partir deste ouvir sensível somos transformados em potências, prontos para escrever sobre o que ouvimos e o que vemos, ou o que ouvimos daqueles que viram. “A palavra oral, assim, realiza-se como linguagem, conhecimento e fruição porque alia, em sua dicção e veridicção, a música, o gesto, a dança, o conto, e porque exige propriedade e adequação em sua execução.” (Martins, 2021, p. 185).

A partir das histórias orais, imagens audiovisuais e fotografias feitas por mim, apresentarei no decorrer desta tese um pouco desta festa que tem seus mais de 50 anos de realização.

Atualmente eu consigo concluir, vó, que presenciar uma Festa do Divino, seja ela qual for, e sair do mesmo jeito que entrou é praticamente impossível, pois você acaba envolvido em ondas de sensações e acontecimentos. Aos que presenciam uma Festa pela primeira vez, eu aconselho a ficarem sempre esperando e observando antes de dar qualquer passo que seja, primeiro que se trata de um lugar novo e que merece respeito e atenção em todo momento. Minha avó não estava mais aqui para me ensinar estas coisas. Não é como ir a uma festa de aniversário ou a uma peça teatral que você apenas assiste, ou fica sentado em algum lugar esperando o momento do “parabéns” sendo bem simplória em meus exemplos. Quer queira, quer não, você acaba sendo participante, seja em cortejos ou até mesmo momentos ritualísticos nos espaços sagrados da(s) Casa(s)

de Festa(s). Há um envolvimento nesta maresia de acontecimentos.

Há uma necessidade, de entendermos que não existe Festas do Divino iguais. A Festa que ocorre em Parati, é completamente diferente da festa de Alcântara, que por sua vez, é diferente da Festa da Casa das Minas, que também é diferente da Festa do Divino de Caxias-Ma, que possui características completamente diferente da Festa do Divino do Bairro da Liberdade. Existe então, diferenças nas características de uma festa para a outra.

Vó, nestes anos de pesquisa, sempre ouvi falar do Festejo de Dona Benedita, mas nunca consegui acompanhar por que, era uma festa que coincidia com as Festas de Maio de Alcântara e as Festas das grandes casas, como a Casa das Minas. Confesso que às vezes sinto-me mal por nunca ter participado da Festa do Bairro da Liberdade, e, somente agora poder participar como pesquisadora. É algo que pude desenvolver no decorrer desta pesquisa. Ao mesmo tempo, eu adentro nesta Festa como alguém de dentro, com um olhar de quem é de fora. Talvez, se fosse algo recorrente em minha caminhada, eu não estivesse aqui hoje, como pesquisadora desse evento tão estesiático (talvez esta palavra não exista, mas foi a única que encontrei para descrever essa imersão nos espaços e momentos da Festa do Bairro da Liberdade).

1.1. Quilombo Urbano Liberdade – cultura e diversidade

O bairro da Liberdade, embora tenha sua origem a aproximadamente 106 anos com sua origem no antigo Matadouro, atualmente a escola UEB Mário Andreazza, tem como portal, em memórias de uma criança chamada Adriana, a Casa Inglesa que também hoje é uma escola, Cem Fernando Perdigão. Era em frente deste local que eu descia do ônibus e caminhava alguns quilômetros até a casa da minha avó, juntamente com minha mãe e irmãs. Fugindo um pouco da minha ótica, preciso falar que o bairro, recebeu o título de Quilombo Urbano no dia 14/11/2019. O Quilombo Urbano Liberdade é um bairro preto, um bairro onde mais encontro pessoas como eu, um local em que quase toda esquina toca um reggae. A maioria dos moradores são descendentes da Baixada Maranhense, assim como meu pai, minha mãe, meus tios e minha avó Dionésia, que vieram “para a cidade se fazer na vida” nesse período de urbanização do bairro,

Este é o bairro que abriga inúmeras manifestações culturais, espaços culturais como o clube de Reggae Novo Quilombo, esquinas famosas como a Esquina do Bob

Marley, a sede do Boi da Fé em Deus, Boi da Floresta, Casas de religiões de Matriz africana. É na Rua Gregório de Matos que acolhe uma das Festas do Dino do Bairro, a Festa de Dona Benedita, hoje realizada por seu filho Bedeu e sua esposa.

O Quilombo Urbano da Liberdade abrange os bairros da Liberdade, Camboa, Fé em Deus, Diamante e Sítio do Meio e possui avenidas principais como a Gregório de Matos e a Rua Machado de Assis, o que remete a um tempo que caminhava quase que semanalmente para casa da minha avó. Crianças brincando na rua, vendedores de um lado e de outro na passagem da feira da liberdade, quadra de esporte, quitandas, padaria, pessoas sentadas nas cadeiras em frente as suas casas. Sempre muito movimentadas, minha chegada na Rua Vila Sésamo era sempre com esse gosto de chegar em casa, pois o bairro da liberdade é capaz de nos passar essa sensação,

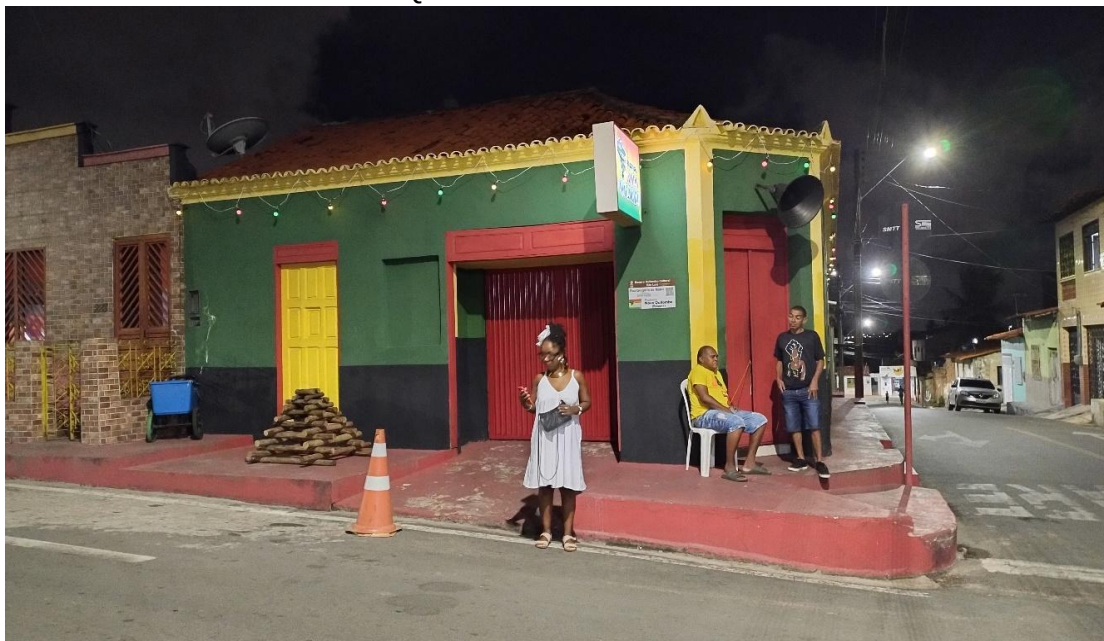
Um bairro festivo, com inúmeras casas de religião de matrizes africanas e alguns pontos de Cultura, leva o bairro a ser nomeado, como já foi dito, de Quilombo Urbano, pois ali, possui a essência de uma comunidade massivamente negra e que exerce sua cultura que passa a ser estampada nas paredes com artes de grafiteiros. A exemplo, temos a Esquina do Bob Marley, simbolizando a paixão que vibra na maioria das casas ao som das batidas do Reggae. E muito comum as pessoas tirarem fotos nesse ponto do bairro, pois é muito emblemático, uma espécie de ponto turístico. A esquina Bob Marley, fica na Rua Gregório de Matos próximo à casa da produtora Novo Quilombo, um espaço que possui uma programação semanal, além de receber visitas de grupos turístico por ser um espaço que compõe uma ambientação que remete a origem do bairro com pinturas nas paredes que fazem referência aos mestres culturais e a religiosidade. Na fotografia abaixo, é possível observar uma pintura em homenagem à dona Benedita e seu esposo, realizadores da Festa do Divino da qual escrevo minha tese. Nas fotografias 7 e 8 seguem nessa perspectiva de trazer também minha imagem e de amigos que já passaram nesses espaços também, me fazendo presente nesses lugares dos quais eu também pertenço.

Fotografia 9: Esquina Bob Marley, no bairro Quilombo Liberdade.



Fonte: Luzia Gomes 2024

Fotografia 10: LuZ Gomes em frente ao Espaço cultural Novo Quilombo no Bairro da Liberdade.



Fonte: Adriana Tobias 2024

Fotografia 11: tentativa de ser fotografada ao lado dessa pintura que representa personagens importantes do cenário cultural do Quilombo Liberdade.



Fonte: LuZ Gomes (2024)

1.2 - Minha Casa, tia-avó e alguns “agrados”

***Alvorada nova
nova alvorada
de manhã bem cedo,
sobre a madrugada.
(Alvoradinha, 2017)***

Cedo, bem de manhã cedinho lá vem ela com seu vestido de crepe, feito pelas mãos de alguma costureira do seu bairro. Vó Dionésia chega e logo a gente se anima, como toda criança que gosta de novidade, logo corremos para encontrá-la. La vem ela, sempre com uma sacola na mão. Vibramos muito, mesmo sabendo que meu avô João Paulo, seu cunhado (viúvo da irmã de Dona Dionésia), achava que ela vinha com muitas histórias e fofocas, e eles não se *bicavam* muito bem. Quando ela chegava em nossa casa no Maiobão, virava um dia de festa, um dia de alegria pois na maioria das vezes ela trazia alguns alimentos para ajudar minha mãe, mas o que mais nos encantava eram os bolos com lembrancinhas que ela entregava para todos. Éramos quatro crianças “quatro meninas, quatro moças” como dizia meu avô. Nossa avó cheia de histórias para contar

chegava e iluminava os espaços de nossa humilde casa. Como eu sempre costumo explicar, ela não era a nossa avó mãe da nossa mãe e sim irmã da minha avó, porém chamo de avó desde que me entendo por gente e agora por todo percurso desta história. Dionésia era nosso lar, nosso corpo casa que seguia de um lado para outro, segurança e carinho.

O bairro do Maiobão fica situado no município de Paço do Lumiar, localizado na região metropolitana da Ilha de São Luís. Considerado um bairro dormitório, ou seja, bairro de trabalhadores e, por consequência pessoas de baixa renda, de maioria negra. Na época, a sensação era de que o Maiobão era distante de tudo, pois para tudo, tínhamos que nos dirigir até o centro da cidade. Tudo era muito escasso, poucos comércios, o Maiobão teve suas obras iniciadas em 1980, e em 1982 meus pais foram sorteados com uma casa na Avenida 1, extremidade do bairro. Saímos da Liberdade em direção ao Maiobão, ainda nesse período de modernização da cidade, porém não deixamos de ter nossas raízes do lugar que minhas irmãs e eu nascemos, nesse que hoje tem seu certificado de Quilombo Urbano. O novo bairro passou a ser nosso lar com muitas histórias a serem vivenciadas por ali. Antes uma casa na parte alagada da liberdade, depois em uma casa num conjunto habitacional.

Na década de 1980 a 2000, nossa casa localizada no bairro do Maiobão, possuía uma área de terra, terraço, dois quartos uma sala, banheiro e uma pequena cozinha, era nesse ambiente simples com poucos móveis que vivíamos: minha mãe, meu avô, minhas três irmãs e eu. Durante muitos anos essa era a configuração do nosso lar, onde recebíamos as visitas de nossa avó, tios e primos. Hoje, já não mais com essa configuração, minha mãe continua morando e é o local que sempre retorno como lar, como visita. Para este lar que voltei quando a pandemia se agravou. Votei para cuidar da minha mãe e das minhas irmãs com o coração apertado e cheio de medo. Portanto, este lugar sempre será citado como uma viagem numa máquina do tempo ao mesmo ponto, mas com características e memórias variadas.

Casa

Dicionário informal:

1. Edifício de formatos e tamanhos variados, geralmente, de um ou dois andares, quase sempre destinado à habitação;

2. Lar, família.

Dicionário pessoal:

1. Espaço em que as paredes e tetos podem ser de concreto, madeira ou qualquer matéria como sonhos, alegria, sabores, cheiros, memórias, conversas, solitude, árvores, vento, estrelas... amores ou desamores.

Para a escritora Maya Angelou, “Casa é aquela região juvenil na qual uma criança é o único habitante real. Pais irmãos e vizinhos são aparições misteriosas que vêm, vão e fazem coisas estranhas e insondáveis em torno da criança e com ela, o único cidadão emancipado da região.” (ANGELOU, Maya, p.18). Já morei em vários lugares sozinha, mas a casa da infância é a que mais continua em comunicação comigo. São imagens em memória, em sonhos, escritas que fazem questões pulsam em mim.

Quantos significados mais podemos atribuir a “casa” ou o que seria ser em casa, ser casa ou movimentar sua casa? Corpo, morada, memória, espaço vazio, cheio, com cheiros, sons, ruídos... Maya Angelou, escritora afro-americana, traz um conceito do qual eu me aproprio, ao se referir a esse retorno à casa, não simplesmente condicionado ao espaço físico, mas talvez, um espaço tempo “acredito que nunca deixamos nossa casa. Acredito que carregamos as sombras, os sonhos, os medos e os monstros de casa debaixo da pele, nos cantos externos dos olhos e talvez na cartilagem do lóbulo da orelha.” (ANGELOU, Maya, p. 18). Angelou ao escrever *Carta a minha filha*, descreve essa memória que carregamos pra toda vida, seja ela dolorosa ou nostálgica. São sensações que nos fazem entender nossas casas como personagens também de nossa história. Quantas marcas reais nas paredes, garatujas, rabiscos, desenhos, palavras sob as inúmeras camadas de cal. Um verdadeiro livro de histórias. Os meus desenhos eram os mais bonitos, fora as marcas de batom nas paredes que irritavam minha mãe.

“Podemos agir de modo sofisticado e comum, mas acredito que nos sentimos mais seguros quando dentro ode nós mesmos encontramos nossa casa, um lugar ao qual pertencemos e talvez o único que realmente criamos.” (ANGELOU, Maya, p.19)

Para Bachelard, “A casa é nosso canto no mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. Até a mais modesta habitação, vista intimamente é bela.”

(BACHELARD, 1993, p. 200).

Parto desses significados para introduzir a minha fala, em relação à minha tese e seus atravessamentos, os quais, muitas vezes atravessam-penetram, também em mim, como a luz solar das primeiras horas da manhã, que perpassa pelas pequenas frestas das telhas quebradas, por crianças travessas, transformando o quarto de minha casa natal (Maiobão), em pequena sala de cinema, onde os protagonistas são as sombras dos pássaros, as nuvens em movimento e eu. O terceiro significado, que arranquei das vibrações de meus pensamentos, talvez seja o que mais se aproxima do que venho propor como relação entre mim e as casas da minha vida, que estão para além das paredes de concretos de minha morada.

Além desses significados gerais, posso ainda afirmar que o significado de casa não é único, para cada ser, e pode acarretar diversos ditos que, igualmente, podem variar de cultura para cultura. É certo que a maioria das derivações de casa, carrega consigo, simbologias que se intercalam com as vivências de seus moradores. Poderia, tranquilamente, descrever a casa de um amigo, após uma simples visita a tal espaço, mas jamais seria um derramamento de lembranças com o qual me proponho a fazer. Ao contrário, se eu descrevesse todos os cantos dos lares que já habitei, a descrição seria enriquecida por minhas lembranças. Casa envolve simbologias, sentimentos, cheiros, histórias, marcas daqueles que por ali passaram. Casa tem espírito, casa tem alma.

Na obra “Voltar pra casa” de Toni Morrison, por exemplo, a autora fala do prazer e também da dor de voltar pra casa, casa em si ou cidade natal. Seus ex-habitantes, retratados em sua obra, voltam com as feridas abertas, literalmente abertas, deixadas em seus corpos pela dureza do “lá fora”, misturado com o peso e leveza do que foi vivido na casa da infância. A autora descreve esse prazer ou desprazer misturados com tal dor/alegria de estar, novamente em casa, na casa natal marcada pelo tempo, nas intimidades não mais vividas, naquele espaço que deixou um vago em suas almas.

Faço uma relação da obra de Toni Morrisson com o que busco em meu trabalho. Em “Voltar para Casa”, a autora explora memória e ancestralidade de forma profunda, principalmente através das experiências de Frank Money, o protagonista.

A obra ressalta a importância de confrontar o passado para que se possa

avançar e encontrar cura. A ancestralidade também aparece na figura da comunidade negra e nas tradições, como uma forma de resistência e sobrevivência diante do racismo. Morrison destaca como essas memórias coletivas e pessoais moldam a identidade dos personagens, conectando-os a um legado que é tanto fonte de dor quanto de força.

Em *Voltar para Casa*, Toni Morrison constrói um paralelo poderoso entre a memória, a ancestralidade e o processo de retorno ao lar, temas que se alinham profundamente com os conceitos que abordo em sua tese. Assim como Frank, que retorna ao local onde viveu, revisitando sua história e suas feridas, exploro em meu trabalho a casa como um espaço de memórias afetivas e de ancestralidade, ligando minha experiência pessoal à figura de minha avó e às festas do Divino Espírito Santo.

Na obra de Morrison, o retorno de Frank à sua cidade natal não é apenas físico, mas também emocional, repleto de memórias de infância, traumas e a redescoberta de seu passado. De forma semelhante, em minha tese, descrevo a casa como mais do que uma construção física, é um espaço de afeto, de encontros, de lembranças. A casa de Festa que minha avó assumia papel de caixeira, a minha casa no Maiobão, assim como a casa de Frank, é viva nas minhas memórias, carregando camadas de experiências que moldam quem sou.

A ancestralidade é outro ponto que conecta minha tese a tal livro. Para Frank, a ancestralidade está presente na reconexão com suas raízes, com a história familiar e com a dor coletiva da comunidade negra americana, vítimas do racismo. Em meu caso, a figura da minha avó é central para a construção dessa ancestralidade, representando uma “casa” de afeto e de legado, que transcende o espaço físico e se insere no campo emocional e espiritual. A minha avó, enquanto mulher negra e ancestral, carrega consigo não apenas as tradições, mas também as histórias e vivências que se mantêm presentes em suas lembranças e nas festividades da sua família.

Essa ideia de memória como algo vivo, como uma construção contínua do passado no presente, está no centro da obra de Morrison e em minha tese. Ambos os trabalhos mostram que retornar à casa, seja no sentido literal ou simbólico, é um movimento que exige coragem para visitar o que fomos, e, mais ainda, para ressignificar o que esse passado representa no presente. Assim como Frank precisa

encarar suas memórias para se curar, em minha tese, exploro a importância de reconhecer e valorizar as memórias afetivas, especialmente aquelas ligadas à ancestralidade e ao legado de minha avó, para compreender sua própria trajetória.

Essa analogia entre os dois trabalhos pode destacar como a casa, seja em Morrison ou nesta tese, é muito mais do que um espaço físico. Ela é um lugar de afeto, de identidade e de memória, moldando tanto o corpo quanto a alma.

Em minha tese, a casa é concebida como um espaço que vai além de sua materialidade. Ela é tanto um lugar físico quanto um espaço emocional, onde se entrelaçam memórias afetivas, experiências familiares e uma profunda conexão com a ancestralidade. Esse conceito de casa está intimamente ligado às minhas vivências pessoais, especialmente à relação que tenho com a casa onde cresci, com a casa da minha avó e com a casa onde ocorrem as celebrações da festa do Divino Espírito Santo. Esse retorno às memórias da infância e aos espaços que marcaram a minha formação são elementos centrais em minha escrita.

A casa da minha avó, assim como a casa de Frank, é um espaço que carrega mais do que paredes; é uma “casa” de afeto, de histórias e de ancestralidade. Recordo de momentos em que minha avó visitava nossa casa, sempre trazendo doces das celebrações do Divino Espírito Santo. Essas memórias estão vivas em mim, e a casa, nesse sentido, torna-se um espaço que transcende o físico, um lugar de pertencimento e identidade.

A ancestralidade, tanto na obra de Morrison quanto em minha tese, aparece como uma força que nos conecta ao passado e que influencia quem somos no presente. Na minha experiência, a figura da minha avó é central para a construção dessa ancestralidade. Ela, enquanto mulher negra, representa a continuidade de um legado de afeto e de luta, sendo, para mim, uma “casa” emocional que me conecta às minhas raízes.

Essa relação entre memória e ancestralidade é um ponto essencial tanto para Morrison quanto para minha tese. A memória, para ambos, é viva, dinâmica, e serve como um ponto de ancoragem para o que somos. Em *Voltar para Casa*, Frank precisa confrontar suas lembranças, mesmo as mais dolorosas, para encontrar a cura. Da mesma forma, em minha tese, o retorno às memórias da minha infância, às festas do Divino Espírito Santo e à convivência com minha avó, permite-me resgatar minha

identidade e compreender a importância do afeto e da ancestralidade em minha trajetória.

Durante período que fiz a disciplina Atos de Escritura com as professoras Ivone Xavier e Bene Martins, busquei arriscar uma escrita que fluísse de meus pensamentos mais escondidos, talvez para tentar alcançar um corpo de memória que, em poucas vezes consegui expressar, aqueles que ficam entre o esquecimento e a lembrança. As memórias latentes que trarão à luz as lembranças da minha tia-avó. Falarei de três casas: a minha casa, casa da festa do Divino no bairro da Liberdade, a casa no sentido de ancestralidade, nessa busca por uma relação entre minha tia-avó e eu, não necessariamente nesta ordem.

1.3 Casa corpo/Casa Espírito

Fotografia 12: Vó Dionésia ao lado do seu pai de Santo Geraldo.



Como eu queria ter vivido mais as minhas avós Queria ter vivido com minhas avós Laura, Rosa e Dionésia (f.

2) Três avós

A primeira virou estrela, quando eu nem sonhava em ser gente

A segunda se foi, quando eu ainda era criancinha A terceira, minha tia-avó, que chamo de vó

A esta sim, o tempo permitiu conhecê-la um pouco mais

Só um pouco

Pois o muito foi coberto com uma cortina Uma cortina que impediu esse abraço por inteiro, de corpo, alma e vivências.

Aos poucos, fui descobrindo que posso tê-las comigo, por meio das lembranças.

Adriana Tobias, janeiro de 2021

Fonte: Arquivo da família,
1988

A vó Laura, vó materna, eu a vivo através da minha mãe, através do seu corpo, sua fala, sua alma. Minha mãe, dona Barbara Santos Tobias, sempre me contou sobre ela, sobre o formato do seu rosto, seu cabelo e do quanto ela tinha um cabelo volumoso, cabelos que começavam a nascer a partir de sua testa, assim como da minha irmã mais velha, Lauriléa. Mamãe gosta de falar de como ela se vestia e do pouco tempo que elas viveram juntas, das brigas com meu avô, da forma como vó Laura se expressava, seu gênio impetuoso e de sua religião. Minha vó Laura, antes de voltar para Cedral-MA, trabalhou como empregada doméstica, no bairro do Lira em São Luís, onde criou laços com esta família de classe média.

Segundo minha mãe, minha vó Laura sempre falava deles e os visitava quando ia a São Luís. Na minha cabeça, ela era uma mulher nova que acabou voltando para sua cidade Natal, talvez desgostosa por não ter continuado a morar

“na cidade”. Teve 7 filhos. Três foram para São Paulo e vivem até hoje por lá. Minha mãe casou e ficou em São Luís. Minha mãe, guarda com muito carinho dois objetos que eram da minha avó e que ela ganhou desta família. Duas louças de porcelana e outra de cerâmica. (Foto 13 e 14)

Fotografia 13: Louça de Cerâmica com a letra “L” de Laura ao fundo.



Fonte: Acervo pessoal

Fotografia 14: Porcelana da Vó Laura Rosa. Presente de sua patroa.



Fonte: Acervo pessoal

A vó Rosa (Foto 15), mãe do meu pai, mulher negra, alta, de postura elegante, também tem sua imagem e presença cristalizadas, por meio de minha mãe, que a tinha como uma sogra muito especial e acolhedora. Segundo minha mãe, meu jeito de andar é semelhante ao de minha vó Rosa, cabeça erguida, braços alongados e toda lânguida ao caminhar. Teve 11 filhos na cidade de Matinha, localizada na Baixada Maranhense. Alguns deles vieram para São Luís em busca de estudos e emprego. Assim, meu pai conheceu minha mãe nesse processo conhecido como migração, um dos fatores que fez com que a Liberdade ganhasse esse título de Quilombo Urbano.

Foto 15: Rosa, minha Vó paterna.



Fonte: Acervo pessoal

Minha avó Dionésia pleiteia um lugar muito especial em minha vida, pois foi através dela que tive meu primeiro contato com a Festa do Divino. Sempre que falo isso para alguém, assim como acabei de escrever, é passada a ideia de que cresci dentro desses espaços sagrados, que fazem parte da Festa do Divino Espírito Santo. Aproveito, então, esse meu lugar de pesquisadora por meio da escrivência (EVARISTO, 2020), para explicar que, esse contato nada tem a ver com uma experiência, no sentido de ser participante da festa, pois sequer frequentei tal espaço, quando criança ou adolescente, INFELIZMENTE. Eram

vivências impedidas pelas grossas cortinas do preconceito religioso. Tais cortinas só permitiram que meu tato, paladar, olfato, visão alcançassem A Festa, por meio das *lembrancinhas*, bolos e doces perfumados e a açucarados da Festa do Divino, que minha avó levava até nossa casa, no bairro do Maiobão em Paço do Lumiar – MA. Mas hoje, a partir dessas percepções escrevo sobre os espaços que andaste, vó, a Festa que tocaste caixa, as pessoas que te conheceram e sempre falam muito bem de você. Escrevo sobre minhas vivências e as tuas, assim como diz Conceição Evaristo:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. (Evaristo, 2020b, p. 30).

Corpo/casa, corpo/avós cheias de falas perdidas no vazio da história da fala não escrita. Ausência de imagens preenchidas com falas por meio de entrevistas, com imagens atuais mescladas às histórias contadas por minha mão e os mais velhos.

Por não ter vivido muito tempo no bairro da Liberdade, a não ser por meio das visitas à casa de minha avó, não darei ênfase a este lugar em que morei a princípio, pois me faltam lembranças. Restam-me as histórias contadas por meus pais e minhas irmãs mais velhas. A casa natal do afago fica no bairro do Maiobão, localizado em Paço do Lumiar a, aproximadamente, 16 km do bairro da Liberdade. Assim, cresci distante da cultura vivenciada por minha avó. Quase impossível não me remeter à minha casa natal onde, atualmente, mora minha mãe, irmã, cunhado e sobrinha. Ainda hoje, é meu refúgio, onde encontro meus colos e meus dengos. Não falarei deste lugar de hoje, mas das lembranças do lugar do ontem, que atravessam a Adriana de então.

Como disse ainda a pouco, minhas memórias preferidas são do tempo que passava em meu quarto, nas primeiras horas da manhã, a observar os vultos dos pássaros e das nuvens nas paredes. O quarto é lugar “marcado por uma intimidade inesquecível” (BACHELARD, 1993, p. 213), onde guardamos o que há de mais precioso, espaço que precisa de porta, quando não, uma cortina, já passando a ideia de que é preciso pedir licença para entrar. *Bata na porta antes de entrar!* Somente os mais íntimos tem licença permitida.

O que foi vivido na infância se complementa com as sensações do hoje, como afirma Bachelard, a casa como “corpo e alma” que se concretiza, ou não, com as lembranças vivenciadas ali, pois “qualquer grande imagem tem um fundo onírico insondável e é sobre esse fundo onírico que o passado pessoal põe cores particulares.” (BACHELARD, 1993, p. 218). Vivi quase 30 anos na mesma casa, e ter passado mais da metade da vida em uma mesma casa, me faz recapitular diversos momentos ali: visitas de namorados e amigos que por ali passaram, brincadeiras de rua, na porta de casa, “na outra rua”. Quintais ainda sem muros, quintais como extensão de nossa casa, na verdade.

Dentre essas lembranças recordo-me da minha tia-avó, recordo de algumas falas, mais precisamente de suas chegadas em nossa casa “lá vem vovó”, quando esta, resolvia nos visitar. Lembro-me da alegria que era vê-la chegando. Na época, não se avisava, simplesmente chegava e pronto. Sempre trazia alguma coisa, uma lembrança ou “agrado”, como se dizia, itens de mercearia ou doces e lembrancinhas de Festas. Que festas eram essas? Não importava na época. O que importava era o doce, o sabor, o cheiro e as bonecas enfeitadas, em papel crepom, que viravam brinquedos.

Poder fazer essas associações em relação aos “agradados” trazidos por minha avó, funciona como um portal para uma vivência enriquecida com essas imagens da memória. Imagino a satisfação em nos ver comendo aqueles pedaços de bolos açucarados, brincando com as lembrancinhas que, em outras casas, tinham funções decorativas como lembrança de uma festa do Divino, para mim era brinquedos. Hoje a minha lembrança faz com que eu perceba que esse contato com a Festa sempre existiu, mesmo que através do meu corpo e minhas mãos de meninas.

Dona Dionésia sempre participava de várias festividades de santo, em especial no Terreiro de Mina do seu Geraldo, localizado no Araçagy. Era lá que ela dançava, que cumpria suas obrigações, que sorria, rodava, caía, levantava, carregava em um lindo encontro com nossos ancestrais. Neste terreiro, ela, certamente, exercia sua religião sem medo, livre de preconceitos e do *racismo religioso*, como qualquer outro tipo de racismo, “A pessoa é vista como ‘diferente’ devido a sua origem racial e/ou pertença religiosa.” (KILOMBA, 2019, p. 75).

Vó Dionésia era um corpo/casa, corpo que acolhia netos, afilhados, comadres, compadres e paixões. Corpo que carregava suas entidades, sua religião

e paixão por justiça. No período da década de 1950 foi tecelã numa fábrica Companhia Fabril Maranhense. Deixou de trabalhar para esta Fábrica no ano de 1966, ano que minha avó materna vem a falecer. Nesse período, Dionésia volta para Retiro, atualmente localizada no município de Cedral, na cidade que na época era pertencente ao território de Guimarães⁶.

1.3.1- Fotografias: Escassez da imagem revelada

Sempre que me deparo com fotografias antigas de caixeiros do Divino ou qualquer manifestação cultural do maranhão, me pego a procura de imagens familiares, de rostos conhecidos, como terá sido os rostos das minhas avós na juventude? Não tenho fotografias para retratar minha árvore genealógica, meus ancestrais, minhas ancestrais, pois era algo inalcançável, e mais recente (década de 1970 a 1990), considerado raro, ou seja, para poucos. Mas utilizo o que tenho para dar voz e recriar imaginação e as práticas das minhas avós (Hartman, 2022)

A fotografia desde sua invenção, por depender de um equipamento oneroso e raro desde a sua invenção e principalmente nas décadas seguintes a este evento, passou a registrar quando enfocava pessoas, o mundo das elites. Aqui no Brasil Dom Pedro II, fascinado pela fotografia, fez entre 1871, 88 viagens construindo um dos maiores acervos fotográficos da época. Bem se vê que a fotografia não era algo dado as práticas cotidianas das classes dominadas muito menos dos escravizados. Assim como pinturas gravuras, a fotografia de escravizados satisfaz mais o deleite estético do fotógrafo, ligado às classes dominantes, do que algo do uso e necessidade dos homens e mulheres escravizados. São visões simplórias, mas é uma tentativa de explicar a ausência de fotografia das classes dominadas especialmente para o povo negro. Em geral, historicamente se é que podemos falar assim, homens e mulheres das camadas populares possuem uma única fotografia que é aquela que vai para os documentos. É uma fotografia que surge a partir da exigência legal e que também passa a ter um significado de atributo de cidadania.

⁶ Em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o município é constituído de 2 distritos: Guimarães e Muiraneu.

Pela lei estadual nº 2378, de 09-06-1964, desmembra do município de Guimarães o distrito de Muiraneu. Elevado à categoria de município com a denominação de Cedral. Em divisão territorial datada de 1-I-1978, o município é constituído do distrito sede. Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/guimaraes/historico> (acesso: 05/01/2024)

Quão raro é, para nós, pessoas negras, termos um álbum fotográfico completo com avós, bisavós, fotos dos pais quando bebês ou até mesmo nossas fotos de quando éramos ainda crianças de colo. Conheço poucas pessoas da minha geração que possuam álbuns nesse sentido. Ao contrário, nossas árvores genealógicas são construídas a partir de nomes, relatos e histórias de nossos ancestrais, histórias estas com uma riqueza capaz de avançar gerações à frente, pois somos essa resistência que trabalha neste sentido: o de não permitir que se apague nossa linha ancestral, o que acaba nos leva a ser verdadeiros investigadores da nossa própria história, escritoras da nossa história.

Isso se verifica muito não só na cidade, mas no mundo camponês de onde se inclui os quilombolas. Minha Tia-avó exercia uma função no ambiente de culto que é a de ser caixeira, algo bastante complexo e o seu procedimento e devoção pessoal interna, e complexo também nas relações interpessoais com pessoas dos terreiros ou dos festejos do divino, dentre outros festejos, e como é frequente em São Luís conexão com outros santos. Minha avó passa, nesse caso, a ser uma pessoa incomum, assim como são todas as outras cacheiras, benzedadeiras, rezadeiras de Ladainha, isto sem falar nas questões específicas de terreiro como *mãe de santo*, *filha de Santo* e demais funções. Portanto, ser corpo caixeira é ter uma espécie de função vitalícia que está para além das forças terrenas, pois estas têm em suas mãos incumbência de abrir e fechar a Tribuna do Divino.

Dona Anna Benedita Ferreira, mais conhecida como dona Anica, de Alcântara, mesmo após deixar de praticar o seu metiê de caixeira, quatro ou cinco anos antes de falecer, partiu da vida terrena na condição de caixeira, e reconhecida como a caixeira mais velha em seus últimos anos. Por uma questão que pode ter diversas explicações, integrantes de bumba meu boi, de Festa do Divino, de terreiros de Tambor de Mina, ou mesmo Tambor de Crioula, passaram a ser assunto de abordagem fotográfica, isso para falar dos anos 30 até os anos 50/ 60, na ação folclórica de Mário de Andrade, nos anos 1930, e na ação fotográfica de que Pierre Verger. Muitos corpos brincantes, em devoção, fotografados sem registros, sem nomes, corpos/imagens, mas que, ainda assim, são consideradas importantes por serem registros únicos destas pessoas. Quisera eu reconhecer imagens de minhas avós e avôs numa destas fotografias de Pierre Verger, assim como muitas pessoas tem se reconhecido ou

reconhecido os seus em vídeos e fotografias do artista maranhense Murilo Santos, em seus registros da década de 1970.

A condição de sacerdotes ou sacerdotisas da cultura (BARBOSA, 2006), acabam por expor essas pessoas ao registro fotográfico feito por terceiros, isto é claro estou falando pensando na questão das minhas avós, em décadas passadas. Mas obviamente essas lentes não estiveram presentes em todos os lugares e reportaram algumas situações certamente previamente avisadas aos fotógrafos que esteve o que estiveram no Maranhão. Tenho poucas imagens da minha avó Dionésia em espaços sagrados com suas indumentárias tradicionais de caixeira ou vestes da Mina. Meu esforço para recuperar imagens de minha avó, partindo do entendimento, por certo, de que a imagem atribui reconhecimento, cujo local por onde minha avó, no caso a caixeira, outrora a sua atividade Sagrada, religiosa, hoje aborda, um dos locais que minha avó frequentava, com possibilidade de farta documentação visual a partir do meu próprio instrumento de uso cotidiano para me comunicar, meu celular.

Neste ano de 2023, passei alguns dias de férias no Rio de Janeiro e tive a oportunidade de presenciar pela segunda vez, a exposição de Walter Firmo, localizada no Centro Cultural do Banco do Brasil. Desta vez, com um passear mais tranquilo, indo de fotografia em fotografia, tentando reconhecer rostos ou semelhanças. Mergulhando em tal exposição com título “O verbo do silêncio, a síntese do grito” onde pude ver o mundo que passou pelas lentes deste artista, fui embriagada por um mundo que é meu e que faz parte de mim. Já havia apreciado outra exposição dele em São Luís do Maranhão com um acervo de mais de 200 fotografias e alguns documentários. Olhar cada fotografia com muito cuidado e passando um pouco mais de uma hora apreciando a exposição. Não sou muito ligada aos textos explicativos das exposições. Nunca fui. Prefiro fazer minha própria leitura visual desse universo de cores, texturas, formas.... Vejo a exposição tentando encontrar-me, de verdade, tentando encontrar familiares. Procuro alguém nessas fotos, em especial, aquela da qual não cansarei de mencionar aqui, minha avó Dionésia. A vejo em fotos de mulheres em suas vestes sagradas, mulheres com instrumentos musicais, ou até mesmo em fotografias de jovens mulheres com olhares lânguidos e sorriso aberto direcionado para a câmera do fotógrafo. Tento encontrar, minhas avós.

Minha tia-avó Dionésia nunca pariu uma criança formada. Toda vez que ela engravidada, sofria abortos espontâneos, um sofrimento após o outro. Ainda assim,

ela foi um corpo/mãe, um corpo que benzia, que “erguia as arcas”, que tirava mal olhado de crianças. Perdi as contas de quantas vezes ela rezou sobre mim, rezando sobre meu corpo esguio e adoentado. Não teve filhos de sangue, mas decidiu criar Mercês, minha tia de coração pela qual eu tenho muito carinho, principalmente por ter continuado com cuidando da minha vó até o final de sua vida. Minha tia Mercês casou-se com meu primo e tiveram três filhos: Keiliane, Kelma e Alisson.

No dia 2 de março de 2021, investigando um pouco mais sobre a história da minha avó Dionésia, perguntei à sua filha Mercês, se ela teria alguma fotografia da minha avó com indumentárias do Tambor de Mina, ou vestida de caixeira e, para minha surpresa ela me enviou esta foto abaixo que analisaremos em alguns momentos nesta tese (foto 16). Assim que ela me enviou a foto, parei por um tempo e me peguei a observar e me imaginar naquele lugar. O que se passava na cabeça da minha vó? Aparentemente altiva, com a mão na cintura e a outra na cintura de seu Geraldo. Dionésia recebia Zé Pretinho, entidade acolhida por Zé Pelintra e que muitas vezes podem ser confundidos “Zé pretinho, menino de Zé”. Na fotografia, minha avó e seu Geraldo, pareciam um casal, um momento congelado, que não sei ao certo se foi antes ou após os rituais da casa. Minha tia avó, que com toda licença, a chamamos de vó e os demais a chamavam de Mãe Dondom. A avó que tinha uma enorme preocupação com minha mãe e minhas irmãs, sempre protegendo, ajudando, nos aconselhando.

Foto 16: Vó Dionésia e seu Pai de Santo Geraldo



Fonte: Acervo da família

Sempre tão presente, porém, existia uma cortina que nos impedia de adentrarmos ao seu mundo de mineira, a cortina do medo, do preconceito e da ignorância. Hoje posso dizer que consegui romper esse pano que já não nos cabe mais. Observo essa fotografia quase todos os dias, cada detalhe, as roupas, o pano na cabeça, a forma séria que encaram a câmera, a posição das mãos, os pés, os sapatos, as guias e vou tentando criar mais imagens entorno deste lugar. Uma foto. Apenas uma foto para contar sua história. Uma foto de uma mulher que eu desconhecia. Existem mais fotos? Espero encontra-las no decorrer dessa trilha longa e sinuosa. Temos outras fotografias da minha avó Dionésia, porém com roupas do dia a dia ou conjuntos “de sair”, feitos com tecidos em mãos de costureiras. Quando com roupas do dia a dia, vejo a minha vó com a qual tive mais intimidade. A avó sorridente e cheia de piada e às vezes com falas dúbias. Acho que também é a mesma personalidade da avó Dionésia enquanto caixeira. Digo isso, por que, ao observar

caixeiras de inúmeras festas que já presenciei, observo que tem os momentos da contrição, mas tem os momentos de descontração, na qual elas sorriem, dançam, rebolam, contam piadas de duplo sentido sem nenhum pudor. Para quê pudor? Como é possível sentir falta do que não se viveu. Não vi minha avó em nenhum desses momentos, nem como mineira, muito menos como caixeira, mas vou juntando imagens, histórias, relatos e monto partes de um quebra-cabeça que vão ganhando consistência e uma vida que não vivenciei.

Da vó Dionésia Tenho algumas fotografias sua que considero muito marcante para mim. Na fotografia 9, minha a avó a outra que ela está na cozinha de sua casa junto com minha mãe no bairro da Liberdade, e a outra (foto 17) com as roupas do terreiro de seu pai de Santo Geraldo. A segunda foto, minha vó olha com ternura, pois quem a estava fotografando era minha tia Sonia que havia chegado de São Paulo com meu tio e minhas sobrinhas.

Fotografia 17 – Vó Dionésia e minha mãe na cozinha da casa no Bairro da Liberdade (1991)



Fonte: Sônia Ferreira

A fotografia era coisa muito rara em nossa família, no geral, a maioria das nossas fotos, foram registros de quando meus tios vinham de São Paulo para São

Luís. Eles sempre carregavam consigo, uma câmera fotográfica. Graças a eles, temos registros de momentos maravilhosos, que colocarei no final desta tese.

Da vó Rosa minha avó materna, também tenho imagens, porém não tenho fotografias da minha vó materna, a conheço apenas pelas lembranças contadas por minha mãe, pois ela tinha apenas 13 anos (década de 1960) quando a vó Laura faleceu. Será que em algum momento você foi fotografada, seja lá em Guimarães em algum Festejo, ou até mesmo em São Luís quando veio trabalhar em casa de família. Confesso que queria muito te ver. Fico apenas montando esse quebra cabeça com as peças dadas por minha mãe: “Ela tem a testa igual da sua tia Zeca o rosto muito parecido ao dela. Tinha cabelo volumoso assim como da sua tia. Tinha as sobrancelhas quase unidas. Sua irmã Lea puxou a sua avó. Ela tinha os olhos parecidos com os teus”. Que bom ter os olhos parecidos com os teus! E assim, sigo montando esse retrato falado criado em meu imaginário. Assim, fecho os olhos, seguro tua mão quentinha. Mãos de vó. Essa ausência da imagem gravada nas retinas, ou as imagens fotográficas, mas de certa forma dói demais. Ainda assim, contento-me com as imagens formadas por meio de palavras e frases descritivas que nos induzem a usar a imaginação, assim como quem ler um livro sem ilustrações.

É interessante essa reflexão porque hoje vivemos a necessidade das imagens e o reconhecimento delas como importante registro. E no caso, dentro desse conceito ou dessa conceituação de imagens como atestado e de memória, faz falta de mais imagens fotográficas da avó enquanto caixeira bem como da avó Laura Rosa. Mas como eu poderia reconstruir a imagem visual das minhas avós? Poderia reconstruir a partir daquela fotografia em preto e branco de uma caixeira que Pierre Verger fotografou aqui no Maranhão, das fotografias de Walter Firmo ou de Murilo Santos? (Fotografia 18, 19 e 20). Na ausência de uma fotografia em particular, a fotografia de uma outra caixeira, mulher negra, poderia ser usada como uma espécie de índice da avó caixeira e mineira não fotografada ou mesmo da avó que não é caixeira, também não fotografada? Todas elas vieram do mesmo continente a África e talvez até da mesma região, quem sabe, Benim. Quando eu falo todas elas estou me referindo a mulher fotografada pelo Pierre Verger e as minhas ancestrais.

Fotografia 18: Caixeira do Divino. Fundação Pierre Verger



Fonte: (<https://farofafa.com.br/2021/03/24/abelezadascoisas/>).

Foto 19 - Maranhão, Caixeiras da Festa do Divino Alcântara, Dona Oscarina, Dona Anica e Dona Monquinha, 1972 – Walter Firmo



Fonte: (<https://ccv-ma.org.br/app/uploads/2019/05/ccvm-walterf-catalogo-2004-final-digital.pdf>)

Fotografia 20: Dona Oscarina Pinheiro



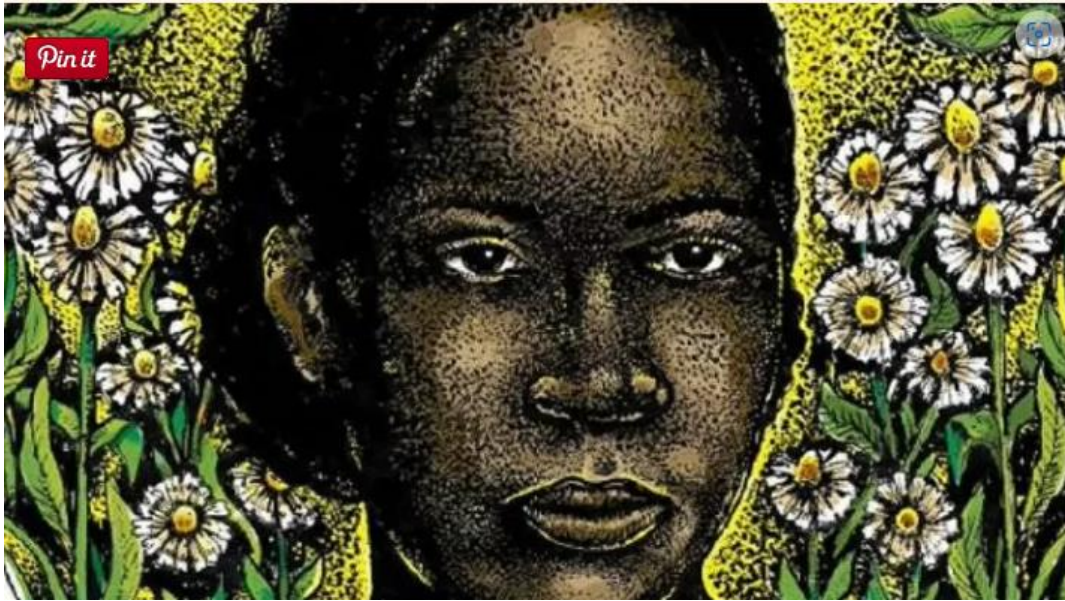
Fonte: Murilo Santos - 1981

No momento em que observo esta fotografia, busco nas suas vestes, cabelo, postura, que a tornam ainda mais bela, uma beleza entendida como algo coletivo e não uma vaidade pessoal. A foto da mulher negra avó, tem referenciada a mulher negra caixeira registrada pelas lentes do Pierre Verger.

Um outro exemplo de diversidade na representação artística de mulher negra historicamente inviabilizada, mas que hoje tornou-se notoriedade, sem que dela se tenha qualquer registro fotográfico, seja em pintura ou desenho feito a seu tempo, é a Maria Firmina dos Reis. Porém, as várias representações de sua imagem são várias e são assimiladas em cada instância em que se inserem. Uma das instâncias e que ensejou a primeira representação de que se tem notícia de Maria Firmina é o seu busto que desde 1974 está exposto na Praça do Pantheon, ao lado dos grandes escritores maranhenses. Essa praça fica localizada na região central de São Luís, em frente à Biblioteca Pública Benedito Leite, um imponente prédio de arquitetura em estilo neoclássico, porém eclético, inaugurado no dia 29 de janeiro de 1951. O conjunto das estatuas desses escritores passaram a atestar a atribuição de Atenas Brasileira à cidade de São Luís, bem antes da inserção no conjunto do busto de Maria Firmina. A escultura nesse contexto foi feita com traços que remetem ao cânone grego. Esse tipo de escultura chamado “busto ideal”, busto idealizado e nessa idealização se afasta de uma fisionomia de mulher negra.

Além dessa representação, existem várias outras versões da Maria Firmina com uma espécie de Retrato Falado, só que numa memória muito remota, mas não importa. Ela está ali, nos textos, desenhos e pintura e entendemos naquele olhar o olhar verdadeiro da Maria Firmina, ou seja, ela vai se consolidando no nosso imaginário e nas representações se tornando cada vez mais o que de fato foi, uma mulher de ancestrais africanos. Esse processo se dá na medida em que o poder de sua obra literária conquista a notoriedade merecida da qual falamos anteriormente. Ela está ali, nos textos, desenhos e pintura e entendemos naquele olhar o olhar verdadeiro da Maria Firmina, ou seja, ela vai se consolidando no nosso imaginário. Para registrar, a Maria Firmina foi descoberta por Nascimento de Moraes Filho, fundador do comitê de defesa da Ilha em 1982, grande escritor negro, filho do Nascimento de Moraes.

Figura 1 : Maria Firmina dos Reis recriada por João Gabriel dos Santos Araújo em concurso realizado pela Flup.



Fonte: Revolucionou em 1859: quem é 1ª escritora negra homenageada pela Flip - 14/09/2022 - UOL ECOA

Figura 2: Busto de Maria Firmina dos Reis instalado na Praça do Pantheon, em São Luís (MA)



Fonte: Revolucionou em 1859: quem é 1ª escritora negra homenageada pela Flip - 14/09/2022 - UOL ECOA

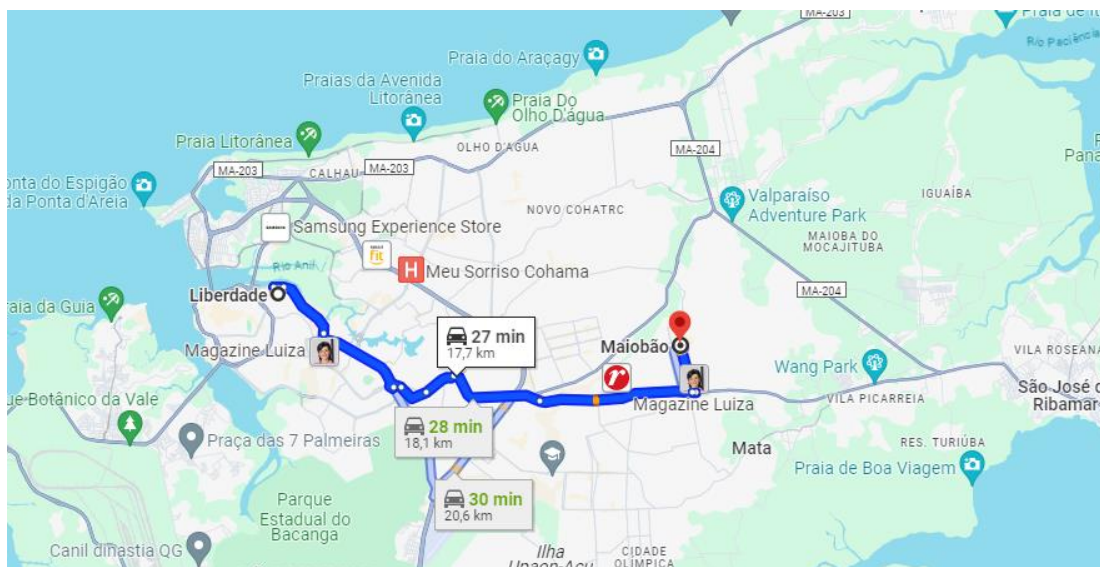
Quando me refiro a encontrar na foto do Pierre Verger, na negra que figura na foto que a essência da foto que é a mulher negra é para essa questão muito mais importante do que o próprio fotógrafo. Inclusive, tento colocar isso no meu trabalho como se eu fosse apenas alguém que carrega um espelho que tem a capacidade de guardar imagens. Não manipula foto a não ser minimamente enquadramento e

qualquer Retoque com em busca de uma melhor leitura da imagem no estado cru em seu estado.

Dionésia poderia estar presente nas mulheres negras que trabalhavam nas fábricas de São Luís, em trabalho em condições precárias. Minha avó poderia estar ou ser representada nas fotografias de Gaudêncio Cunha no começo do século, mesmo tendo ela vivido a vida de Operária tecelã, décadas depois. Ou na foto da Fábrica Camboa de 1920. Ou nas fotos da Casa das Minas. Na casa das minas, aliás, foi ampliado uma foto antiga bem grande e colocada numa parede inteira na foto as pessoas aparecem em tamanho maior que o natural, o que significa também uma reposição por meio de uma imagem da presença dessas pessoas na casa, e de certo modo, uma ostentação do melhor dos sentidos da fotografia raramente dada ao povo negro, ao povo de terreiro, pelo menos na primeira metade do século XX. A casa da Minas pela sua importância em lugar de visitação de pessoas ligadas à África ou de interesse no assunto, certamente Pierre Verger e outros, fizeram com que a Casa das Minas tivesse uma quantidade maior de fotografia do que qualquer outro terreiro embora uma quantidade até antes dos anos 70 muito pequena.

Na época, chegar no bairro do Maiobão não era fácil, para quem morava na Liberdade, cerca de 17 a 18km, ainda mais carregando um “agrado” para as quatro filhas de Dona Bárbara. Era a religião proibida, a “macumba”, termo que ouvia desde criança de forma pejorativa, como algo que deveríamos temer e fugir, não aceitar. Passei mais da metade da minha vida, sem presenciar uma Festa de Santo, tornando-me evangélica em minha infância, distanciando-me, ainda mais, de uma possibilidade de conhecer a Mina.

Figura 3: Mapa indicando distância entre bairro da Liberdade e o conjunto Habitacional Maiobão



Fonte: Google Maps (acesso 10/12/2023)

Ao recordar-me dessas sensações, essas experiências únicas de vivências, nas Festas do Divino Espírito Santo, remeto-me ao que a professora greimasiana, Ana Claudia de Oliveira afirma, ao referir-se a essa experiência extraordinária, como “apreensão estética, vivenciada pelos sentidos, sendo refeita em linguagem estética como palavras ou de forma visual que venha garantir um acesso maior a outras pessoas” (OLIVEIRA, 1995, p. 230). Experiência na qual todos os sentidos são aguçados, uma explosão dos sentidos nos invade, ao adentrar na casa de Festa do Divino.

A Festa do Divino e todo seu repertório visual, sonoro e espacial é capaz de conduzir seus participantes a uma espécie de encontro de sensações, capaz de levá-los à embriaguez, ao adentrar nesses *espaços sagrados*: o conjunto de cores e símbolos, o caimento do cetim, a sobreposição de tecidos, a ornamentação dos espaços, a textura tátil e visual, o brilho das roupas sob a luz do sol, o som dos batuques nas caixas e dos tambores, os cantos das caixeiras, as vozes ecoando as ladainhas, o perfume do *defumador*, do *chocolate*, dos *doces*, da *comida*, a acidez da bebida, o doce dos bolos e licores, o sabor peculiar da comida, a textura do alimento em nossas bocas, a maciez das sedas, dos objetos de decoração.

Descrições estas que, adentram no campo perceptivo do sujeito, que pode variar de pessoa para pessoa, sendo capaz de romper, muitas das vezes, a *anestesia* do sujeito. As coisas do mundo adentram no campo de percepção do sujeito,

em consenso com os lugares que elas e o sujeito ocupam assim Oliveira aponta:

Esse encontro fortuito possibilita toda uma nova sensibilização do sujeito na sua percepção do circundante. Um sujeito bem posicionado frente a um objeto bem postado, são condições básicas para que o objeto, quebrando a continuidade do mundo que o tornava imperceptível, apareça com o que ele tem de mais característico: um certo som, uma certa fragrância, uma certa luz, um certo paladar, uma certa forma, uma certa textura (OLIVEIRA, 1995, p. 229).

Definitivamente, uma festa que nos envolve como uma leve brincadeira dos sentidos, com o real e o imaginário, o lugar, o espaço sagrado, sua simbologia e estética própria. Diante deste universo que é tal festejo, busco refletir sobre Festa do Divino Espírito Santo, no bairro da Liberdade, a partir de seus símbolos e dimensões do imaginário, presentes na relação de santificação e do sagrado, motivadores da devoção nesses espaços, o que seria um passo dado em minha pesquisa de campo desde 2020, que não pôde acontecer por conta da pandemia, até o ano de 2023, quando ocorreu a grande Festa, pós pandemia.

2 - ABERTURA DA TRIBUNA – Casa de Festa no bairro da Liberdade e as Caixeiras do Divino.

*É meio dia, é meio dia,
Três pancadas deu o
sino,
Agora nós tamo abrindo
A tribuna do Divino*

- Seguimos de mãos dadas, vó, para acompanharmos a abertura da Tribuna, juntas.

- Shiiiiii! Já vai começar!

É chamado de Tribuna um espaço Sagrado que está para além do que nossos olhos alcançam, que liga espaço físico ao Sagrado. A abertura da Tribuna indica o começo. Segundo Marise Barbosa “As Festas do Divino têm na abertura da Tribuna algo como a abertura de uns parênteses na sacralidade cotidianamente cultivada nos terreiros. ” (Barbosa, 2006, p.28). As Caixeiras se reúnem no espaço que passará a ser sagrado entoando suas vozes e os toques das caixas.

Durante todos os momentos ritualísticos da Festa, a presença das mulheres estará em destaque, ainda que haja a presença de um mestre-sala, aquele que executa as ordens das caixeiras do divino e quem estará sempre a postos para qualquer acontecimento ou direcionamento da festa. Ainda assim, são as caixeiras

que ditam os passos, fazendo papel de sacerdotisas.

Esse contato direto do feminino com o sagrado é pouco visível em determinadas religiões, principalmente as ligadas com o cristianismo. Em comparação da Festa do Divino do bairro da Liberdade com a Festa de Alcântara, na primeira, as caixeiras têm uma liberdade mais explícitas nos rituais da Festa. Durante os rituais, as caixeiras ditam o ritual em forma de versos, cantam para o Divino, cantam para a tribuna, desenham os passos em forma de cantos com suas vozes peculiares. Em Alcântara, é perceptível que em vários momentos, principalmente dentro das casas de Festa que a participação das caixeiras é fundamental, porém nos cortejos as vozes das caixeiras dão espaço para uma banda que toca suas músicas na maior parte do tempo. Faço essas comparações com a Festa de Alcântara por ter sido campo de pesquisa para outros trabalhos realizados em tal cidade, como mencionei em outros momentos desta tese.

A presença da figura feminina, se destaca em outros ambientes das festas, como por exemplo, na figura das rezadeiras que entoam suas rezas e ladainhas em alguns momentos, da Festa, como abertura da tribuna, rezas antes do almoço no dia da Grande Festa, dentre outros momentos. Dona Albina, esposa do Seu Bedeu, além de ajudar na realização da festa, também é uma das rezadeiras da festa. É um ofício passado de geração para a geração.

Na Festa do Divino do Bairro da Liberdade realizada por seu Bedeu, abre-se a e dar início à festa com um bonito jantar oferecido pelo realizador do festejo, seu Bedeu, uma semana antes do levantamento do mastro.

A Festa do Divino Espírito Santo realizada no Bairro da Liberdade, campo de pesquisa da minha tese, acontece uma vez por ano, durante uma semana, culminando no dia de Pentecostes, 50 dias após a Páscoa, que pode variar entre o mês de maio e junho. A Rua Gregório de Matos, localizada no bairro considerado maior Quilombo Urbano, é tomada por participantes em seus singelos cortejos, que por sua vez, possuem seu ponto de partida e chegada, em uma pequena casa que é redesenhada ou ressignificada, para realização dos rituais da festa.

A morada nº 326, a rua Gregório de Matos, algumas ruas principais e a Igreja de São Francisco de Assis são cenário desta grande Festa. São espaços ocupados pelos personagens da Festa em todos os momentos ritualísticos: Abertura da Tribuna,

Buscamentodo Mastro, Visita dos impérios, Missa, Roubo e derrubamento dos mastros. E antes da Grande Festa, os espaços internos da Casa são todos remontados, redecorados de acordo com a cor escolhida no ano da Festa. Tudo muda e passa brilhar, parece outro lugar e não mais uma casa como todas as outras.

Durante os anos de 20022 e 2023, ao acompanhar os momentos da Festa, levei Dionésia na lembrança, tentando imaginá-la em cada espaço, sorrindo largo, rezando, cozinhando, tocando caixa e bailando carimbó das caixeiros, naqueles espaços, ambientados especialmente para a Festa, o que chamamos de arte da Devoção.

A festa do Divino possui alguns momentos lentos e carregados, não é fácil segurar o cansaço ao sol durante os cortejos ou em pé na Sala do Altar durante as ladainhas. Muitos vão para fora da casa esperar sentado em algum cantinho, outros permanecem ali, até o fim, acompanhando cada passo da Festa.

O livro “Umas mulheres que dão no couro” de Marise Barbosa, trata-se de uma exaltação às mulheres consideradas “sacerdotisas do divino”. Elas que conduzem a Festa, em se tratando especificamente de algumas Festas do Divino de São Luís, assim com a festa da qual realizei esta pesquisa. A presença das mulheres nesses espaços se

É necessário destacar a importância dessas manifestações populares, pois, por meio delas, somos identificados, somos interligados, e tais identidades vêm se perdendo lentamente, por isso, essa necessidade de trazer a história de minha avó, com essa esperança de fazer uma homenagem à sua história que tem se diluindo com o tempo. A Festa do Divino faz parte da identidade de um povo, sobre esse aspecto, tomo as palavras de Stuart Hall que afirma:

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’ (HALL, 2000, p.38).

Segundo o professor e antropólogo Sérgio Ferretti:

A festa do Divino reflete aspirações de abundância e de glórias do passado que estão presentes nas classes populares. É uma festa comunitária que ritualiza a colaboração e a fartura conseguida através da organização e da criatividade popular. É uma festa solene e muito

ritualizada que se destaca mais pelo cumprimento do dever e da obrigação, do que pelos elementos de brincadeira, que, entretanto, estão presentes em certos momentos (FERRETTI, 2007, p. 3).

Essas “aspirações de abundância” mencionadas por Ferretti, são perceptíveis na maioria das Festas celebradas no Estado, seja a casa mais simples à mais sofisticada, em que é comum se perceber esse esmero na composição e ambientações dos espaços. Em São Luís, diferentemente de Alcântara, onde se encontra cerca de 8 a 13 casas ambientadas para o Divino, percebe-se, nas moradias, localizadas em áreas urbanas e rurais, uma busca pela luxuosidade nas ornamentações, perdendo assim, o caráter de simples moradia.

Nesta caminhada, por entre várias Festas do Divino, sempre busquei visualizar minha avó, dentre inúmeros rostos de mulheres e no timbre de suas vozes, ao entoarem as canções ao divino. Esse misto de sensações entre cheiros, texturas, sabores e sons eu podia encontrá-la. E poder falar sobre essas mulheres que, como extensão de seus corpos, o contato com o sagrado é um ato político. São mulheres, donas de casa, que têm filhos, netos e que priorizam, durante os dias de Festa, suas obrigações com o Divino.

Adentrar, nas memórias das tias, avós, relatos orais, vivências, crenças, sonhos, pedidos, é o que venho buscando, para me apropriar desses relatos das memórias, imagens fotográficas, objetos. Uma busca constante deste elo com a Festa, do ontem com o hoje, do passado com o presente.

Como estas mulheres seguiram no período da pandemia? Fiz-me esse questionamento e refleti sobre isso, em minha jornada como professora/pesquisadora. Parar e ao mesmo tempo dar continuidade nas obrigações, mesmo com nossas vozes abafadas pelas mascaras de proteção. A tribuna ficou fechada, os espaços ficaram vazios, à espera das três pancadas da caixa do divino. O *festejar* foi adiado, até o dia da próxima abertura da Tribuna da Festa do Divino em 2023, quando tudo voltou a acontecer. Tudo como antes? Não! Mas aconteceu, ainda que timidamente e não tão grande como os festejos pré-pandemia, mas aconteceu. Mas antes, falarei um pouco das ausências.

2.1. 2020/2021 – Não haverá Festa! Como fica a tradição?

A casa é demarcada com um mastro recoberto com folhas de murta e enfeitado com bebidas e frutas, que ficam penduradas ali, até o dia de seu

derrubamento, encerramento da Festa. A foto abaixo, foi feita no ano de 2019, quando estava prestes a participar da seleção para o doutorado. Fiz esta foto quando passeava no bairro, mas por questões do trabalho, não pude acompanhar a festa do Divino daquele ano. (foto 21).

Foto 21 – Casa e o mastro: casa de Festa do Divino Espírito Santo realizada no Bairro da Liberdade.



Fonte: Acervo pessoal, 2019

Tive sorte em fazer a foto do último mastro pré-pandemia. O mesmo lugar frequentado por minha avó como caixeira do Divino, mulher preta, que cozinhava muito bem com suas mãos divinas, mas já entendia dessa necessidade de pesquisar mais sobre a história de Dona Dionésia (minha tia-avó) e sua relação com espaços sagrados da Festa e todo esse repertório visual, que engloba tal festejo, partindo dessa simbologia presente nesses espaços. Mulher negra da Mina (referência ao Tambor de Mina) que muitas vezes, teve sua história omitida aos seus netos, justamente por conta de sua religião, que era vista como algo “proibido”, em épocas que ainda não se falava sobre empoderamento da mulher negra (CARNEIRO, 2019).

O ano de 2020, na casa de Festa do Divino, localizada na Rua Gregório de Matos, foi forçado a trocar os cortejos luxuosos por ruas vazias, levantamento do mastro cercado de uma multidão cheia de fé e desejo de diversão por um espaço esvaziado. As vozes das caixeiras foram substituídas por vozes das rezadeiras, que ecoaram com suas ladainhas em latim, pedindo paz, saúde e em agradecimento ao

Divino. 2020 não teve Festa, não teve cortejo, não teve levantamento de mastro, nem ambientação da casa. Montaram o altar e a fartura da comida foi trocada por distribuição de quentinhas, para aqueles que estavam acostumados com o festejo de todo ano. (Fotografia 22)

Fotografia 22: Cortejo do Divino



Fonte: Carlos Alberto Mendes Araújo, 2019.

No dia 22/02/2021, pude fazer uma visita ao seu Carlos Alberto Mendes Araújo, mais conhecido como seu Bedel e sua esposa dona Albina, que puderam falar da tristeza por não poder ter realizado a Festa do Divino, em 2020 e em ver as ruas vazias, neste período. Pude observar a casa com paredes e teto desnudas, sem cores, sem brilho, paredes cruas. Na sala de estar, que seria a sala do Altar, encontrei o altar revestido em tecido azul de cetim brilhoso, e seus santos postos nos batentes do altar. Era o que chamava a atenção do meu olhar.

O que fazer? Olhar para o altar da Festa que não aconteceu e abstrair o restante do espaço? Ou continuar entendendo que, aquele espaço, ainda que não carregado, visualmente, das cores e volumes de costumes, constitui-se de um espaço sagrado, que apenas está com a *Tribuna* ainda por abrir. Vejo como um espaço museal, que nos leva a imergir em um lugar, que, mesmo esvaziado dos elementos que compõem a festa, ainda é capaz de conversar com seu interlocutor. Como afirma Georges Didi-Huberman, sobre ausências e não ausências:

Ora nesse lançamento que vai e volta, no qual o lugar se instaura, no qual todavia “a ausência dá conteúdo ao objeto” ao mesmo tempo que constitui o próprio sujeito, o visível se acha de parte a parte inquietado: pois o que

está aí presente se arrisca sempre a desaparecer ao menor gesto compulsivo; mas o que desaparece atrás da cortina não é inteiramente *invisível* ainda tatilmente retido pela ponta do fio, já presente na imagem repetida de seu retorno; e o que reaparece de repente, o carretel que surge tampouco a visível com toda evidência e estabilidade, pois dá viravoltas e rola sem cessar, capaz a todo instante de desaparecer de novo (DIDI-HUBERMAN, 2018, p. 96).

O mastro da Festa encontrava-se em repouso, nas vigas da casa, carcaças de altares antigos estavam debruçadas sobre um mezanino, tudo em repouso, como quem espera um próximo ano de Festa. A cor do ano seria azul, já estava tudo preparado para montagem, porém, a pandemia pegou todos de surpresa, obrigando a tais peças repousarem até a hora certa de acordar. (Figuras 23 e 24)

Tentei preencher esses momentos com a poesia do vazio, sobre o não acontecer. Paredes limpas, sem tecidos caídos e drapeados, sem o brilho bastante comum no festejo. Quem estava naquela sala em maio de 2020? O que se passava no campo do espiritual? Foi necessário parar! Lembro-me de uma fala minha durante uma aula do doutorado em que eu dizia que todo ano a festa do divino acontecia, independentemente de qualquer coisa, pois era tradição, a não ser que o dono da festa se adoentasse ou viesse a falecer. Nuca poderia imaginar que esse hiato poderia se dar por conta de algo tão grave. Aliás, ninguém imaginava. Todos fomos pegos de surpresa e isso reverbera até hoje.

Fotografia 23 – Altar do Divino durante o período da pandemia



Fotografia 24 - Mastro da Festa em repouso. Bairro da Liberdade, São Luís – MA



Fonte: Fotografias da autora, 2021

Em 2021, quando a vacina já fazia parte da nossa realidade, ainda que com muito custo, Seu Bedeu realizou um momento de ladainha ao Divino, que já mencionei no capítulo anterior. Porém, aqui, enfatizo a busca da população que sentia falta do Festejo e que, segundo seu Bedeu, sempre perguntavam se haveria Festa ou não. A pandemia ainda estava em alta, muitas pessoas contraindo covid, era impossível realizar qualquer tipo de aglomeração.

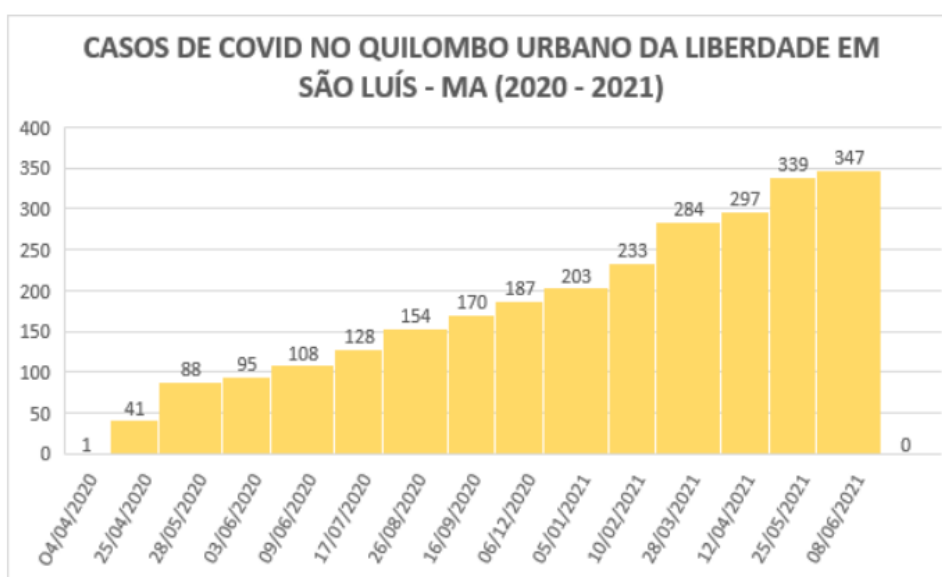
O bairro da Liberdade foi bastante agredido pela pandemia, De acordo com pesquisa realizada pelos autores Angela de Cássia Costa, Jairo Fernando Pereira Linhares e Maria Ivanilde de Araújo Rodrigues, que escreveram o artigo “O quilombo urbano da Liberdade frente a negação de direitos em tempos de pandemia de Covid – 19”, relatam que grupos de moradores tiveram que se manifestarem em busca socorro, solicitando prioridades em relação a atendimentos para moradores com covid, como afirmam no seguinte parágrafo.

Em abril de 2021, em reportagem exibida em uma rede local de TV, moradores do maior Quilombo Urbano do Brasil, o bairro da Liberdade, que fica no Centro da Cidade de São Luís – MA, e OAB – MA acionaram a prefeitura para que os moradores do bairro, o primeiro Quilombo urbano do

Brasil sejam imunizados contra COVID 19. A comunidade enviou um pedido por meio do Comitê Gestor de Compensações e Reparações do Quilombo da liberdade para prefeitura de São Luís, solicitando um posto de vacinação no quilombo Urbano, como forma de enfrentamento a Pandemia de Covid – 19, desde 2019, o bairro é certificado como um quilombo, e segundo Resolução do Supremo Tribunal Federal os moradores de quilombos estão entre os grupos prioritários da vacinação, mas até aquela data nem um posto de vacinação foi implantado no Bairro para imunização especificamente os moradores da área quilombola.

Abaixo, podemos ver gráfico que mostra o impacto do vírus no bairro da Liberdade (Gráfico 1):

Gráfico 1. Evolução dos casos de infecção por COVID - 19 no quilombo urbano da Liberdade (2020 - 2021)



Fonte: Costa; Linhares; Rodrigues, 2022. com dados retirados do site <https://painel-covid19.saude.ma.gov.br/mapa>

Em Alcântara foi possível ver pequenos cortejos nesse período de Festa do Divino, porém com poucas pessoas e todos utilizando suas máscaras, mas ainda assim, considerado algo um tanto perigoso. Deu-se seguimento à tradição, mas com todos os protocolos sendo seguidos.

A tradição foi seguida, deu-se apenas uma pausa, guardou-se as caixas, os materiais para decoração, os enfeites, a vontade de cozinhar, de cantar para abrir e fechar a tribuna, de cantar na subida e derrubamento do mastro, de se vestir de princesa, imperador, imperatriz, de sentar-se ao trono, de carregar função de autoridade, mesmo que sendo funções extremamente cansativas. Um hiato com fé, medos, desejos, mas que de pouquinho, foi tornando a acontecer.

2.2. 2022 – Salva ao Divino Espírito Santo no Domingo de Pentecoste.

2022 chegou quentinho, trazendo esperança. Embora tenha sido um ano no qual não tenha acontecido a festa do divino como de fato é, uma festa do divino com todos os seus passos, todos os rituais com um planejamento para uma festa com cerca de duas semanas de acontecimentos, ainda assim foi extremamente importante ter esse momento que veio provar que a festa estava apenas adormecida, prestes a despertar de um longo sono.

Durante entrevista com seu Bedeu, no ano de 2022, este logo me informou que no domingo de Pentecoste haveria apenas uma salva para o Divino com almoço, um bolo sem a decoração dos espaços como de costume, mas com uma linda mesa de café da manhã pós realização da missa ainda com todos os protocolos sendo seguidos. A pandemia não estava em alta na época, mas ainda assim, havia necessidade de alguns cuidados, pois o público em geral tem uma grande quantidade de idosos. Seu Bedeu também nos informou que havia a questão financeira e uma renda insuficiente para realizar uma festa um pouco maior então, segundo seu Bedeu. “Muitos perguntam se a festa vai acontecer, se vai ter feijoada, toque de caixa e eu com toda essa preocupação dizia que ia fazer apenas uma salva do Divino. Eu sei que se eu dissesse que teria festa, essa rua, que é a principal, ia fechar de um canto até o outro” (Bedeu, 2022). Como fazer uma festa nesse período levando em consideração que ainda haviam casos de covid 19?

Seu Bedeu então realizou este momento, com a ajuda de seus amigos, políticos e festeiros que juntou uma grande quantidade de pessoas, ainda assim. Para mim, foi a melhor notícia saber que aconteceria um momento como esse. Até então eu apenas tinha fotografado os espaços da casa durante entrevista realizada com seu Bedeu e sua esposa em momentos antes de ser aprovada para o Doutorado e me mudar para Belém.

Sabendo do horário e dada da salva ao Divino, pedi permissão para seu Bedeu para eu acompanhar alguns momentos fazendo registros em vídeos e fotografias. Minha vontade era de me mudar para o bairro da Liberdade e acompanhar todos os passos, mas o trabalho sem licença de afastamento, não me dava esse luxo.

No dia 4 de junho de 2022, me dirigi até à Casa de Festa para acompanhar os preparativos do almoço do Domingo de Pentecoste. Cheguei por volta das 15 horas de uma tarde um pouco nublada, gerando em mim, uma nostalgia dos tempos que eu

ia caminhando do ponto de ônibus até a casa da minha avó. Seria um encontro? Sim! Um encontro de olhares cruzados em tempos diferentes: o da minha avó e o meu. Já estavam preparando a comida para a festa. Eram várias bacias com cortes de carne de porco, bovina e frango, além de legumes e grandes porções de temperos batidas em liquidificador. O perfume era incomparável: Comida de Festa de Santo.

Assim que cheguei logo fui apresentada aos que estavam na cozinha, recebi em mãos uma touca e uma máscara descartável para adentrar ao espaço mágico da cozinha, de onde saem as delícias da Festa (Foto 25). Quanta honra, vó! Meus olhos focaram nas mãos magias dos que ali estavam e principalmente em seu Adailson, que comandava os passos na cozinha, uma espécie de chefe, assim como minha avó fazia. Dionésia era dessas mulheres que ajudava em tudo e era uma personagem importante nesse espaço da família de descontração, intimidade e muita atenção para que tudo desse certo.

Foto 25 – pronta para filmar os preparativos da Salva para o Domingo de Pentecoste de 2022



Fonte: Acervo pessoal 2022

Dessa vez o almoço seria servido em formato de quentinhas, popularmente conhecido como bandecos, material descartável para que não houvesse nenhum problema em relação à troca de utilização de mesmos talheres ou pratos, seguindo ainda alguns protocolos por conta do vírus Covid19.

Realizar filmagem e fotografias na cozinha da Festa é mais um registro dessa falta, essa ausência porque não ter conhecido esses espaços ao lado da minha avó. De certa forma, venho preenchendo esses paços me abastecendo com essas vivências retroativas. Como seria minha avó em décadas atrás, passando de um lado para o outro com bacias de alimentos, assim como vejo seu Adelson, dona Albina, a Letícia e demais ajudantes presentes nesta cozinha. (Foto 26)

Foto 26 – Adelson e ajudantes preparando o almoço para a Salva do Divino de 2022.



Fonte: Acervo pessoal 2022

Saber que minha avó já esteve em alguns momentos naquele mesmo espaço me causou uma grande emoção, ao observar aquelas mulheres e seu Adelson sorridente, a conversar, cozinhar, cortando e temperando carne e legumes ao mesmo tempo, numa energia de família, uma relação próxima! Mais de 50 anos de realização de uma Festa e a cozinha continuava com essa chama, ainda que branda, mas ainda acesa, se aquecendo para anos vindouros.

Em se tratando da configuração da cozinha, rata-se de uma cozinha ampla, que possui uma porta de saída para um pequeno quintal com plantas, uma janela uma passagem para um mezanino e um pequeno banheiro na lateral esquerda. A cozinha da Casa de Festa é um que não é todo mundo que entra, diga-se de passagem. É um espaço da intimidade de uma família, até mesmo durante a festa é necessário pedir licença para nela entrar. Durante a Festa é o lugar que, embora seja um espaço de trabalho, ao mesmo tempo é espaço de descontração de todos que estão responsáveis pela comida, onde conversam, dão gargalhados, vão cozinhando e ao

mesmo tempo se divertindo tomando um pouco de cerveja e assim vai sendo preparado o alimento da festa para uma salva ao divino que é algo menor, em relação ao período de uma Festa Grande, mas no sentido espiritual, é um cumprimento de uma promessa que envolve a devoção ao Divino.

O dia da Salva chegou! (Fotografia 27) O tão esperado momento da salva e participação da corte durante a missa. A missa aconteceu Na Igreja São Francisco de Assis e logo em seguida a corte seguiu em direção à Casa de Festa. Eram poucas pessoas no cortejo. As crianças estavam com roupas mais simples, mas facilmente conseguimos identificar a imperatriz e o imperador, assim como demais integrantes da Festa. Um cortejo com poucas pessoas, mas no decorrer do dia, mais pessoas foram chegando e preenchendo os espaços: parte da rua, sal do Altar e a copa da casa. Seu Bedeu segue em cortejo com a Santa Croa em mãos, bastante emocionado. Ao chegar à porta da casa de festa, entraram cantando *Eu confio em nosso senhor* com muitas lágrimas e pausa para choro durante esse passo prolongado de 2019, última vez do fechamento da Tribuna até 2022.

Fotografia 27: Cortejo de Domingo Pentecoste



Fonte: Acervo pessoal 2022

A Sala onde fica o Altar e os tronos, é um dos espaços sagrados que está no topo das hierarquias de espaços sagrados da Festa. É neste espaço que é aberta a Tribuna da Festa, onde são apresentados imperatriz e imperador da Festa futura, onde é entregue o posto à nova corte. Em 2022, a sala da Tribuna estava ambientada com

cortinas em tom bege, deixando um ar mais leve para o ambiente. O altar estava vestido na cor branca com os santos da casa enfileirados em casa degrau. A Santa Croa estava revestida em branco e azul. Assim que as crianças representantes das cortes entraram na casa, foram direto para seus postos, tronos que os aguardava para se assentarem enquanto chegava a hora do café especial servido para a corte e convidados. Após esse momento, as crianças foram para o quarto trocar as roupas mais simples por roupas mais sofisticados, de acordo com cada posto da corte. Seguiram então, par a sala do Altar para que começasse a salva das Caixeiras ao Divino. (foto 28 e foto 29)

Fotografia 28 – Salva das caixeiras ao Divino (2022)



Fonte: Arquivo pessoal.

Fotografia 29 – Salva das caixeiras ao Divino (2022)



Fonte: Arquivo pessoal.

Durante a Salva, as caixeiras se posicionam diante do altar e do império e cantam algumas músicas, dentre elas Divino, Dança das Caixeiras, Apareça Santa Croa. Enquanto as caixeiras cantam, tento-me manter firme. Celular em mãos, realizando a filmagem, mas não tem como tremer um pouco com o toque das caixas e o coro das caixeiras

*Da Croa do Espírito santo tem 24 janelas
Cada janela um cruzeiro, Cada cruzeiro uma vela
Apareça Santa Croa, apareça! Agora que eu vim salvá!
Apareça Santa Croa, apareça! Agora que eu vim salvá!*

Após o canto das caixeiras, as rezadeiras e uma mini-banda toma o espaço da tribuna para realizarem as ladainhas ao Divino, todos em pé, diante do altar, a corte permanecem sentados até que termine esse momento. Ladainhas encerradas, este momento é finalizado com uma linda valsa em que os familiares e amos puxam uns aos outros para valsear na pequena sala.

Não é o mesmo ritual da Grande Festa, pois a tribuna não foi aberta, por isso acontecem as danças no espaço da sala do altar, pois em momentos da Festa,

existem algumas regras a serem respeitadas neste espaço sagrado. Após a Salva, as caixeiros seguiram tocando e animando a Festa, seu Bedeu pegou uma caixa e também começou a tocar durante certo período até servirem o almoço. (foto 27)

Foto 30 – Almoço do Império (2022)



Fonte: Acervo pessoal

A Festa seguiu durante o dia inteiro, grande quantidade de quentinhas foram servidas durante o almoço, além de bebidas e muita música. A rua tornou-se mais uma vez, espaço ao Divino.

2.3. 2023 – Festa do Divino do Bairro da Liberdade: vem que vou te mostrar!

Chegou maio de 2023. Agora esse diálogo é diretamente com você vó! Minha referência é você, festa e o que meus olhos alcançaram neste período.

A Festa de 2023 começou no dia 9 de maio, dia da abertura da Tribuna, durante esse período até o dia do buscamiento e levantamento do Mastro, a sala do altar é revestida e redesenhada por ser um espaço sagrado onde os principais rituais da festa acontecerão ali.

É de noitinha. Cheiro de defumador que exala toda a casa até a porta da frente, toque de caixas dando sinal de que está na hora de sair com seu som e vozes

das caixeiros envolvendo a todos que ali estão, é dia do levantamento do Mastro, peça fundamental para demarcar uma Festa em um bairro. Todos que passam pela porta da casa compreendem que ali, é um lugar de Festa.

O mastro é um elemento considerado sagrado, pois acontece seu batismo e todo um ritual em volta dele desde o dia do seu buscamento até o dia que ele é derrubado, dando sinal de encerramento da festa, ou seja, o fechamento da Tribuna.

No dia do buscamento e levantamento do mastro, a corte segue vestida em branco (Sequência de Fotos: 31, 32 e 33) imperador, Imperatriz mordomos, bandeirinhas, bandeireiro. Em grande cortejo, caminham em direção à rua onde encontra-se o mastro em posição horizontal debruçado em algumas cadeiras. O mastro já está todo revestido de murta, fitas coloridas, frutas variadas, refrigerantes, cachaças, sucos da base até o topo. O ritual acontece com as caixeiros tocando e cantando em torno do mastro juntamente com a corte. Todos caminham de modo a dar voltas ao redor do mastro, que ainda está em posição horizontal. Após todo esse ritual em torno do mastro, que acontece na porta do padrinho do mastro, é servido bebidas, salgadinhos, pipoca para as crianças que fazem parte da corte e para aqueles que estão acompanhando o ritual.

Foto 31 Sequência: Buscamento do mastro



Foto 32 Sequência: Buscamento do mastro



Acervo Pessoal 2023

Foto 33 Sequência: Buscamento do mastro



Acervo Pessoal 2023

Durante esse momento, a rua é tomada por música por toque de caixas, contrastando com música dos bares por onde passam. Percorremos as mesmas ruas

que fazem caminho para casa da minha avó, percursos que fiz durante parte da minha vida.

Fazendo um desenho desse cortejo à frente segue o bandeireiro, em seguida imperador, Imperatriz, mordomos e logo após, bandeireiras, em seguida o mastro sendo carregado por uns sete homens que ficam se revezando para não sentirem tanto peso, ao mesmo tempo, estes rapazes seguem se divertindo, fazendo graça, bebendo muita cerveja. Magnífica, fazendo graça durante todo esse percurso que ocorre em torno das principais ruas do bairro da Liberdade.

À medida que esse cortejo vai caminhando as pessoas vão parando, admiram, alguns motoristas esperam, outros não respeitam, mas a maioria espera a corte passar, apreciando esse acontecimento no bairro da Liberdade. Seu Bedeu, segue observando tudo, participando. Juntamente com demais padrinhos demais participantes da festa acompanhando todo o cortejo aparentemente muito emocionado.

O levantamento e batismo do mastro acontece em frente à Casa de Festa, onde mais uma vez, a corte, as caixeiras e os padrinhos da Festa, ao som das caixeiras, dão volta em torno do mastro até o momento de erguer o mastro. Ao som das caixas, alguns homens se esforçam para erguerem o mastro que passará dias erguido em frente à Casa de Festa na rua Gregório de Mastro. O mastro é erguido, misturando-se às fiações elétricas do poste de uma casa singela que abriga uma tribuna aberta ainda por fechar (Sequência de fotos: 34, 35, 36 e 37). Durante a semana outros acontecimentos e rituais farão parte desses espaços que agora é de todos, especialmente do Divino:

Foto 34 – Sequência do levantamento do mastro



Fonte: Acervo Pessoal 2023

Foto 35 – Sequência do levantamento do mastro



Fonte: Acervo Pessoal 2023

Foto 36 – Sequência do levantamento do mastro



Fonte: Acervo Pessoal 2023

Foto 37 – Sequência do levantamento do mastro



Fonte: Acervo Pessoal 2023

Mastro erguido ao toque das caixeiros diante da porta da Casa e seu Bedeu

à espera da entrada da corte e de todos que li estão (Foto 38 e 39). Esta cena já vista por mim em tantas outras festas, tem um significado diferente. Não estou ali apenas como pesquisadora curiosa, mas como um corpo que absorve o divino, os acontecimentos, cada toque da caixa, cada lágrima deixada no solo da Liberdade entre pisadas e asfalto.

Foto 38: Seu Bedeu e o Santo



Fonte: Acervo Pessoal 2023

Foto 39: Seu Bedeu e o Santo



Fonte: Acervo Pessoal 2023

Dentro da sala da Tribuna não é diferente, minhas fotografias e frames de vídeo carregam esse momento em forma de imagem cristalizada, fazendo um vai e vem do estou vivenciando e do que não pude vivenciar. A Sala da Tribuna ainda está com suas vestes mais simples, pois ainda não foi redecorada nas cores da Festa, uma decoração mais singela para receber a corte, mas já perdeu a característica de sala de estar, bem como a copa que se transformou no espaço das refeições da corte. (fotos 40 e 41).

Foto 40 – Sala da Tribuna e a corte à espera do jantar



Acervo pessoal 2023

Foto 41: Hora do jantar



Acervo pessoal 2023

A Festa continua...

Amarelo, dourado, luz do sol, gente na rua, gente dentro de casa, missa com um público enorme e muita fartura. É Domingo de Pentecoste, Vó! (foto 39). A Festa não durou por muitos dias, como de costume, mas foi especial, pois acabávamos de sair de uma pandemia. Toda corte está vestida em amarelo, para conclusão de mais um ciclo para crianças que representam um império, festeiros e a população de fiéis que acompanham os rituais da festa.

Foto 42: Missa de Domingo de Pentecostes



Acervo pessoal 2023

3. CASA – arquitetura dos sentidos e os significados das coisas

Estão batendo lá fora! Vá ver quem é? Disse minha mãe.

Avisto da janela e logo vejo que é minha avó!

Entra vó! E eu de olho na sua sacola e ao mesmo tempo agarrada num abraço gostoso, um abraço casa com paredes de afago e ternura, revestido de tecidos em fores ou liso em tons pastéis, com cheiro de talco de alfazema.

Oi Mãe Dondom! Como muitos a chamavam. *Bença!*

Deus te abençoe! Trouxe umas coisinhas pra vocês! Então ela abria a sacola com alguns agrados: pacotes de biscoito, arroz, leite... doces de festa e lembrancinhas. Era uma alegria só.

Não se demorava muito! Nunca passava de dois dias, mas eram momentos de muito calor e afago. Não pedia permissão para chegar! Nosso lar estava sempre aberto para suas visitas inesperadas em nossa casa do bairro Maiobão⁷. Maiobão, aliás, é um nome do nosso grande conjunto habitacional que, por se situar nas terras do antigo povoamento que se tornou bairro chamado Maioba, ganhou esse nome. Maioba é um nome Tupi que pode significar Folha de Pajé, pois “oba”, em Tupí, significa folha e “maie” quer dizer “pajé”. A cozinha era dela, a sala, o quarto, toda nossa intimidade, pois era prazeroso tê-la em nosso lar. A casa estava aberta a qualquer momento para nossa avó. Se nos via cabisbaixo, já dizia “Essa menina está com as arcas caída! Vou já benzer”, assim, íamos para o quintal e ela rezava em meu corpo, media minhas costas com um pedaço de pano para ver se as arcas estavam realmente caídas e as levantava. Benzia meu corpo e levantava minhas arcas. Seu cheiro, sua voz, a reza em voz baixa, o vento, barulhinho das folhas nas árvores: tudo era encantador, tudo fazia parte daquele ritual de cura, de cuidado e amor da vó Dionésia. Não aprendi sua reza. Nada foi-me passado. Silêncio.

Quando essas memórias me vêm à tona, sinto que esta foi a forma de viver minha vó, conhecer o pouco da sua cultura, desses saberes que, certamente, aprendeu com sua mãe ou tias, mas que convivendo também com a sua avó, e dela bebeu saberes.

⁷ O complexo habitacional do Maiobão teve suas obras iniciadas em 1980 pela Companhia Habitacional do Estado do Maranhão (COHAB) e financiado pelo Banco Nacional da Habitação (BNH) e foi construído como bairro dormitório, visto que a maioria dos moradores trabalhava em São Luís. (Acesso 27/02/2025 disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Maiob%C3%A3o>)

Quando me recordo do seu abraço, talvez da sua vontade de nos fazer conhecê-la por dentro, e a coloco no lugar de *ser casa*, a traduzo pelas entrelinhas trazendo sua história para mesclar-se com a minha e com a Casa da Festa do Divino, onde hoje posso vivenciar o que não vivi quando Dionésia estava entre nós. Um abraço que me guia a construir um mapa dos sentidos, uma arquitetura não convencional que chamo de *arquitetura dos sentidos dos espaços da Festa do Divino do maior Quilombo Urbano*, que vem nesse tocante me levando a perceber que os espaços são preenchidos de cheiros, sabores, cores, texturas, um visual que passa por uma transformação todos os anos de Festa.

Essa experiência do Macro que já foi mencionada, nos faz perceber que a Festa do Divino é uma celebração que combina elementos religiosos, culturais e sensoriais, proporcionando uma experiência única para quem adentra nestes espaços e, sobretudo, está entregue a vivenciar tais experiências. A importância dos sentidos na apreciação de uma festa popular como essa não pode ser subestimada, pois são através deles que os participantes se conectam de maneira profunda e emocional com o evento, vivenciando-o de forma plena, tanto aquele que a visita como quem participa de forma intensa, como os festeiros, familiares, crianças, pesquisadores, caixeiras, bandeirinhas e bandeireiros mestre-sala, rezadeiras de ladainha, dentre outros.

Todos os sentidos são provocados durante os momentos da Festa. O olfato é outro sentido essencial, pois os aromas que permeiam o ambiente evocam memórias e emoções. Os cheiros característicos da culinária maranhense, como o do arroz de cuxá preparados com especiarias locais, são parte integrante da experiência. Esses aromas não só despertam o apetite, mas também conectam os participantes com a identidade cultural da região, celebrando a riqueza de sua gastronomia predominantemente afro-indígena.

A audição é cativada pelos sons das canções e ladainhas que ressoam durante as celebrações religiosas, acompanhadas pelas caixas. A música é uma forma de expressão coletiva que une os participantes em uma comunhão de fé e alegria. Os cânticos sagrados, entoados em coro, criam uma atmosfera de devoção e espiritualidade, enquanto as músicas animam os festejos populares, trazendo um sentido de comunidade e celebração.

O tato também desempenha um papel significativo, seja no toque dos tecidos dos trajes, nos adereços carregados pelos participantes ou nos gestos de carinho e fraternidade, como abraços e apertos de mão. Esses toques físicos simbolizam a

união e a solidariedade entre os presentes, reforçando os laços sociais e espirituais que são uma marca registrada da festa.

O paladar é amplamente estimulado pelos sabores únicos da culinária afro-indígena, que são parte essencial da celebração. A degustação de pratos típicos não só proporciona prazer gastronômico, mas também é uma forma de celebrar a cultura e as tradições da comunidade. Compartilhar uma refeição é um ato de comunhão e celebração, reforçando a identidade coletiva e o sentimento de pertença.

Por fim, o sentido da visão desempenha um papel central, permitindo que os participantes apreciem a riqueza de cores e detalhes presentes nos trajes tradicionais, nas bandeiras e nas decorações espalhadas pelas ruas e igrejas. Deixo este por último, pois tratarei em outro momento desse sentido que completa esse arquivo de sentidos com as fotografias de meu arquivo pessoal. Os trajes coloridos, as flores e as coroas são um espetáculo visual que celebra a diversidade e a tradição cultural da região. A imagem da pomba branca, símbolo do Espírito Santo, é um ícone de paz e espiritualidade que enriquece a experiência visual da festa. Vejo as lembrancinhas como de duração efêmera principalmente garrafinhas de licor que é degustado naturalmente antes da chegada da festa seguinte, no próximo ano. Com uma lembrancinha, você leva um pedacinho da festa para conviver com ele por uns tempos em sua casa. Seria como se a casa africana se estendesse simbolicamente para a casa de quem viveu a “casa maior”, a Casa da Festa.

Assim, a Festa do Divino Espírito Santo em São Luís do Maranhão é uma celebração que vai além do religioso, sendo uma experiência sensorial completa que envolve todos os sentidos. Cada um desses sentidos contribui para criar uma vivência rica e memorável, que celebra a fé, a cultura e a comunidade de forma profunda e abrangente.

3.1. Arquitetura dos sentidos

Dicionário pessoal: espaço em que as paredes e tetos podem ser de concreto, madeira ou qualquer matéria como sonhos, alegria, sabores, cheiros, memórias, conversas, abraços, solidude, árvores, vento, estrelas... amores ou desamores.

A construção de um mapa ou de uma planta do que se quer ou construir, com toda precisão, é função de arquitetos, engenheiros, designers, pessoas formadas por tais cátedras, mas não é impossível para quem não passou por etapas de estudos acadêmicos. Quem nunca se pegou construindo sonhos na ponta do lápis imaginando sua futura casa, apartamento, ou qualquer outra construção mesmo que com linhas desajeitadas? Essa tal idealização de espaços físicos é possível para qualquer um que tenha sonhos, mesmo que não consiga expressar em formas de linhas, algo palpável. Esta fala não é iniciada para apresentar ofícios de arquitetos e engenheiros, mas para falar de uma arquitetura dos sentidos, e aqui fujo do significado comum da arquitetura. Falo sobre a construção de um lugar, ou lugares da casa onde acontece a festa do divino, ressignificados ou edificados, a partir de uma explosão de sentidos que preenche todos os espaços a partir de uma explosão de sentidos que preenche todos os espaços, criando formas e formatos que são possíveis de se sentir. Esse sentido de casa/abraço carregado de cheiros, sons, texturas, uma construção estésica que agora pretendo trazer a partir de minhas experiências, enquanto pertencente a esses espaços.

Essa explosão de sentidos que nos leva a reconstruir um espaço já frequentado ou idealizar momentos não vividos em determinados lugares. Este é meu exercício ao escrever esta tese: reconstruir um espaço que não tive a oportunidade de conhecer durante o período que minha avó era caixeira desse lugar. Exercício que prova o quanto o racismo pode nos distanciar das vivências com pessoas queridas. Portanto, essa reconstrução é necessária. Não soltarei sua mão, vó. Sei hora ou outra precisarei soltar sua mão, mas não agora.

A Casa do Divino do Bairro da Liberdade, casa de seu Bedel e de Dona Albina, durante o restante do ano mantém ostentada em sua fachada a indicação de que consigo, uma placa indicando o número da residência e a indicação de que, aquele lugar sagrado é palco de uma Festa histórica, como uma espécie de marco

para que todos que, por ali passarem, tenham consciência da importância daquele lugar. (fotografia 43)

Fotografia 43: fachada da Casa de Festa com indicação de local de Festejo e endereço.



Arquivo pessoal – 2024

3.2 - Os espaços que vemos e que, por vezes, não olhamos

Durante essa pesquisa, bem como ao longo da minha trajetória de pesquisadora, aprendi a não tratar os espaços a partir de uma única perspectiva. A experiência com a Festa do Divino me levou a compreender a *arquitetura dos sentidos*, na qual os espaços sagrados não se definem apenas pelo que se vê, mas, sobretudo, pelo que se sente. Esse entendimento se torna ainda mais evidente nas religiões de matriz africana, onde a dimensão espiritual é transmitida de geração em geração como parte do pertencimento comunitário.

Ainda que os espaços da Festa do Divino possam ser demarcados visualmente – com os tronos, os tecidos, os altares, a cozinha, os andores e a área do mastro –, há algo que escapa ao olhar e se manifesta na vivência, na memória e na relação afetiva dos participantes com o festejo. Essa construção de memórias não

se dá apenas por meio dos registros visuais que faço através de fotografias e vídeos, mas também na experiência de pertencimento que se reafirma na escrita desta tese.

Os espaços sagrados da Festa do Divino não existem apenas no plano físico, mas também na experiência sensível de cada participante. Cada pessoa traz sua história e sua relação única com a celebração, como relatou seu Bedel em entrevista. Para ele, ver sua sala transformada em um espaço preparado para receber a corte do Divino e os visitantes não é apenas um ato material, mas uma continuidade da tradição de seus pais e um compromisso com o Espírito Santo. Seu choro em vários momentos da festa e, em especial, ao final da festa traduz a emoção de cumprir um dever que não é apenas individual, mas ancestral e comunitário.

Minha própria vivência na festa carrega essa busca por pertencimento. A cada celebração, vou juntando pedaços de sensações e lembranças, tal como as crianças que se assentam em seus tronos, que caminham em cortejos sob o sol escaldante, com suas roupas pesadas e testas franzidas, mas que esperam, ansiosas, pelo momento de chegar à sala do altar, onde serão tratadas como reis e rainhas. Como me contou Elias Ravy, imperador da festa em 2024, ele acreditava que choraria na entrega do seu posto – talvez sem compreender ainda que estava vivendo o encerramento de um ciclo, o que sempre traz consigo um misto de emoção e despedida.

O próprio Ravy se tornou um personagem importante em minhas fotografias da Festa do Divino nos anos de 2023 e 2024, embora ele já vinha participando da Festa desde 2018 nos seguintes postos: 2018 – mordomo Celeste, 2019: Mordomo Mor, 2023: Mordomo Régio e 2024: imperador (Fotos 41, 42, 43, 44 e 45). Sempre me encantaram as meninas da festa, com seus vestidos exuberantes e penteados elaborados, mas, em 2024, foi a presença de Ravy que me chamou atenção. Sua postura respeitosa, seu comprometimento com os rituais e sua espontaneidade criaram uma conexão especial entre nós. Ele logo começou a me chamar de “tia”, o que me remete aos meus próprios alunos. Sempre com sorriso largo direcionado a mim, pedia para que eu o fotografasse. Demonstrava orgulho por estar ali naquele posto de autoridade, sempre numa postura de realeza. Sua jornada dentro da festa, iniciada a convite da tia, culminou no posto de imperador, marcando a transição entre infância e tradição.

Fotografias 44, 45, 46, 47 e 48 – Sequência fotográfica do pequeno Ravy de 2018 a 2024



Acervo da família do imperador Ravy, 2018, 2019 e 2023

Fotografia 49: Ravy ao centro da foto como mordomo da festa de 2023



Acervo pessoal 2023

Fotografia 50: Cortejo do Divino no qual Ravy participa como imperador da Festa de 2024.



Acervo pessoal 2024

A Casa de Festa não é apenas um espaço físico. É um território simbólico onde o sagrado e o cotidiano se entrelaçam. Enquanto as caixeiras realizam seus rituais na sala do altar, a mesa já começa a ser organizada para a refeição. Enquanto a corte, os festeiros e os visitantes estão na missa, a cozinha ferve com os últimos preparos. O sagrado e o cotidiano se cruzam continuamente durante o festejo – e essa relação se estende para além da Casa de Festa, invadindo as ruas.

A rua também se torna espaço de festa, onde o sagrado se inscreve na cidade. Nos cortejos, a corte caminha deixando rastros de memória. As pessoas saem às portas de suas casas, fotografam, apreciam a passagem do Divino ao som dos fogos de artifício. Nesse momento, o tempo comum se entrelaça ao tempo do sagrado, e a cidade se torna parte da celebração. (fotografia 51)

Foto 51: Cortejo de Domingo de Pentecostes, 2024



Arquivo pessoal 2024

Nesses lugares onde o sagrado e o cotidiano se misturam, a tradição se renova e os laços comunitários se fortalecem. A Festa do Divino não é apenas uma manifestação religiosa, mas um compromisso com a memória e a ancestralidade. Como nos ensina Conceição Evaristo (2005), a ancestralidade se inscreve em nós como “escrevivências”, histórias que continuam a ser contadas não apenas pela oralidade, mas também por meio das imagens, dos vídeos e da escrita.

O sagrado, nesse contexto, não pertence apenas ao presente. Existe uma dimensão invisível do sagrado, que cruza o tempo do passado e presente. Ele carrega as vozes, os passos e a espiritualidade dos que vieram antes. Quando no passado a minha avó me abraçava, aquele abraço se tornava um elo sagrado, capaz de transmitir histórias escondidas, de ressignificar vivências. Esses espaços sagrados, portanto, estão impregnados de memórias. Como nos lembra bell hooks (2019), o espaço pode ser um refúgio afetivo e espiritual, onde a identidade se fortalece e se ressignifica.

A experiência da festa não se restringe ao que os olhos captam. Há uma dimensão sensível que se manifesta na fé, nos gestos, nas músicas e na atmosfera coletiva. O sagrado se faz presente na energia que percorre os corpos dos devotos, no som das caixeiros, nas ladainhas das rezadeiras. São lembranças que permanecem muito além dos dias de festejo, tecendo um fio invisível entre o passado e o presente.

Essa dimensão do sagrado e da memória ressoa na obra de Grada Kilomba (2019), quando ela nos lembra que nossas histórias estão impregnadas de silenciamentos e apagamentos históricos, mas que resistem na oralidade e nos rituais comunitários. A Festa do Divino, assim como tantas outras manifestações da cultura afro-brasileira, é um espaço de reafirmação identitária e continuidade. O canto das caixeiros, o toque das caixas e os ritos compartilhados na Casa de Festa carregam séculos de resistência e espiritualidade.

No fim, percebo que minha jornada na festa reflete um ciclo que se encerra, mas que também se transforma. Assim como Ravy entrega seu posto de imperador, minha busca pelo pertencimento se conclui ao perceber que já faço parte desse universo. O encerramento de um ciclo não significa afastamento, mas renovação. A Festa do Divino segue viva – em mim, nas fotografias, nas memórias e na continuidade de tantas outras histórias que ainda serão contadas.

A força do invisível está na ancestralidade, pois os espaços sagrados da festa, não existem apenas no presente, eles carregam as vozes, os passos e a espiritualidade dos que vieram antes. Carregam a força e canto da minha avó, a determinação e fé de dona Benedita e de todos aqueles e aquelas que se foram. A ancestralidade se faz presente em cada rito, em cada cântico e no sentimento de continuidade que une diferentes gerações, assim como minha geração e do Ravy.

Quando menciono essa arquitetura dos sentidos presentes nas Festas do Divino, apresento um esquema que me pertence, que é parte do que vejo e sinto, que sinto sem ver. Estranho? Talvez sim, é poder fechar os olhos e sentir, se dar o prazer de ver com as mãos, o olfato, paladar, audição, e construir paredes, teto, pisos, com a ajuda desses sentidos, uma arquitetura que, sem ela, resultaria em uma memória vazia. Experiência que me permito sentir.

A arquitetura dos sentidos se concretiza com o sentido da visão e a análise desse visual. *A fotografia tem cheiro!* Sim! Cheiro, textura, aromas diversos, perfume de alfazema e defumador, sabor de chocolate, torta de camarão, carne de boi e de porco, bolo confeitado açucarado. A fotografia tem som, tem canto, rezas, ladainhas, rizadas, choro, gargalhadas, toque de caixas. A fotografia é um portal para as memórias dos sentidos.

Talvez seja difícil eleger um sentimento mais ou menos importante que o outro. Todos os sentidos nos levam a uma experiência estética quando necessário, mas quando se trata de uma pessoa com todos os sentidos que, por alguma experiência, tem um dos sentidos vedados, logo sentimos uma falta imensa ou até mesmo medo. Em experiências por meio de exposições que se veda a visão, logo nos sentimos assustados e ao mesmo tempo buscando de alguma forma, sentir-se segura ao lado de alguém que venha mediar essa experiência. Recordo-me da exposição “Sentidos” de Monica Rodrigues, Paulo Cesar e João Carlos, realizada no Sesc Deodoro em São Luís-MA, em que tive a oportunidade de passar por essa experiência. Quando chegávamos ao ambiente, logo éramos vendados e a experiência sensorial começava. Os outros sentidos tomaram à frente e fui começando a me sentir entregue a tal experimento: tato e olfato começaram a trabalhar juntos aguçando nossa imaginação.

O que proponho neste capítulo também se tem a partir da conexão dos sentidos, mas será a partir da visão, que venho montando este quebra-cabeça de mim, um quebra cabeça onde encaixo peça por peça para cultivar dentro de mim uma memória não vivida e que na atualidade utilizo dessa poesia visual para fazer essa conexão entre passado-presente-passado, essa retomada em minha ancestralidade: Sankofa.

Início pela fotografia que mostra a sala da Tribuna, com crianças, caixeiras, que faço referência ao espaço que não pude frequentar no período em que minha avó era caixeira: (foto) do espaço onde fica a tribuna, espaço este que acomoda as pessoas: público, caixeiras, império e rezadeiras. O espaço sagrado, que, de forma hierárquica, é considerado o espaço da divina casa, onde podemos ter contato a essa espécie de portal que é aberto e fechado todos os anos. O espaço do contato entre presente e passado, ente nossa ancestralidade. Quantas caixeiras não passaram por ali? Quantas crianças e festeiros não passaram por este ciclo de cada festa ou cada subida de posto das crianças? Imagino o público atual se revendo, repensando suas memórias de períodos que foram reis, rainhas, mordomos, mordomas, bandeireiros e bandeirinhas ... E me pego reconstruindo essa memória em mim, em meu corpo, sendo abraçada por todos os sentidos.

Parafraseando Milton Nascimento, há uma menina que caminhou ao meu lado durante esta escrita, dando-me a mão. Ela segue soprando palavras que ressoam dentro de mim, incessantes, como um eco antigo. Palavras de pertencimento a um universo que me foi tomado, deixando para trás uma estrutura incompleta, uma coluna vazia de peças, um quebra-cabeça à espera de ser montado.

Carrego um passado que insiste em habitar o meu presente. E, por meio da arte, da fotografia e do audiovisual, vejo se desenhar, pouco a pouco, as imagens desse tempo que me foi negado. As fotografias expostas nesta tese não são apenas registros; são fragmentos vivos, peças que, talvez, ao se encaixarem, concretizem o que sempre foi abstrato: minha história, minha ancestralidade. Uma história que não é só minha, mas também daqueles que, de alguma forma, fazem parte da festa.

Essa menina me fala de tempos bonitos, de memórias que se encaixam “justinho” no meu presente. Ela conta sobre os dias vividos ao lado da mãe, das irmãs, da avó e do avô. E suas lembranças despertam em mim os cheiros, os gostos, os gestos que ainda hoje me atravessam. Vejo-me agora, diante de uma fotografia, e recordo o aroma do defumador preenchendo a casa. Vejo minha mãe, minha avó, segurando aquela velha lata de leite com alça de arame, espalhando a fumaça pelo lar — como quem espalha proteção e pertencimento.

Escrevo olhando para essa menina de olhos de jabuticaba e pele de chocolate, com seu sinal de beleza no lado esquerdo do rosto. A mesma menina que

saboreava os doces trazidos pela avó das festas de santo. Na fotografia, ela veste o uniforme escolar, tem apenas dez anos. Mas é ela quem me guia agora, quem segura minha mão e me leva para esta jornada — sempre ao lado de minha avó.

3.3 - Experiência estética e estésica: demarcação dos espaços

Fotografias, vídeos, áudios se entrelaçam nessa construção de memórias como galhos de uma árvore onde me encaixo e através dessa arte de registrar momentos da festa, busco essa conexão com minha ancestralidade. É um território que venho percorrendo e que me proporciona várias colheitas de significados, de sentidos no decorrer de mais de uma década como mulher preta, professora e pesquisadora. Professora que faz da sua pesquisa, que também faz parte do universo dos seus alunos, conteúdo de arte, trazendo análises, registros de outros artistas escritores que também tecem suas histórias por meio da arte, por meio de fios invisíveis, resgatando o que tentaram apagar, tornando visível o que sempre esteve ali, pulsando.

Há um fio que nos atravessa. Um fio que vem de longe, trançado por mãos que não vimos, mas sentimos. Está no tecido das histórias sussurradas em noites de quintal, nas palavras que ecoam de bocas que vieram antes de nós, nas imagens que insistem em resistir ao esquecimento. O que seria de nós sem essas narradoras, sem essas artistas que desenterram memórias, que dão rosto ao que tentaram apagar?

Rosana Paulino borda rostos sobre panos como quem tenta restaurar um tempo interrompido (Foto 52). Suas mãos costuram o que foi rasgado, refazem os mapas das nossas origens. Entre seus fios, estão as mulheres que vieram antes, mães, avós, filhas, silenciadas pela história, mas gritando em sua arte. Cada ponto de sua agulha é uma costura na pele do tempo, um remendo no que quiseram despedaçar. Seus trabalhos são um chamado — e nós, que olhamos para eles, ouvimos o chamado ressoar dentro de nós.

Fotografia 52: Parede da Memória, 1994-2015. Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo.
Doação da Associação Pinacoteca Arte e Cultura – APAC, 2016.



Foto: Isabella Matheus / Pinacoteca. Disponível em:
<https://amlatina.contemporaryand.com/pt/editorial/rosana-paulino-the-suturing-of-history/>

E se a arte de Rosana é um fio tecido no espaço, a escrita de Conceição Evaristo é um fio tecido no tempo. Ela escreve para que as memórias não se dissolvam, para que a vida das mulheres negras não seja apenas nota de rodapé. Sua escrevivência não é apenas literatura, mas uma continuidade da oralidade, uma forma de inscrever no papel aquilo que o corpo nunca esqueceu. Suas palavras escorrem como águas de rio antigo, carregando histórias que não são só dela, mas de todas nós.

Grada Kilomba também escava, mas seu território são os mitos, as narrativas que foram contadas de nós sem nós. Sua escrita nos devolve o direito de narrar, o direito de ocupar a cena como protagonistas e não como sombras. Quem tem o poder de contar a história? Quem decide os nomes das coisas? Grada nos mostra que recordar é resistir, que recontar é reconstruir. Suas palavras são como espelhos, e neles nos vemos — às vezes com dor, às vezes com fúria, mas sempre com a certeza de que estamos ali, inteiras.

E então há bell hooks, que fala do amor como quem fala da terra. Amor como raiz, como instrumento de libertação. Seu pensamento nos ensina que a arte e o afeto

são atos de resistência, que amar a si mesma, amar as suas, é um enfrentamento político em um mundo que tantas vezes nos disse que não éramos dignas. Amar, para bell hooks, é um refazer-se constante, um abrir de caminhos onde antes só havia muros.

Essas mulheres — Rosana, Conceição, Grada, bell — nos chamam de volta para casa. Uma casa que nunca foi feita de tijolos, mas de lembranças. Uma casa que foi construída na palma das mãos das nossas avós, no cheiro do defumador que percorre os corredores da infância, na voz que canta baixinho uma ladainha que não sabemos de onde vem, mas que reconhecemos.

3.3.1. Tecendo memórias: imagens e ancestralidade:

Neste espaço, as imagens serão usadas para uma arquitetura e ambientação de uma casa que também é minha, da minha avó, dos meus ancestrais e tomo a liberdade de encher as páginas como quem forra as paredes com revestimento, fugindo do padrão de uma tese escrita para academia.

São imagens de espaços importantes que fazem parte de cenários da Festa do Divino de dona Benedita. Lugares por onde minha avó transitou e que hoje adentro fazendo essa mescla de tempo e espaço, um misto de ir e vir com poesia.

3.3.2. O Mastro e a Rua: raiz fincada no tempo

O mastro ergue-se como uma espinha dorsal da festa, fincado no chão que sustenta os passos de quem vem e vai. Ali, na rua em frente à Casa do Divino, a festa se anuncia para o mundo, conectando o sagrado ao profano, a tradição ao presente. O mastro, mais do que um símbolo, é um chamado, uma lembrança de que a fé e a ancestralidade não se limitam às paredes da casa: elas se expandem pelo espaço público, ressoam no chão de quem dança, nas vozes que ecoam ao redor. Neste espaço aberto, a festa respira, pulsa e se inscreve na cidade. (fotografias 50, 51, 52 e 53)



Fotografia 53: Cortejo após a Missa de Domingo de Pentecoste. A rua é o palco.
Fonte: Adriana Tobias, 2023



Fotografia 54: O Mastro, seu Bedel, a Casa e o Cortejo.
Fonte: Adriana Tobias, 2023

Ali onde a rua se dobra à festa, onde os pés descalços tocam o chão quente, ergue-se o mastro. Não é só um pedaço de madeira hasteado, é raiz, é promessa. Minha avó passava por ali com passos firmes, o olhar adiante. Ela sabia que antes mesmo do altar, a festa começava ali, no meio do caminho de todos, na rua aberta como um ventre de terra. Quando olho minhas fotos, vejo a sombra do mastro estendida sobre o chão: ele se move com o tempo, mas nunca deixa de apontar para o alto. Todos os olhares são voltados para ele! Ele é recoberto de bebidas, frutas e murta, que por dias serão banhados pela luz do sol. Bem cuidado, é erguido pra reinar em frente a casa de festa, por onde todos passarão e verão que ali, acontece uma Festa. Paralelo aos postes de iluminação pública, à noite compõem um espaço que se mistura ao urbano e as luzes da noite do Quilombo Urbano Liberdade.



Fotografia 55: Rua fechada - Grande Festa do Domingo de Pentecoste.
Fonte: Adriana Tobias, 2024



Fotografia 56: Levantamento do mastro.
Fonte: Adriana Tobias, 2024

3.3.3. Sala da Tribuna – O Portal para o Sagrado

A tribuna é um limiar, um espaço onde o visível e o invisível se encontram. É ali que o sagrado se manifesta, que as caixas entoam os toques que atravessam o tempo e os corpos, que as crianças ocupam seus tronos como pequenas majestades de um reinado efêmero, mas carregado de significado. O altar, com seus adornos e imagens, não é apenas um enfeite: é uma memória encarnada, um relicário de devoção e continuidade.



Fotografia 57: Sala da Tribuna
Fonte: Adriana Tobias, 2023

A tribuna se fecha ao fim da festa, mas nunca se apaga – permanece como uma fresta aberta para o sagrado, assim como a memória que carregamos. O som das caixas ressoa dentro do peito antes mesmo de ser ouvido. Os tronos das crianças, os panos estendidos, o altar – tudo ali é passagem. Consigo imaginar-me sentada ao

lado da minha avó, tentando entender o que seus olhos viam. Não era o altar, não eram as imagens. Era algo além, algo que tremia no ar como uma brasa escondida. Hoje, quando entro na tribuna e levanto minha câmera ou celular, não sei se fotografo o visível ou se tento capturar o que ela via.

A sala da tribuna e *altar* é o primeiro cômodo da *casa de festa* a ser utilizado pela corte. A maioria das cerimônias da casa de festa acontece nesta sala. As saudações acompanhadas pela orquestra, o ritual das caixeiras, as ladainhas e as eventuais “prisões” dos transgressores de preceitos, que compõem o principal conjunto de obrigações da casa, são executados diante dele, pois ali são depositados os santos.

Fotografia 58: Sala da Tribuna



Fonte: Adriana Tobias, 2024

A sala do trono e *altar* deve estar preparada para receber o cortejo visitante, possuindo um conjunto de assento-os *tronos*, que de acordo com as condições do espaço, podem ficar localizados ao lado direito e esquerdo do *altar* ou apenas de um lado. Esses assentos correspondem ao número de *festeiros* acrescidos de duas aias, no caso de imperatriz, e dois vassalos, no caso de imperador. O conjunto de assentos é montado em plano mais alto que o piso da sala em uma espécie de praticável de madeira, com um ou dois degraus revestidos com carpete com uma cor que esteja de acordo com as cores do *altar*. Durante as visitas de cada *casa de festa*, é realizada a cerimônia de troca de saudações entre visitantes e visitados, conduzidas pelos seus respectivos *mestres-sala*. Após a realização desse ritual, na frente do *altar*, na parte central da sala acontece a evolução ritualística e o toque das caixeiros, neste momento, os membros da corte encontram-se assentados e os demais presentes evitam atravessar o espaço de movimento das *caixeiros*. Após esse momento, os músicos ocupam uma das salas tocando músicas para dançar, em vários ritmos. Após a cerimônia na sala do *altar*, todos são conduzidos às salas das mesas de comida, onde se localizam as três mesas, instante em que o tema do *centro de mesa* é revelado.

Fotografia 59: Sala da Tribuna
Fonte: Adriana Tobias, 2024





Fotografia 60 e 61: Sala da Tribuna
Fonte: Adriana Tobias, 2024



Enquanto espaço Santificado, a sala da residência, descaracterizada com a ausência do mobiliário comum, deixa de ser um espaço de descanso e descontração e transforma-se em um ambiente ritualístico e aberto a público. A sala recebe uma decoração especial. Com adereços em cores apropriadas à festa e à figura representada pela criança ou adolescente, cabendo somente ao *imperador ou imperatriz* utilizar as cores vermelha, e o mordomo-régio, o verde, que são cores próprias destes membros da corte. Na sala, pode-se encontrar o *altar*.

Durante as visitas da corte às casas de festas, o *império* adentra à sala e acomoda-se nas cadeiras delicadamente vestidas, enquanto isso, as *caixeiras* entoam cantos acompanhados de batuques e dançam ao lado das bandeireiras, apresentando uma coreografia delicada e própria da festa.

Ao olhar imagens da lavagem do Bonfim, enviadas por minha psicoterapeuta, fiquei encantada ao observar tanta proximidade com algo que nunca vivenciei. “As fotografias parecem ter cheiro”, disse eu. E realmente tem, pois elas se conectam com as memórias dos festejos que já presenciei. Eram imagens de mulheres negras vestidas de branco, chamadas de baianas, com vasos de flores e água de alfavaca, imagens referentes ao percurso do cortejo, que despertou em mim, o desejo de ir até Salvador viver mais esta experiência, o que é na verdade, uma conexão aos meus ancestrais.

3.3.4. Sala dos Bolos – O Esplendor e a Celebração

Neste espaço, a festa se torna imagem, sabor, cor e textura. Os bolos, meticulosamente confeitados, são oferendas visuais e gustativas, pequenos monumentos de doçura e gratidão. Os tecidos que adornam o espaço criam uma atmosfera de encantamento, um cenário onde a devoção e a estética se entrelaçam. Cada bolo carrega uma história, uma promessa, um desejo, e ao serem colocados lado a lado, formam um mosaico de memórias açucaradas.

No espaço onde os bolos e lembrancinhas se enfileiram como oferendas, há um cuidado que vai além do açúcar. Cada um deles é um gesto de gratidão, uma prece confeitada. Aprendi a olhar além da cor das coberturas, além das rendas e laços. Agora, ao olhar as fotos, penso se capturei a intenção ou apenas a forma. Se a doçura se imprime na imagem ou se fica guardada na memória dos que provaram.



Fotografia 62: Imperador Ravy e sua tia Marly
Fonte: Adriana Tobias, 2024



Fotografia 63: família do Imperador Ravy
Fonte: Adriana Tobias, 2024



Fotografia 64: Sala do bolo
Fonte: Adriana Tobias, 2024

3.3.5. Sala da Refeição – partilha e abundância

A grande mesa é o coração da partilha. Em torno dela, os corpos se aproximam, o alimento circula e a tradição se renova no gesto simples, mas essencial, de comer junto. O ritual das refeições na festa não é apenas uma questão de sustento, mas de pertencimento. Todos são convidados a se alimentar, como se a fartura fosse também um princípio espiritual, um pacto de cuidado e acolhimento. O alimento, preparado com zelo, nutre não só o corpo, mas a própria ideia de coletividade.



Fotografia 65: Sala da Refeição.
Fonte: Adriana Tobias, 2024

A grande mesa não se sente sozinha. Ela chama, ela abraça. Minha avó já esteve ali, servindo e sendo servida, sustentada pela comida e pelo rito de repartir. Cada prato posto, cada colher que circula de mão em mão carrega um nome, uma lembrança. Na festa, ninguém sai de mãos vazias, e talvez seja isso que nos sustenta o ano todo. Vejo nas fotos os rostos inclinados sobre os pratos fumegantes. Penso nos rostos de antes, nos sorrisos de minha avó quando via um prato cheio.



Fotografia 66: Sala da Refeição sendo organizada pelas madrinhas da mesa do café da manhã.
Fonte: Adriana Tobias, 2024



Fotografia 67: A Corte em seu momento de refeição.
Fonte: Adriana Tobias, 2023



3.3.6. A Cozinha – onde o tempo ferve nas panelas

A cozinha, embora muitas vezes invisibilizada, é o núcleo vital da festa. É ali que as mãos se movem em sincronia, que os cheiros se misturam, que o alimento toma forma para que nada falte a ninguém. Cozinhar na festa do Divino não é apenas uma tarefa, mas um ato de amor e devoção. A cozinha é resistência e generosidade, é a prova de que a abundância não se mede apenas pelo que se tem, mas pelo que se compartilha.



Fotografia 68: A Cozinha
Fonte: Adriana Tobias, 2023

Ali, onde o calor é outro, onde as mãos não param, a festa se faz alimento. Minha avó passava por ali com reverência: sabia que a cozinha é um espaço sagrado. Ela também cozinhava, e lembro do gosto da sua comida. “Gosto de comida de Festa de Santo!”. Não há reza que se sustente de estômago vazio. Quando passo por esse lugar, penso nela. Penso nas mãos que mexem os tachos, no cheiro que sobe, no tempero que atravessa gerações. A cozinha é continuidade. O que se prepara ali é mais do que comida: é sustento, é memória.

Fotografia 69 e 70: A Cozinha em detalhes.
Fonte: Adriana Tobias, 2023



Considerações finais: O choro do encerramento (ou continuação)

Essa escrita, na verdade, é a continuidade da minha caminhada como mulher preta, pesquisadora e arte-educadora, que já sente toda ela como parte do meu corpo, parede da minha casa, a tinta, as cores, as colunas e os cômodos que agora estão impregnados de sentidos. Uma casa com características próprias, banhada de alfazemas e defumada por minhas ancestrais.

Remeto-me ao encerramento da minha graduação em Educação Artística, àquela Adriana nervosa, tímida, mas que já escrevia, rabiscava, aprendia. A Adriana que defendeu sua dissertação de mestrado, buscando despertar a valorização da cultura do educando por meio da Festa do Divino. E agora, uma Adriana que se apropria do que é seu, do seu espaço, reparando uma falta no passado, mas que, ao mesmo tempo, foi presença através de sua avó.

Escrevi realizando essa arquitetura feita de sentidos, juntando imagens do passado, referências de artistas e minhas fotografias, montando um quebra-cabeça essencial para a conclusão deste trabalho e dessa minha busca pelo pertencimento.

Nesta caminhada, por entre várias Festas do Divino, sempre busquei visualizar minha avó entre inúmeros rostos de mulheres e no timbre de suas vozes ao entoarem as canções ao Divino. Esse misto de sensações – cheiros, texturas, sabores e sons – me permitiu reencontrá-la. Encontrei Dona Dionésia nos espaços sagrados, nos corredores e salas, no sabor da comida, na textura das coisas. Falar sobre essas mulheres, que fazem do contato com o sagrado um ato político, é reconhecer que elas são muito mais que donas de casa, mães e avós: são guardiãs da tradição, e, durante os dias de Festa, dedicam-se inteiramente ao Divino.

Adentrar as memórias das tias, das avós, os relatos orais, as vivências, crenças, sonhos e pedidos é o que venho buscando. Apropriar-me desses relatos, das imagens fotográficas, dos objetos, dessa memória viva. Uma busca constante desse elo com a Festa, do ontem com o hoje, do passado com o presente.

Em outro momento, concluí um artigo no qual escrevi a seguinte frase:

“A tribuna está fechada, os espaços estão vazios, à espera das três pancadas da caixa do Divino. Por enquanto, o festejar será adiado até o dia da próxima abertura da tribuna da Festa do Divino 2021, 2022... Espero que seja logo.”

Como torci para que essa pandemia acabasse logo. Hoje, estou aqui, finalizando um trabalho sobre esse ciclo da Festa que foi interrompido, mas pôde ser

retomado, reencontrando seu lugar na memória dos mais novos e na lembrança dos mais velhos.

O festejar está presente desde o sentir das ruas do bairro da Liberdade durante os cortejos até os momentos prévios da Festa, nos quais pude filmar o preparo da alimentação. Ele percorre o privado e o público, atravessando esse vai e vem de significados. O festejar tornou-se um dos verbos mais fortes da minha pesquisa, justamente porque veio após esse período adormecido de celebração. As roupas repousaram, as caixas se recolheram, aparecendo apenas para salvas, as paredes descansaram, nuas, sem suas vestes santificadas. Mas o festejar ressurgiu em 2022, seguiu em 2023 e 2024, e já caminha para a Festa de 2025, que acontecerá entre o final de maio e o início de junho.

O festejar, verbo potente, não poderia estar distante desta pesquisa, mesmo diante das incertezas do período pandêmico. Uma hora ou outra, ele aconteceria, como me contaram Seu Bedel e Dona Albina, participantes da Festa.

Transcender, adentrar e festejar são verbos que traduzem minha pesquisa e toda essa jornada – entre as descidas e ladeiras do Quilombo Urbano Liberdade, entre o sol escaldante e o céu estrelado, entre as luzes frias dos postes e as artes estampadas nos muros por onde passamos.

Transcender é ir além das paredes das casas que fazem parte de mim, que estão vivas e quentes em minha memória.

O choro carregado de emoção se faz presente em vários momentos da Festa: nas lágrimas de Seu Bedel ao carregar o santo durante a grandiosa Festa de 2023, no canto das caixeiras, nas rezas – indicativos de promessa paga, de um ciclo que se fecha para que outro possa começar.

Escrever esta tese foi como erguer uma casa com bases em teorias e interfaces epistêmicas em artes.

Que este seja um Divino fechamento, assim como se fecha a tribuna: com choro de alegria, votos para os próximos anos e a bênção de minha avó. *Até para o ano, se nós vivo for*”.(Foto 71)



Fotografia 71: Fim de Festa, Salão vazio.
Fonte: Adriana Tobias, 2023

Álbum de fotografias

Licença poética de imagens



Reflexo de uma pesquisadora durante pandemia da Covid 19 - 2022



Meu caminho da infância e do agora - 2022

Para! Respira!
Observa!



Domingo de Pentecoste - Salva para o Divino - 2022





Comida para todos! A fartura mesmo em tempo de pandemia.



Minha prima Keiliane e minha tia Mercês - meus amores!



Meus pés sobre o piso da casa de Festa



O altar e eu



Café da manhã.



Madrinha Francimar

FOTOGRAFIAS 2023

IMAGENS SÃO PALAVRAS

A FESTA CONTINUA

Missa de Domingo de Pentecostes

































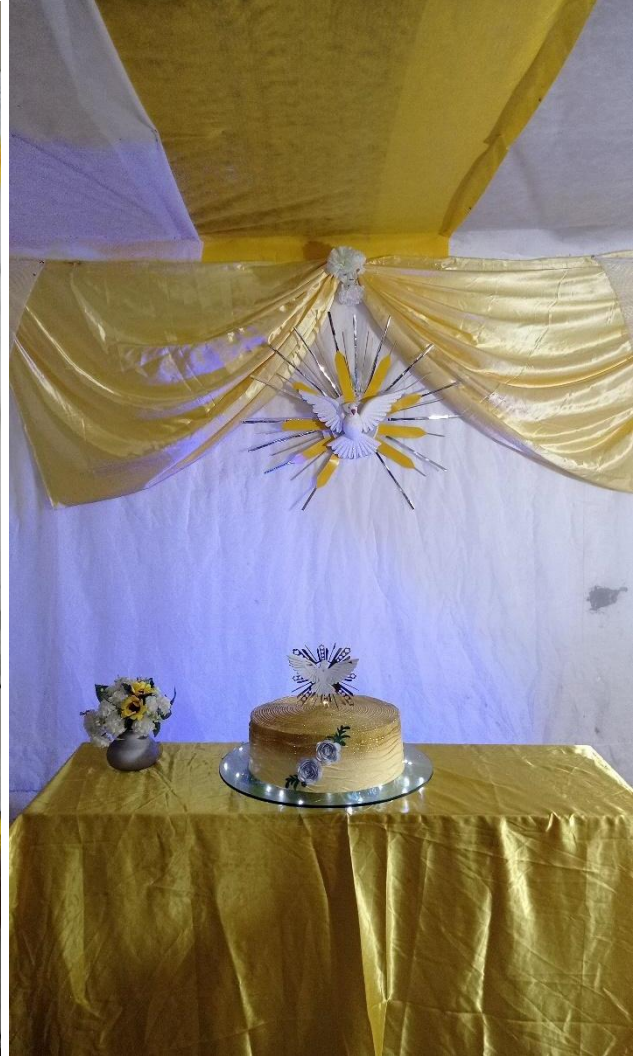


6











Fotografias 2024

Casa da minha prima Keiliane, Quilombo Liberdade. 2024



Recortes de Domingo de Pentecostes e derrubada de mastro - 2024













REFERÊNCIAS

- ALVORADINHA. Intérprete: Mônica Salmaso. *In*: Caipira. Intérprete: Mônica Salmaso. [s. l]: [s.n], 2017. Disponível em: encurtador.com.br/iqCFJ. Acesso em: 11 maio 2021.
- ANGELOU, Maya. **Carta a minha filha**. Rio de Janeiro: Agir, 2019.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARBOSA, Marise. **Um as mulheres que dão no couro**. São Paulo: Empório de Produções e comunicação, 2006.
- CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen Livros, 2019
- COSTA, Angela de Cássia; LINHARES, Jairo F. P; RODRIGUES, Maria Ivanilde de A. **O quilombo urbano da Liberdade frente a negação de direitos em tempos de pandemia de Covid – 19**. 33ª Reunião Brasileira de Antropologia – RBA, 33º. Paraná. *Anais...* Paraná. Disponível em: <https://www.33rba.abant.org.br/arquivo/downloadpublic?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyl7czoZNToiYT0xOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSZPljtzOjQ6IjI4MDgiO30iO3M6MT0iaC17czoZMjoiMjZkYTU2OGFiZTY0MTFhZjNkM2RhYWNjMGM1NjRjM2MiO30%3D> (acesso 20/01/2024)
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes do fazer/Michel de Certeau; Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 2010.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e profano: a essência das religiões**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- Evaristo, C. (2020b). **A escrivência e seus subtextos**. In: Duarte, C. L. & Nunes, I. R. (Org.). *Escrivência a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. (pp.26- 47). Mina Comunicação e Arte.
- hooks, b. (2019). *Anseios: raça, gênero e políticas culturais*. São Paulo: Elefante, 2019.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- .FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. **Desceu na guma o caboclo do tambor de mina em um terreiro de São Luís a Casa Fanti Ashanti**. São Luís: EDUFMA. 2000.
- FERRETTI, Sérgio Figueiredo. **Repensando o Sincretismo**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo; São Luís: FAPEMA, 1995.
- FERRETTI, Sérgio Figueiredo. **Sincretismo e religião na Festa do Divino**. Encontro Internacional sobre o \divino. São Luís-SESC/MA, 2007. Disponível em: www.repositorio.ufma.br:8080/jspui/handle/1/191 . Acesso em: 18 abr.2018.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HARTMAN, Saidiya. **Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais**. São

Paulo: Fósforo Editora, 2022.

.LIMA, Carlos de. **Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara**. 2ª Ed. Brasília: Fundação Nacional Pré- memória/ Grupo de trabalho de Alcântara, 1998.

MARTINS, Bene. Nos fios da memória, a emaranhada tessitura do ser. **Ensaio Geral**, Belém, v3, n.5, jan-jul, 2011 (p. 166 - 177).

MARTINS, Leda. *Afrografias da memória: o reinado do Rosário do Jatobá*. 2.ed. Belo Horizonte: Mazza Edições; São Paulo: Editora Perspectiva, 2021

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. *In*: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naif, 1974.

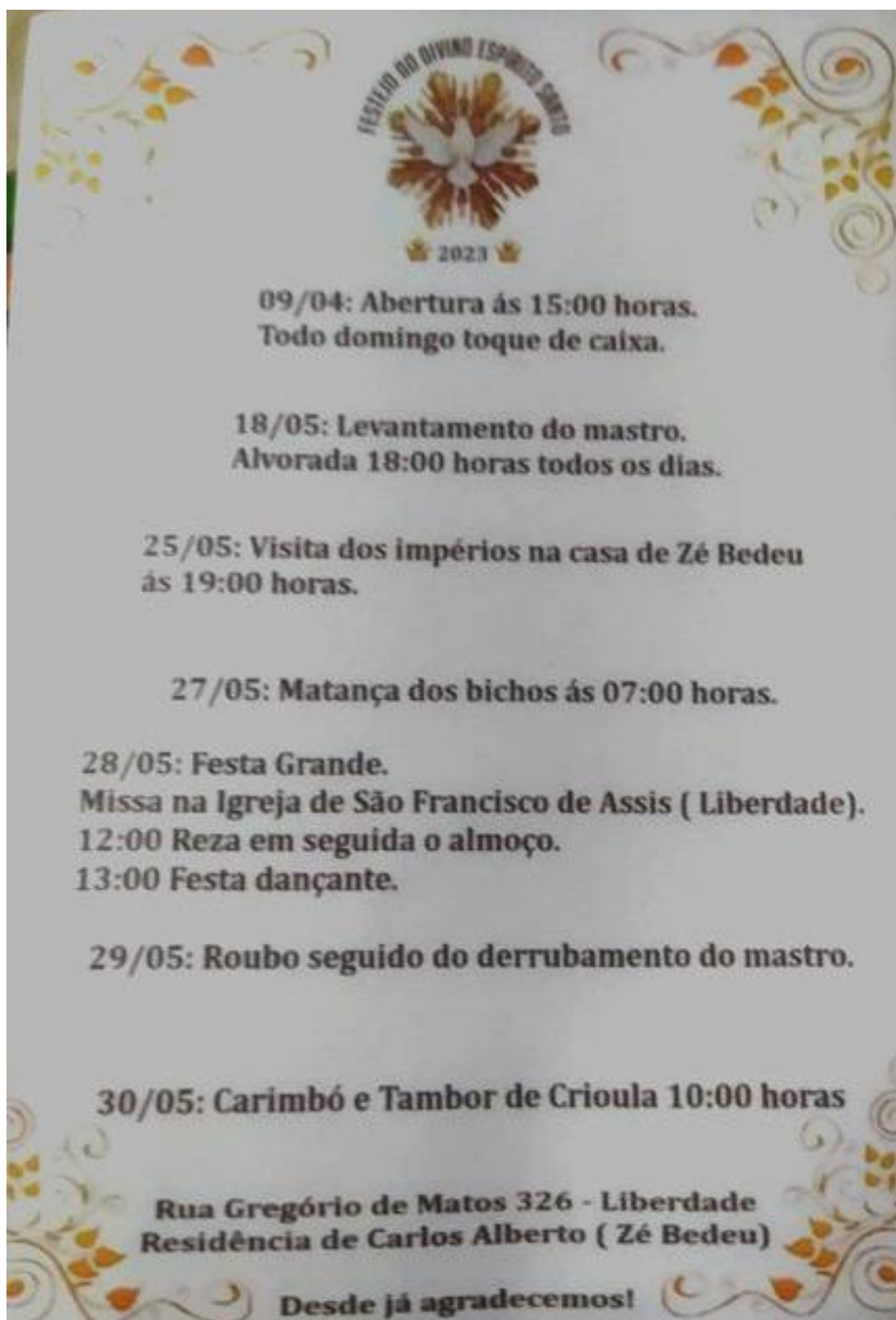
OLIVEIRA, Ana Claudia de. A estesia como condição do estético. *In*: OLIVEIRA, ANA CLAUDIA DE; LANDOWSKI, ERIC (org.). **Do inteligível ao sensível**. São Paulo: EDC, 1995.

PRADO, Regina. Todo ano tem! As festas a estrutura social camponesa.

MARANHNHÃO, EDUFMA. 2007.

ANEXOS

Convites - 2023 e 2025



Festa do Divino Espírito Santo 2025

CONVIDAMOS A TODOS PARA MAIS UM ANO DE
FESTEJO DO GLORIOSO DIVINO ESPÍRITO
SANTO

SEGUE A PROGRAMAÇÃO :

DIA 20/ABRIL - ABERTURA DA TRIBUNA

DIA 29 / MAIO - LEVANTAMENTO DO MASTRO

DIA 05 /JUNHO - VISITAS DOS IMPÉRIO

DIA 06 / JUNHO - VISITA DO IMPERADOR

(SÍTIO DO MEIO)

DIA 08 / JUNHO - CELEBRAÇÃO DA MISSA NA

IGREJA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

(AS 7 HORAS DA MANHÃ)

LOGO APÓS CAFÉ DA MANHÃ

DIA 09 / JUNHO - DERRUBAMENTO DO MASTRO E

ENCERRAMENTO DA FESTA